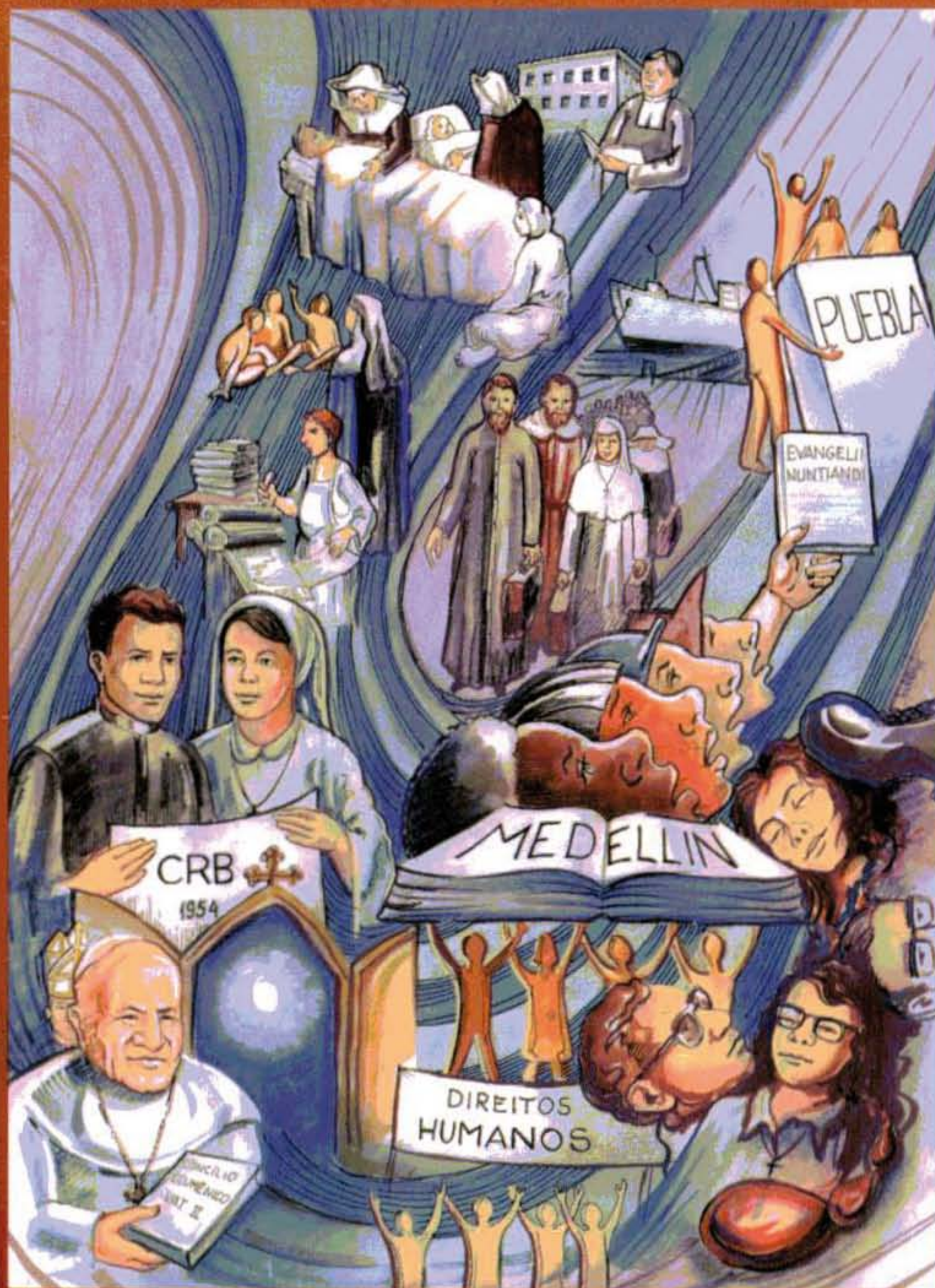


TENSÕES POSITIVAS NA ANIMAÇÃO E GOVERNO DA VIDA RELIGIOSA

— Ir. Afonso Murad, fms

SUJEITOS E VALORES EMERGENTES

— P. Luiz Bassegio, cs



CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

"SENDO DE CONDIÇÃO DIVINA,
RENUNCIOU A SI MESMO" 579
Pe. Spencer Custódio Filho, sj

INFORME CRB 581

PALAVRA DO PAPA
CARTA ÀS FAMÍLIAS – VI 586

TENSÕES POSITIVAS NA ANIMAÇÃO E
GOVERNO DA VIDA RELIGIOSA 590
Ir. Afonso Murad, fms

A CONTINUIDADE DA MISSÃO PELO
ESPÍRITO DE JESUS NO LIVRO DOS ATOS 607
Lina Boff, smr

ACOMPANHAMENTO DE CASOS
CONFLITIVOS DA VIDA RELIGIOSA 618
Pe. Victoriano Baquero, sj

SUJEITOS E VALORES EMERGENTES 631
P. Luiz Bassegio, cs

NOSSA CAPA

Detalhe do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, dos artistas populares Anderson Souza Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Após a restauração da Vida Religiosa, mediante vigoroso transplante de Congregações antigas e recentes da Europa para o Brasil, nasce uma nova caminhada. A criação da CRB, em 1954, preparou a Vida Religiosa para a marcha a que a Igreja se propõe na América Latina, nesta nova fase: participação do povo, ênfase em nossa realidade e olhos no Vaticano II, Medellín, Puebla, Direitos Humanos, Evangelii Nuntiandi... Religiosos (mulheres e homens) se misturam ao povo caminhando na mesma direção.

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 25,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 85,00

Número avulso (Brasil) US\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Atico Fassini, MS, Ir. Lina Boff, SMR e

Fr. Luis Fernando Peixoto, OFM

DIREÇÃO, REDAÇÃO,

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelândia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

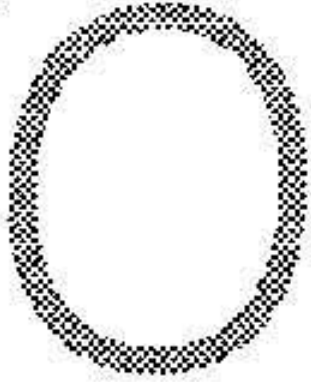
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

"SENDO DE CONDIÇÃO DIVINA, RENUNCIOU A SI MESMO"

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

 Os primeiros símbolos natalinos, com frequência cada vez maior omitindo o referencial cristão da data, começam a aparecer no visual e nas mensagens do nosso cotidiano. No próprio de nossa missão como memória evangélica articuladora talvez seja um momento privilegiado para retomarmos o olhar meditativo sobre Aquele que "sendo de condição humana, renunciou a si mesmo".

O evento Cristo não se deu em um determinado ponto do espaço e do tempo. Pelo contrário, ele abrange toda a vida histórico-humana de Jesus qualquer que seja a ênfase em um aspecto especial e "decisivo" de determinado evento singular, mesmo quando for o mais fundamental (p.ex. a Ressurreição). Na realidade, na vida e na obra de Jesus Cristo existem, como em cada vida humana, pontos culminantes e horas decisivas, de natureza toda especial. É evidente para cada um de nós, entretanto, que o Natal repercute de modo particular quer por nossa experiência cultural, quer por nossas histórias familiares e espirituais, quando nos aproximamos deste "mistério" da vida de Jesus. Isso não retira o dever de ler essa e outras passagens que nos dizem alguma coisa sobre determinado período da vida terrena de Jesus à luz e segundo os critérios de toda a Sagrada Escritura, do mesmo modo como, depois de Cristo, devemos ler e interpretar o Antigo Testamento não apenas em termos veterotestamen-

tários, mas em termos cristãos, à luz do Novo Testamento.

Situados neste ponto, podemos perceber o mistério de Natal como a entrada do Filho naquela humanidade que não foi a mesma formada para a "plenitude dos tempos" sonhada pelo Pai. A primeira fase do mistério da entrada de Jesus na existência humana constitui o começo da "quénosis", do "ter-de-se-despojar" de Deus para se tornar próximo da humanidade pecadora a partir da concepção no seio de Maria. Este é o princípio básico de toda vocação cristã: despojar-se para inserir-se historicamente ao lado daqueles mais desprovidos e julgados.

O primeiro artigo de CONVERGÊNCIA neste mês, de autoria do irmão Afonso Murad, de nossa Equipe de Reflexão Teológica, procura desvendar essa dimensão natalina no ato obediencial, quer do lado de quem o provoca, quer do lado de quem o recebe, como um momento de discernimento de uma vida no Espírito, acolhendo os Seus apelos e respondendo a eles de forma a mais conveniente possível, lá onde o clamor de Deus se faz "grito". Para isso exige-se uma quénosis, um "abaixamento" que implica uma espiritualidade de comunhão-participação vivida em contato com a modernidade, reelaborando os resquícios e novas manifestações do autoritarismo intra-ecclesial e societário, tendo presente o fenômeno da transversalidade e

as crescentes exigências em âmbito pessoal, comunitário e institucional.

Da leitura do livro dos Atos dos Apóstolos, ir. Lina Boff smr nos conduz da experiência quenótica à querigmática: despojar-se para anunciar o ressuscitado, sempre movidos pelo Espírito que determina o perfil da pessoa que anuncia e daquela que escuta e acolhe o anúncio. São pessoas concretas, com história e afetividade envolvidas no processo espiritual. P. Vitoriano Baquero sj contribui com a proposta de caminhos que permitam uma libertação mais efetiva para responder à vocação que as pessoas, particularmente religiosos/as, experimentam em suas vidas.

P. Luis Baseggio cs, da CNBB e da Equipe de Reflexão Justiça e Solidariedade da CRB-Nacional, nos apresenta finalmente um quadro dos sujeitos e valores emergentes na realidade brasileira, compondo o "presépio" onde a vida religiosa é chamada a viver sua encarnação.

Ao mesmo tempo que CONVERGÊNCIA deseja a cada um/a dos seus leitores/as e comunidades religiosas uma celebração de Natal plena da presença dAquele que nos amou primeiro, une-se em oração para que um despojamento cada vez maior, em todos os níveis, torne a todos nós tão indefesos quanto o Deus-menino do presépio. Estaremos, assim, dando glória a Deus nas alturas, solidários na terra com todas pessoas de boa vontade...

1. PASTORAL VOCACIONAL NA ÓTICA DA CULTURA NEGRA

O objetivo deste informe é apreciar alguns aspectos da Pastoral Vocacional, no que diz respeito à inculturação, sobretudo em relação à cultura negra e indígena, visando oferecer aos agentes de Pastoral Vocacional elementos para uma nova reflexão, visando superar deficiências impostas pela história brasileira ao povo negro, e que foram assimiladas pela Igreja.

É necessário, portanto, que a Pastoral Vocacional respeite todas as culturas, mas dê especial atenção à cultura negra, visto ter sido esta, juntamente com a cultura indígena, a mais desrespeitada em toda a nossa história.

É necessário que o vocacionado ou vocacionada negros tenham militância nos grupos negros, e que esta militância seja reconhecida no seu processo de formação integral.

1. Promotor Vocacional

O promotor vocacional precisa levar em conta que a família é a primeira comunidade negra da qual fazemos parte, e também uma das fontes de nossa opção vocacional. Por isso nossa relação com a família deve ser priorizada. Nossa entrada nas Congregações e Seminários não deve implicar o rompimento de nossos valores culturais e familiares. Fontes às quais temos sempre necessidade de voltar.

Santo Domingo nos alerta para o perigo de se fazer um tipo de Pastoral Vocacional que obrigue ou leve o jovem a se afastar de sua cultura familiar, econômica

e social. A desintegração familiar pode impedir uma experiência de amor que prepara para a entrega generosa de toda a vida (SD n.79).

De certa forma é preciso que a Pastoral Vocacional, vivendo de perto toda a problemática de marginalização e do racismo que pesa sobre o povo negro, esteja atenta a todos os sinais de abertura para com os vocacionados negros e negras. A Igreja da América Latina, que tem trabalhado e acompanhado de perto esta problemática, percebeu que é preciso dar espaço ao jovem oriundo da raça negra para que ele possa refletir sobre sua vocação e sua caminhada.

O documento de Santo Domingo vem nos advertir ainda que a Igreja quer apoiar os povos afro-americanos, na defesa da sua identidade e no reconhecimento dos seus valores; bem como cultivar e manter vivos seus usos e costumes, compatíveis com a doutrina cristã (*João Paulo II, mensagem aos afro-americanos n.5*).

É preciso que se leve em consideração a inculturação, na preparação das equipes da Pastoral Vocacional de nossas Congregações, Ordens e Dioceses. Só assim os agentes da Pastoral Vocacional poderão se conscientizar da necessidade de conhecer e respeitar as diversas culturas que entram na formação do nosso povo. É necessário que na Evangelização se levem em conta as diferentes culturas, tendo em vista, de especial modo, os elementos culturais da raça negra.

2. Uma Pastoral Vocacional consciente

A Pastoral Vocacional consciente é a que deixa o candidato fazer uma opção, sem precisar romper com sua cultura. Uma evangelização inculturada é a que parte da realidade e possibilita verdadeira promoção vocacional.

A Pastoral Vocacional não deve levar o candidato ou a candidata a sentir vergonha da própria cultura. Nem arrancar os candidatos dos grupos populares e das suas origens.

O vocacionado oriundo do povo negro, à medida que ele vai se descobrindo, toma consciência e passa a ter visão crítica da sua realidade.

Os processos de conscientização e os esforços de mudança que se estão realizando no trabalho da Pastoral Vocacional devem ser garantidos pela formação de líderes e comunidades que multipliquem e sustentem estes esforços, de tal modo que possam iluminar sua própria realidade a partir do Evangelho e da fé, em ordem ao seu processo de libertação.

Seja desenvolvido nos vocacionados negros o senso crítico que lhes permita contribuir com o melhor de si mesmos para o fortalecimento das organizações de caráter popular, numa linha evangelizadora. Nas casas de formação, leve-se em consideração o que já foi vivido pelos jovens, evitando o rompimento com os valores adquiridos nas etapas anteriores, a fim de que eles:

- Mantenham sua sensibilidade com relação aos pobres.
- Recebam ajuda para evitar situações de aburguesamento.
- Superem as atitudes individualistas.
- Sustentem seu dinamismo de criatividade já adquirido.

Em vista do número de vocações oriundas do povo negro, vê-se que chegou a hora de as Congregações, Ordens e Dioceses trabalharem mais nos meios populares para incentivar estes jovens. Por outro lado, sendo ainda uma minoria as vocações negras, necessária se faz a presença delas nos grupos e nos meios populares, como meio de testemunho.

Precisamos estimular as vocações oriundas de todas as culturas presentes em nossas Igrejas particulares. O Papa nos convida a prestar atenção às vocações indígenas (SD n.80). Portanto, precisamos rever a orientação da formação oferecida em cada um dos nossos Seminários, Casas de formação, para que atenda às exigências da nossa evangelização, bem como para a promoção humana e a inculturação do Evangelho (SD n.84).

Além do aparecimento do vocacionado negro(a), também tem havido ultimamente ordenações presbiterais de vários candidatos negros, bem como celebrações em que jovens negros e negras se consagram à vida religiosa. Isso significa que tem crescido bastante a evangelização com a cultura negra e as demais culturas. Aqui pode-se afirmar que é compatível com o desejo e a evolução do pensamento de João Paulo II: *"Peço a Deus que nas comunidades cristãs surjam também numerosas vocações sacerdotais e religiosas, para que os afro-americanos do Continente possam contar com ministros provenientes de vossas próprias famílias"* (SD, mensagem aos afro-americanos, n.5).

Conclusão

Concluo dizendo que precisamos lutar por uma Pastoral Vocacional empenhada no processo de inculturação e que ajude os vocacionados negros e negras a refletir sobre a sua própria caminhada. Bem como as Dioceses e Congregações trabalhem para que haja mais espaço para a formação de

líderes e também de religiosos e religiosas preparados para este trabalho. Para nós é importante que tenhamos certeza de que esta é uma caminhada de luta, como Igreja. Mas que representa muito pouco, visto que temos de caminhar muito ainda. Lem-

bramos de modo especial os vocacionados que são convidados a unir forças para dar uma resposta eficiente aos atuais desafios da Igreja e do mundo, de modo especial no campo da formação e da Pastoral Vocacional.

2. CONCURSO "TEOLOGIA JOVEM"

Em comemoração de seu 10º aniversário de fundação, SOTER-Sociedade de Teologia e Ciências da Religião lança em 1995 um concurso intitulado "Teologia Jovem". Trata-se de um *concurso de monografias* no nível da conclusão do curso básico de Teologia. Regulamento do concurso:

1. OBJETIVOS: A finalidade é animar nossos jovens a persistir na pesquisa e elaboração teológica; incentivar as Faculdades e Institutos Teológicos a prosseguir no ensino e pesquisa; tornar conhecidas as boas Instituições no ramo.

2. PARTICIPANTES: Podem participar estudantes de Teologia que ainda não terminaram o curso básico; ou que já o fizeram no máximo há três anos (dezembro de 1991); e os que ainda não tenham ingressado no ciclo de pós-graduação.

3. MONOGRAFIA: O objeto do concurso é uma monografia original de autoria do participante, que pode (ou não) ser a mesma exigida para efeitos de conclusão do curso básico, sob orientação de um professor. Deverá estar escrita a máquina, perfazendo entre 50 e 100 páginas de texto.

4. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO: Os critérios de avaliação serão aplicados com plena autonomia por uma equipe convocada pela Presidência da SOTER, atribuindo pesos de apreciação da monografia segundo seu:

- a) embasamento teológico-científico atualizado;
- b) criatividade do tema;

- c) pertinência do tema ao contexto latino-americano;
- d) fluência de linguagem.

5. PROCEDIMENTO:

- a) Uma seleção prévia das monografias se fará pela Instituição em que o Concorrente faz ou concluiu seu curso teológico básico;
- b) Após tal seleção, cada Instituição pode recomendar até no máximo três monografias para o concurso;
- c) Uma cópia da(s) monografia(s) esteja(m) à disposição da Direção da SOTER até o dia 15 de outubro de 1995;
- d) trazendo nome, endereço e telefone do concorrente;
- e) nome, endereço e telefone do Instituto que o/a recomenda;
- f) nome do professor/a que eventualmente orientou a monografia;
- g) os exemplares das monografias não serão devolvidos.

6. PRÊMIOS: Esperamos concluir a avaliação das monografias até o dia 20/11/95, quando se dará a premiação com os valores correspondentes a dólares americanos na seguinte escala:

1º lugar: mil dólares

2º lugar: setecentos dólares

3º lugar: quinhentos dólares

Concorrentes (até dez) que receberem "menção honrosa" receberão 200 dólares cada um/a.

7. DIVULGAÇÃO: A SOTER se encarregará de divulgar, com a proclamação dos resultados, a lista completa dos autores/as concorrentes, títulos das monografias, nomes das Instituições de onde procedem, nomes dos eventuais professores e orientadores.

8. Cabe à presidência da SOTER resolver os casos omissos, bem como dirimir com autonomia eventuais litígios no processo do presente concurso, aplicando seus próprios critérios em vista de incentivar a produção teológica no Brasil.

S. Paulo, outubro de 1994

3. LANÇAMENTO E REPERCUSSÕES DO LIVRO "BRASIL: ALTERNATIVAS E PROTAGONISTAS. POR UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA"

O livro da 2ª Semana Social Brasileira foi lançado em Goiânia com a presença de 400 pessoas, numa cerimônia presidida por D. Antônio Ribeiro, arcebispo de Goiânia.

Vários participantes da 2ª Semana Social Brasileira testemunharam a importância do evento. A Dra. Augusta Santos Antunes Oliveira partilhou o processo da 2ª Semana Social Brasileira, destacando a riqueza das experiências regionais apresentadas no evento e as várias organizações dos sujeitos emergentes.

A sindicalista Maria Aparecida da Costa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, e a Ir. Iara Falcão de Almeida destacaram a esperança de uma Igreja comprometida com a luta dos pequenos. Luta que a capa do livro expressa com o trabalhador construindo, num esforço conjunto, a nova sociedade.

Dois jornais de Goiânia, entre os quais O Popular, publicaram artigos sobre o livro. A TV local deu cobertura ao lançamento.

Um membro da coordenação da Semana Social Regional deu uma longa entrevista à Rádio Difusora destacando o eixo central da 2ª Semana Brasileira: a Ética e a Subjetividade.

De 21 a 24 de abril, 28 Irmãos de 11 congregações encontraram-se em Bertioiga,

litoral paulista, na casa dos Irmãos do Sagrado Coração.

Tivemos a presença, o tempo todo, de Ir. Isabel, da CRB/SP, que muito nos apoiou, e de Ir. Nery, lassalista, que nos assessorou com o tema "O IRMÃO E SEU CARISMA NA PASTORAL", com dinâmicas participações. Conseguiu agradar a todos, principalmente na condução dos diálogos dos plenários.

O Encontro de Irmãos foi muito humano. Sentimo-nos verdadeiramente acolhidos e valorizados, apesar das diferenças de idade no grupo. Parecíamos ser todos da mesma congregação.

A surpresa ficou por conta dos muitos Irmãos jovens, que deram novo toque de alegria, entusiasmo, animação nas liturgias e horas de festas.

Nas apresentações de Ir. Nery, nos grandes espaços que ele cedeu à participação, podemos constatar as características de cada congregação, suas metodologias na formação, os diferentes carismas, e sentimos aumentar em nós o apreço pelo nosso próprio carisma, em busca de nossa Identidade. Agora já não nos definimos pelo que não somos (não-padres), mas pelo que somos nós, Irmãos fiéis seguidores de Cristo, consagrados, vivendo em comunidades fraternas e trabalhando juntos no Reino. Vamos abrir nosso próprio espaço

em nossas congregações, espaço que corresponda ao nosso ser religioso.

Queremos deixar algumas sugestões:

1ª Que nossas conclusões sejam remetidas a todas as congregações que têm Irmãos, no Estado de São Paulo.

2ª Haja alguém na CRB/NAC responsável pelos Irmãos.

3ª Os Irmãos da CRB/SP se organizem como "missionários" para levar às outras regionais a dinamização do setor Irmãos...

4ª Para agilizar nossas comunicações, a Coordenação dos Irmãos prepare e envie diretamente as mensagens e a CRB/SP reponha depois o que foi gasto.

5ª Após o Sínodo sobre a Vida Consagrada, uma Equipe de Reflexão se reúna para estudar as conclusões deste, no específico para Irmãos, aproveitando também

as do Congresso de Superiores Gerais havido em Roma e envie este material a todos.

6ª A Coordenação "Irmão SP" prepare um livro que contenha um capítulo para cada congregação que tenha Irmãos, destacando no texto o específico sobre Irmão.

O Grupo de Reflexão citado acima é constituído dos seguintes Irmãos: Claudenir (claretiano), Alfredo (dehoniano), Benno Backes (lassalista), Celso Martinelli (RSV), Júlio (redentorista) e Antônio Celso (somasco).

O próximo Encontro de Irmãos será realizado de 21 a 23 de abril de 1995, em local que a Coordenação vai buscar, tendo por tema as *Conclusões do Sínodo sobre a Vida Consagrada*. Será um encontro para os Irmãos da CRB/SP e convidados de outras regionais da CRB.

O GRANDE MISTÉRIO

A Igreja professa que o matrimônio, como sacramento da aliança dos esposos, é um “grande mistério”, porque nele se exprime o *amor esponsal de Cristo pela sua Igreja*. Escreve S. Paulo: “Maridos, amai as vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou, para santificar, purificando-a no batismo da água pela palavra da vida” (Ef 5, 25-26). O Apóstolo fala aqui do Batismo, de que trata amplamente na Carta aos Romanos, apresentando-o como participação na morte de Cristo para partilhar da sua vida (cf. Rm 6, 3-4). Neste sacramento, o fiel *nasce* como um homem novo, já que o Batismo tem o poder de comunicar uma vida nova, a própria vida de Deus. O mistério teândrico do Deus-homem está, em certo sentido, compendiado no evento batismal: “Jesus Cristo, Senhor nosso, Filho de Deus — dirá mais tarde S. Irineu e, com ele, muitos outros Padres da Igreja do Oriente e do Ocidente — tornou-se filho do homem, para que o homem possa tornar-se filho de Deus”.

Eis a dimensão mais sublime do “grande mistério”, o significado interior do dom sacramental na Igreja, o sentido mais pro-

fundo do Batismo e da Eucaristia. São os frutos do amor, com que o Esposo amou até o fim; amor que se esparge constantemente, oferecendo aos homens uma participação cada vez maior na vida divina.

Depois de ter dito: "Maridos, amai as vossas mulheres" (Ef 5,25), S. Paulo, numa expressão ainda mais vigorosa, acrescenta: "Assim, os maridos devem amar as suas mulheres, como aos seus próprios corpos. Aquele que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque ninguém jamais aborreceu a sua própria carne, pelo contrário, nutre-a e cuida dela, como também Cristo faz à sua Igreja, pois todos somos membros do seu corpo" (Ef 5,28-30). E exorta os cônjuges com as seguintes palavras: "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5,21).

Está é, por certo, uma apresentação nova da verdade eterna acerca do matrimônio e da família, à luz da Nova Aliança. Cristo revelou-se no Evangelho com a sua presença em Caná da Galiléia, com o sacrifício da Cruz e os Sacramentos da sua Igreja. Assim os cônjuges encontram em Cristo o *ponto de referência para o seu amor sponsal*. Ao falar de Cristo Esposo da Igreja, é de modo analógico que S. Paulo se refere ao amor sponsal. Ele reenvia ao livro do Gênesis: "O homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne" (Gn 2,24). Eis o "grande mistério" do eterno amor já presente na criação, revelado em Cristo e confiado à Igreja. "É grande este mistério — repete o Apóstolo; digo-o, porém, em relação a Cristo e à Igreja" (Ef 5,32). Portanto, não se pode compreender a Igreja como Corpo místico de Cristo, como sinal da Aliança do homem com Deus em Cristo, como sacramento universal de salvação, sem fazer referência ao "grande mistério", associado à criação do ser humano como homem e mulher e à vocação de ambos ao amor conjugal, à paternidade e à maternidade. Não existe o "grande misté-

rio", que é a Igreja e a humanidade em Cristo, sem o "grande mistério" expresso no ser "uma só carne" (cf. Gn 2,24; Ef 5, 31-32), isto é, na realidade do matrimônio e da família.

A própria família é o grande mistério de Deus. Como "igreja doméstica", ela é a *esposa de Cristo*. A Igreja Universal, e nela cada Igreja Particular, revela-se de maneira mais imediata e concreta como esposa de Cristo na "igreja doméstica" e no amor aí vivido: amor conjugal, amor paterno e materno, amor fraterno, amor de uma comunidade de pessoas e gerações. Porventura será possível imaginar o amor humano sem o Esposo e sem o amor com que Ele amou primeiro e até o fim? Somente se tomam parte em tal amor e nesse "grande mistério", é que os esposos podem amar "até o fim": ou se tornam participantes dele, ou então não conhecem plenamente o que seja o amor nem quanto sejam radicais as suas exigências. Sem dúvida, isso constitui para eles um grave perigo.

A doutrina da Carta aos Efésios encanta pela sua profundidade e *força ética*. Ao indicar o matrimônio, e indiretamente a família, como o "grande mistério" em relação a Cristo e à Igreja, o apóstolo Paulo pode reafirmar uma vez mais o que tinha dito anteriormente aos maridos: "Pelo que vos diz respeito, ame também cada um de vós sua mulher como a si mesmo"! E acrescenta: "E a mulher respeite o seu marido"! (Ef 5,33). Ela respeita, porque ama e sabe que é correspondida no amor. É em virtude de tal amor que os esposos *se tornam dom recíproco*. No amor, está contido o reconhecimento da dignidade pessoal do outro e da sua irrepetível unicidade: de fato, dentre todas as criaturas da terra, cada um deles enquanto ser humano foi escolhido por Deus por si mesmo; porém, cada um, por um ato consciente e responsável, faz livremente de si próprio um dom ao outro e aos filhos recebidos do Senhor. S. Paulo prossegue a sua exortação, coligando-se

significativamente ao quarto mandamento: “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. ‘Honra teu pai e tua mãe’, que é o primeiro mandamento que tem uma promessa, ‘para que sejas feliz e tenhas longa vida sobre a Terra’. E vós, pais, não exaspereis os vossos filhos, mas educai-os na disciplina e correção segundo o Senhor!” (Ef 6, 1-4). Assim, o Apóstolo vê implícito no quarto mandamento o compromisso do respeito mútuo entre marido e mulher, entre pais e filhos, reconhecendo nele deste modo o *princípio da estabilidade familiar*.

A maravilhosa síntese paulina a propósito do “grande mistério” apresenta-se como o compêndio, a *summa*, em determinado sentido, do *ensinamento sobre Deus e o homem*, que Cristo levou à perfeição. Infelizmente, com o desenvolvimento do racionalismo moderno, o pensamento ocidental foi-se afastando pouco a pouco de tal ensinamento. O filósofo que formulou o princípio “*cogito, ergo sum*” (penso, logo existo) acabou por imprimir à concepção moderna do homem o caráter dualista que a caracteriza. É típico do racionalismo contrapor radicalmente, no homem, o espírito ao corpo e o corpo ao espírito. O homem, pelo contrário, é pessoa na unidade do corpo e do espírito. O corpo nunca pode ser reduzido a pura matéria: é um corpo “*espiritualizado*”, assim como o espírito está tão profundamente unido ao corpo que se pode qualificar como um espírito “*corporizado*”. A fonte mais importante para o conhecimento do corpo é o Verbo feito carne. *Cristo revela o homem ao próprio homem*. Esta afirmação do Concílio Vaticano II, de certo modo, é a resposta, longamente esperada, dada pela Igreja ao racionalismo moderno.

Tal resposta reveste uma importância fundamental para a compreensão da família, especialmente no contexto da civilização atual que, como foi dito, parece ter, em muitos casos, renunciado a ser uma

“civilização do amor”. Grande foi, na era moderna, o progresso no conhecimento do mundo material e também da psicologia humana, mas quanto à sua dimensão mais íntima, a dimensão metafísica, o homem de hoje permanece em boa parte um *ser desconhecido* para si mesmo; conseqüentemente, uma realidade desconhecida permanece também a família. Isso verifica-se por causa do afastamento daquele “grande mistério” de que fala o Apóstolo.

A separação entre espírito e corpo no homem teve como conseqüência a afirmação da tendência a tratar o corpo humano não segundo as categorias da sua específica semelhança com Deus, mas segundo aquelas da sua semelhança com todos os outros corpos presentes na natureza, corpos que o homem utiliza como material para a sua atividade destinada à produção de bens de consumo. Mas facilmente todos se podem dar conta de quanto a aplicação ao homem de tais critérios esconde realmente enormes perigos. Quando o corpo humano, considerado independentemente do espírito e do pensamento, é utilizado como material no mesmo nível do corpo dos animais — como sucede, por exemplo, nas manipulações sobre os embriões e os fetos —, inevitavelmente caminha-se para um terrível descalabro ético.

Numa tal perspectiva antropológica, a família humana está a viver a experiência de um *novo maniqueísmo*, no qual o corpo e o espírito são radicalmente contrapostos entre si: nem o corpo vive do espírito, nem o espírito vivifica o corpo. Assim o *homem deixa de viver como pessoa e sujeito*. Apesar das intenções e declarações em contrário, torna-se exclusivamente um *objeto*. Assim, por exemplo, esta civilização neomaniqueísta leva a olhar a sexualidade humana mais como um campo de *manipulação e desfrute* do que como a realidade geradora daquele *assombro primordial* que, na manhã da criação, impele Adão a exclamar à vista de Eva: “É carne da

minha carne e osso dos meus ossos” (cf. Gn 2,23). É o mesmo assombro que ecoa nas palavras do Cântico dos Cânticos: “Arrebataste o meu coração, minha irmã, minha esposa! Arrebataste o meu coração com um só dos teus olhares” (Ct 4,9). Como estão distantes certas concepções modernas da profunda compreensão da masculinidade e da feminilidade oferecida pela Revelação divina! Esta leva-nos a descobrir na *sexualidade humana uma riqueza da pessoa*, que encontra a sua verdadeira valorização na família e exprime a sua vocação profunda mesmo na virgindade e no celibato pelo Reino de Deus.

O racionalismo moderno *não suporta o mistério*. Não aceita o mistério do ser humano, homem e mulher, nem quer reconhecer que a plena verdade do homem foi revelada em Jesus Cristo. Não tolera, em particular, o “grande mistério” anunciado pela Carta aos Efésios, e combate-o radicalmente. Num contexto de vago deísmo, reconhece a possibilidade ou mesmo a necessidade de um Ser supremo divino, mas recusa decididamente a noção de um

Deus que se faz homem para salvar o homem. Para o racionalismo, é impensável que Deus seja o Redentor, e menos ainda *que seja “o Esposo”*, a fonte originária e única do amor esponsal humano. Aquele interpreta a criação e o sentido da existência humana de maneira radicalmente diversa. Mas se faltar ao homem a perspectiva de um Deus que o ama e, por intermédio de Cristo, o chama a viver n’Ele, se à família não for aberta a possibilidade de participar no “grande mistério”, o que é que resta senão a mera *dimensão temporal da vida*? Resta apenas a vida temporal como campo de luta pela existência, de procura ansiosa do lucro, sobretudo do lucro econômico.

O “grande mistério”, o sacramento do amor e da vida, que tem o seu início na criação e na redenção e cujo garante é Cristo-Esposo, perdeu na mentalidade moderna as suas raízes mais profundas. Está ameaçado em nós e à nossa volta. Possa o Ano da Família, celebrado na Igreja, tornar-se para os esposos uma ocasião propícia para o redescobrir e reafirmar com vigor, coragem e entusiasmo.

TENSÕES POSITIVAS NA ANIMAÇÃO E GOVERNO DA VIDA RELIGIOSA

Ir. Afonso Murad, fms
Belo Horizonte/MG

A Animação e Governo da VR respeita e estimula tanto a participação quanto a demonstração da individualidade, ajudando os religiosos a superar o democratismo e o individualismo.

Nos últimos anos, a Vida Religiosa na América Latina deu passos significativos no que diz respeito ao envolvimento crescente dos consagrados(as) no "ser" e no "fazer" de seu Instituto. Cada vez mais se valoriza a participação de todos. Mecanismos de consulta e partilha de decisões e responsabilidades são implantados em todos os níveis: comunitário, provincial, congregacional e intercongregacional. A figura do "Superior(a) Maior" sofreu uma positiva desmistificação. Já não se espera que tudo venha "de cima", por simples determinação do Provincial ou Superior(a) Geral. Promovem-se assembléias provinciais, capítulos de discernimento, reuniões comunitárias e outros procedimentos pelos quais os religiosos(as) tomam parte ativa nas grandes decisões da província e do Instituto. Ou, ao menos, são consultados.

Este movimento salutar, extremamente valioso para a Igreja e a sociedade, tem o seu reverso. A desmistificação da autoridade leva, em alguns casos, à demissão da importante tarefa de animação e governo na Vida Religiosa. Em alguns casos, há certo medo de tomar decisões, constranger pessoas, arcar com as críticas, assumir os riscos e possíveis erros resultantes das opções assumidas.

Escrevemos este ensaio no desejo de ajudar as pessoas, que tomam o pesado fardo da animação e governo, a refletir sobre sua missão hoje. Ele não pretende ser um exaustivo trabalho, nem apresenta muitas "novidades", se o leitor(a) tem acompanhado as publicações periódicas da CRB. Síntese provisória, visa auxiliar religiosos(as) que exercitam a autoridade a compreender melhor onde se situam os desafios nucleares para a sua missão. Quer oferecer alguns marcos, de caráter mais prático, para ajudar a balizar o caminho.

De início, apresentaremos sinteticamente alguns pontos para uma leitura teológica sobre a Animação e Governo na VR, que serão os pressupostos teóricos da nossa reflexão. No segundo momento, de caráter mais prático, situaremos brevemente fatores que tornam assaz provocador o exercício da autoridade hoje, sinalizando tarefas que os desafios suscitem. Por fim, apontaremos tensões produtivas, que tocam de perto a Animação e Governo. Como o

leitor(a) perceberá, existe entre as duas partes diferença notável de estilo e "gênero literário". A unidade, no entanto, reside no escopo que orientou o trabalho: suscitar uma reflexão contextualizada, com bases teóricas e práticas, sobre a animação e governo na Vida Religiosa latino-americana.

I. PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS SOBRE A "ANIMAÇÃO E GOVERNO"

Pontuaremos brevemente qual o sentido e os limites da animação e governo na VR, partindo de uma caracterização geral.

1. Significado dos termos

A prática da autoridade na Vida Religiosa pode ser resumida no binômio "animação e governo". Em primeiro lugar, a autoridade incentiva, estimula, cria, valoriza as iniciativas "das bases", escutando, acolhendo e promovendo aquilo que suscita vida no Instituto, na direção de seu serviço à Igreja e ao mundo. Estimula ainda a vida espiritual e a prática da fraternidade. Numa palavra: anima. Em segundo lugar, a autoridade detém poder de mando, de direcionamento, de tomar decisões e implementar realizações. Enquanto exercita o poder usa tanto a persuasão (convencimento) quanto a coerção. A autoridade, antes de tudo, suscita e anima. Age como acelerador na Vida Religiosa. Em muitas ocasiões, corrige rotas e relembra os limites. E em algumas, freia iniciativas equivocadas.

O Instituto religioso é um corpo vivo, formado por pessoas e estruturas. O superior(a) sábio dosa, conforme a necessidade, o acelerador, a direção e o freio. Numa palavra: governa. Absurdo é imaginar um governo que se limita a frear. A utilização abusiva do "freio", do controle,

manifesta autoritarismo castrador, que só traz danos às pessoas e à VR. Animação e Governo é função de promover e cuidar da vida no interior dos Institutos.

2. Finalidade da Animação e Governo

O Espírito Santo suscita diversos carismas, que estão na base da intuição fundacional dos diversos Institutos religiosos. Cada Instituto, assumindo a identidade comum da Consagração pelos votos, apresenta na sua origem uma forma própria de responder aos apelos de Deus, mediatizados pelos "Sinais dos Tempos".

A existência coerente de cada Instituto está condicionada pelo apelo à fidelidade ao carisma original. Com as mudanças socioculturais, o carisma necessita ser relido e reinterpretado, a partir dos novos Sinais dos Tempos na Igreja e na Sociedade. Portanto, há uma dupla fidelidade: ao passado e ao presente, que lhe garantem respectivamente identidade e atualidade. Fixação do carisma no passado, sem abertura aos desafios de hoje, enrijece e mata o sopro renovador do Espírito. Atualização do carisma sem referência às intuições fundacionais conduz à perda de identidade.

Todos e cada um dos religiosos(as) de um Instituto são co-autores e protagonistas do empenho em manter vivo o carisma, reinventando-o em diferentes contextos. Os "superiores (as) maiores" têm a responsabilidade última pela vitalidade da Congregação. Esta não se mede somente pelo número de religiosos e pelo advento de vocações, mas sobretudo pela qualidade da consagração e missão.

A vida religiosa tem a pretensão de radicalizar o seguimento de Jesus, levá-lo até a raiz, realizá-lo até o extremo, na sua maior profundidade. A obediência não é somente um voto, mas uma das dimensões centrais da fidelidade aos apelos de Deus.

Todos são chamados a obedecer, a abrir os olhos e os ouvidos aos apelos de Deus. A sua vontade não se manifesta de forma mágica. Deus fala por sinais e mediações. Uma das mediações privilegiadas da vontade de Deus, na Vida Religiosa, é exercida pelos encarregados da "animação e governo". Não é a única mediação, mas tem lugar irrenunciável. O problema não é a legitimidade da autoridade em si, mas a forma como ela é exercida.

O voto de obediência não deveria gerar relações do tipo superior-súdito, de forma a criar estamentos e níveis rígidos de poder. Superior, de fato, só existe um: Deus. Os assim chamados "superiores maiores" na VR são mediações históricas da obediência a Deus. Todo o seu "poder e autoridade" tem como escopo ajudar os religiosos(as) a adequar sua vida-missão ao projeto de Deus. Trata-se, em última análise, de uma função de discernimento. A obediência, bem entendida, torna-se uma forma de "vida no Espírito", uma espiritualidade. Tudo o que se pretende com ela é acolher os apelos do Espírito e responder a eles da forma mais conveniente possível.

Os "superiores maiores" são os primeiros que devem obedecer, estando sensíveis, lá onde o clamor de Deus se faz "grito": nos pobres, marginalizados, nos que são deixados à beira do caminho (Mc 9,46), na massa sobrando da sociedade, excluídos, dos sofredores de todo tipo. O "superior maior" deve ser o primeiro que carrega no coração o clamor de Deus no clamor do mundo, o grito de abandono do crucificado (Mc 15,34) na vida dos crucificados. Esta experiência pessoal tem um valor insubstituível. O ex-Superior Geral dos Irmãos Maristas, Ir. Charles Howard, exigiu como atividade preparatória para os delegados do Capítulo Geral de 1993 uma peregrinação de solidariedade junto aos pobres. Anteriormente, havia feito o mesmo pedido para os membros da Conferência dos Provinciais, em 1989.

Para que a sensibilidade ao mundo que sofre ecoe no coração do religioso(a), se faz necessária uma alma contemplativa, que bebe na experiência do povo de Deus na Escritura. O confronto com a Palavra de Deus é uma das chaves de renovação da Vida Religiosa na América Latina. Os "superiores maiores" devem ser os primeiros a testemunhar o amor à Escritura, os primeiros a buscar discernir a vontade de Deus em suas vidas, iluminados pela Palavra de Deus. O discernimento comporta, por sua vez, certeza somente prática, sujeita a erro.

3. Grandeza, limite e riscos da Animação e Governo

Está se realizando uma mudança de paradigma na figura da autoridade na Vida Religiosa. Houve um tempo em que se fundava a autoridade no princípio de poder descendente: Deus dá poder a Cristo. Cristo confere-o à Igreja. Na Igreja, há diferentes graus de autoridade: o papa, os bispos, o padre, que participam do poder de Cristo. Por analogia, a Vida Religiosa funcionaria assim: o poder de Deus, conferido ao fundador, continua no superior geral. Este delega poder ao provincial, que cede uma parte ao superior local.

O princípio de autoridade na Vida Religiosa emana de outros elementos cristológicos e eclesiológicos. Provém de uma eclesiologia de comunhão-participação. No interior da Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, a animação e governo é simultaneamente carisma e ministério (não ordenado). Consiste num dom suscitado pelo Espírito para a vida de uma família religiosa, exercido como função visível durante um determinado período. Seu fundamento cristológico vem não somente do poder que o Pai concede a Cristo (Mt 28,18: "Todo o poder me foi dado no céu e na terra"), mas também do "aniquilamento do Verbo" (quénosis) na encarnação, da inauguração do Reino na pessoa e ação de Jesus, sua paixão, morte e ressurreição.

Poderíamos acrescentar um outro fundamento, o discipular, que encontra seu ícone em Maria. Ela se oferece de corpo e alma à proposta divina. Proclama sem equívocos: "Eu sou a serva do Senhor. Quero que se faça em mim segundo a sua vontade" (Lc 1,38). Conserva os acontecimentos no coração, meditando-os e buscando o que Deus está dizendo neles (Lc 2,19,51). Realiza assim o ideal do perfeito discípulo de Jesus, o que, "tendo ouvido a Palavra com coração generoso, conserva-a e produz fruto pela perseverança" (Lc 8,11). Seu múnus se estende no estímulo ao discipulado das outras pessoas. Maria não só realiza a vontade de Deus em sua vida, mas orienta para que os outros a pratiquem: "Façam tudo o que ele disser a vocês" (Jo 2,5).

A autoridade, na Vida Religiosa, é regida pela lei evangélica do serviço: "Saibam que aqueles que governam as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vocês não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que dentre vocês quiser ser grande seja o servidor de vocês, e aquele que quiser ser o primeiro, seja o servo de todos" (Mc 11,42-44). O fato mesmo de o poder não ser permanente, mas limitado por um período definido nas Constituições ou Normas, auxilia o desprendimento da "vã glória", que ele traz consigo. Por mais problemático, dificultoso e efêmero que seja o exercício do poder na Vida Religiosa, este tem os seus encantos. Fascina, engrandece a pessoa. A tentação de promover-se com o poder está sempre presente. Por isso, o exercício da autoridade na Vida Religiosa exige conversão constante. Jesus mesmo alertou seus discípulos: "Se eu, o mestre e Senhor, lavei os pés de vocês, vocês também devem lavar os pés uns dos outros. Dei o exemplo para que, como eu fiz, também vocês o façam" (Jo 13,14s.). O espírito de serviço é o segredo da felicidade no exercício da autoridade na Vida Religiosa: "Se vocês com-

preenderem isso e o praticarem, serão felizes" (Jo 13,17).

O exercício da animação e governo da VR se realiza dentro da tríade antropológico-teológica: finitude, pecado e graça. Qualquer pessoa, eleita provincial ou superior geral, permanece ser humano limitado, finito. Está condicionado por experiências passadas, desde sua raça, sexo, educação escolar e informal, família, até sua última comunidade religiosa e o campo pastoral. Sem falar de sua ideologia política, visão de sociedade, e outros fatores, de cunho social e subjetivo. A finitude não é um mal. Faz parte da nossa realidade criatural. Nosso conhecimento é limitado. Por mais ampla que seja, nossa visão é sempre parcial, projetada a partir de um ponto de vista. Os condicionamentos de natureza pessoal ou sociocultural têm duplo efeito: criam as condições para saber e atuar, como também limitam seu campo. É impossível escapar disso. Por outro lado, o ser humano não apresenta a finitude de uma pedra, condenada a ser sempre a mesma. Somos pessoas e grupos em crescimento, em processo.

A finitude, no exercício da animação e governo, está marcada pelas constantes teológicas da graça e do pecado. A constante da graça se manifesta no fato de que cada ser humano foi criado e redimido por Cristo (Col 1,15-20). Sua finitude se abriu para o Infinito. Além disso, o Espírito Santo concede seus dons específicos para a realização da animação e governo, o que antigamente se chamava "graça de estado". No entanto, quem exerce a autoridade é um pecador. Não só participa da finitude pura e simples, mas da finitude fechada aos desígnios de Deus, obstaculizada a integrar a plúridimensionalidade de suas pulsões e desejos. Cada um sente dentro de si resistência e até aversão à entrega total a Deus. Esta tendência ao mal, dificuldade de integrar o ser plural e de realizar o bem, tradicionalmente se chamou "concupiscência".

A autoridade na Vida Religiosa pode errar, e erra mesmo, porque participa tanto da finitude como do pecado da humanidade. Mas também recebe o dom para vencer o pecado e aprender com os erros. A consciência da tríade finitude-pecado-graça suscita no religioso(a), que é autoridade, grande humildade, antídoto eficiente contra o vírus do autoritarismo e da prepotência. Ele(a) sabe que não tem acesso a todos os dados, nem da pessoa nem da instituição. Compreende que a sua visão é sempre condicionada, que o seu pecado pode obscurecer os lampejos divinos. Amplia, o máximo possível, o leque de participação e consulta. Aceita a condição provisória de suas certezas e decisões. Avalia e volta atrás, quando se faz necessário. Consciente de ser pecador(a) e membro responsável de uma instituição santa e pecadora, empenha-se em purificar constantemente sua visão e suas intenções. Agradecido pela atuação da graça divina, nos seus coirmãos(ãs) e nele(a) próprio(a), é chamado(a) a tomar decisões audaciosas e esperanças.

II. QUESTÕES DESAFIADORAS E TAREFAS PARA A ANIMAÇÃO E GOVERNO DA VR

1. Contato com a modernidade: participação e individualidade

O contato inevitável com a cultura contemporânea, nas suas mais diversas vertentes, trouxe elementos novos para a Vida Religiosa, exercendo influxo direto no exercício da animação e governo. Destacamos, entre eles, a participação e a individualidade.

Hoje se valoriza muito a participação do grupo na reflexão e na tomada de deci-

sões. Do ponto de vista social, a participação respalda-se na consciência da cidadania. Na América Latina esse componente ainda não é muito forte na cultura. As massas populares não tiveram, de maneira geral, a intensa e longa experiência da luta pela cidadania, como se deu nos Estados Unidos e na Europa. Passamos diretamente da sociedade colonial para outras formas de regimes autoritários, como ditaduras de caudilhos e regimes militares. As nossas classes médias e elites também não são marcadas pela consciência da cidadania; os "Direitos Humanos" têm pouca ressonância no universo simbólico dos setores médios.

A entrada da Vida Religiosa na linha de "Medellín-Puebla", mormente através da participação nas CEBs, Pastorais Populares e Movimentos Populares, inoculou em muitas províncias o germen da participação ativa e crítica, valorizando as iniciativas que vinham da base. Ao mesmo tempo, no caso das Congregações Internacionais, os esforços de renovação, promovidos pelo Governo Geral, encontraram aqui muito mais eco que em outras partes do mundo. Um dos meios para favorecer a renovação pós-conciliar da Vida Religiosa foi, seguramente, o maior envolvimento dos consagrados(as) na Vida de seu Instituto. Constata-se um positivo sentimento de pertença responsável, de "cidadania", nos membros dos Institutos Religiosos.

O valor moderno da individualidade entrou na Vida Religiosa por osmose com a cultura dominante. Positivamente, explicita o direito de cada pessoa a viver sua originalidade, colocando o indivíduo como sede da ética, último responsável pelas decisões que o atingem mais de perto. Levar a sério a individualidade quer dizer, entre outras coisas, respeitar a história passada e presente que a pessoa traz consigo: sua família, origem, cultura, etnia, personalidade, hábitos e símbolos. Rom-

pe-se com a uniformidade empobrecedora que caracterizava a Vida Religiosa, forma sutil de dominação e nivelamento das individualidades.

Essa transformação, no entanto, não atingiu ainda muitos Institutos e províncias. Até hoje há um considerável número de jovens, especialmente mulheres, que permanecem no limiar da Vida Religiosa, ou não passam do juniorato, por não suportarem que sua individualidade seja sufocada. Temem ser anulados, reduzidos a um tipo de comportamento padronizado, que lhes violentaria a identidade.

Espírito participativo e reconhecimento das individualidades podem ser valores complementares ou divergentes. Conjugam-se de forma produtiva quando o grupo leva em conta e busca conciliar, o mais possível, as necessidades e aspirações das diferentes pessoas. Estas, por sua vez, tomam consciência de que são chamadas, na Vida Religiosa, a um projeto de Vida que ultrapassa os seus planos pessoais. Indivíduo e grupo podem conflitar, quando se apresentam esquemas mentais muito diferentes, interesses antagônicos ou motivações de caráter duvidoso, egoístas e anti-evangélicas. A tensão entre os interesses de ambos gera vida, se colocada no horizonte da missão, do apelo evangélico à radicalidade do seguimento.

O espírito participativo, quando despidido da consciência de seus limites, degenera em democratismo. Exemplo disso são algumas assembleias e reuniões de formandos, nas quais se perdem longas horas (e até a paciência) por causa de alguns "iluminados", que teimam em pôr as coisas mais simples em discussão e votação. O democratismo levou algumas províncias a praticamente banir a atuação do animador(a) ou coordenador de comunidade. Ele (a) ficou reduzido a uma figura decorativa e anacrônica, como a manivela de arranque manual dos carros antigos.

No democratismo, a autoridade é vista como potencialmente má. Considera-se qualquer instituição como personificação da perversidade, a Jerusalém que apedreja e mata os profetas. Logo que alguém se torna membro de conselho provincial, ou assume o provincialato, passa a ser visto como uma pessoa "do lado de lá", que traiu a base. Gratuitamente se suspende o necessário grau de confiança e de transparência nas relações.

A degeneração do valor da individualidade, o chamado individualismo, é uma versão moderna do egoísmo. A pessoa configura a Vida Religiosa segundo os seus gostos pessoais, que podem ser os mais diversos: desde a alimentação e o vestir até o lazer e a atividade apostólica. Este mal não poupa nenhum grupo, pode atingir tanto "conservadores" como "progressistas". Na vida cotidiana, o individualismo causa contendas ou pode levar a perigoso indiferentismo. Cada um(a) luta por garantir o seu espaço, e em troca evita tocar no espaço dos outros. Já se comparou a Vida Comunitária a uma manada de "Porcos-espinho". Devido ao frio, necessitam se aproximar; mas, quando tentam fazê-lo, se espetam e se distanciam novamente. Na Pastoral, o individualismo gera apóstolos(as) eficazes, mas incapazes de trabalhar em grupo, de levar à frente projetos comuns, sejam informais ou institucionais. Em nome do legítimo respeito aos "carismas individuais", fecha-se no projeto pessoal de cada um.

A *"animação e governo" da VR respeita e estimula tanto a participação quanto a sã manifestação da individualidade, ajudando os religiosos(as) a superar o democratismo e o individualismo.* Muitos instrumentos já se utilizam para alcançar este objetivo: partilha nas reuniões comunitárias, entrevistas pessoais eivadas de sinceridade e respeito mútuo, assembleias provinciais, acompanhamento pastoral a partir da formação, comissões de trabalho

provinciais, formação de animadores de comunidade etc.

2. Resquícios e novas manifestações de autoritarismo

O autoritarismo, doença no exercício da autoridade, consiste numa concentração excessiva de poder. Quem detém a autoridade toma não só decisões que lhe dizem respeito, mas invade o espaço de direito (e de dever) dos outros. À medida que subtrai o poder de decisão e realização das pessoas que estão sob sua autoridade, torna-as "impotentes". O autoritarismo desumaniza e escraviza, pois impede o desenvolvimento dos talentos, tendendo a criar relações patológicas de dependência.

Subsistem ainda na Vida Religiosa modelos autoritários de exercício da animação e governo. Compreender, de forma restrita, o superior(a) como voz de Deus conduz, não poucas vezes, a preocupante imobilismo. Dado que o religioso(a) delega aos superiores a responsabilidade última pelo êxito ou fracasso de suas atividades, mantém-se num infantilismo doentio: faz somente aquilo para o qual é mandado(a). Reduz-se drasticamente a sua capacidade de ser criativo e ousado(a).

Todos nós conhecemos algum exemplo dessas formas infantis de tratar as pessoas. Por vezes, o membro da comunidade religiosa necessita permissão do superior(a) local para realizar tarefas corriqueiras ou extremamente simples, fazer uma chamada telefônica interurbana ou utilizar o veículo em situação de real necessidade. A autoridade quer deter as chaves de quase tudo: da Kombi, do cofre, da dispensa, das informações e, se possível, até das consciências.

O autoritarismo tem ganhado novas formas de expressão, devido à atual conjuntura da Igreja e da sociedade. Nota-se nítida tendência de concentração do poder hierárquico e crescimento de movimentos

espiritualistas que se sustentam em figuras carismáticas autoritárias. A crise de valores do mundo moderno favorece a concentração em verdades emanadas de autoridade central, em vez de lançar indivíduos e grupos no penoso caminho de buscar verdades consensuais. As pessoas estão tão inseguras e assediadas por tantos modelos de comportamento, que é mais fácil se agarrar no que se mostra como firme e inabalável. O preço da opção é bastante caro: encolhimento da liberdade.

Há que diferenciar três tipos principais de autoritarismo: o medíocre, o competente e o paternalista. O primeiro é típico de pessoas intelectualmente limitadas, psicologicamente inseguras ou rígidas. Tais indivíduos, quando exercem a autoridade, não suportam o dissenso ou a novidade, que os desestabilizam. Agarram-se, por isso, nas rotinas, leis e tradições, amarrando o processo de vida e renovação. O segundo é característico de pessoas muito inteligentes e de capacidades múltiplas. Podem trabalhar (e de fato trabalham) por vários, "tocando vários instrumentos". No entanto, são impacientes, demasiadamente convencidos de suas potencialidades, chegando até a prepotência. Embora realizem muitas atividades, suscitam mal-estar, dada sua dificuldade de dialogar e reconhecer os próprios erros. O terceiro tipo se manifesta no superior(a) superpai ou supermãe, que estabelece relações afetivas de dependência e subordinação. As pessoas, temerosas de perder a aprovação, se sentem amarradas à sua personalidade, incapazes de agir conforme convicções próprias.

Há províncias onde não se dá o autoritarismo, nas formas acima descritas. Devido à diminuição numérica, envelhecimento e pouca entrada de jovens, constitui-se um pequeno grupo que exerce, anos a fio, a autoridade. Esta ausência de rodízio de poder tende a restringir os horizontes da província, além de sobrecarregar as mesmas pessoas com cargos de autoridade.

A "Animação e Governo" exerce função profética diante do autoritarismo na VR, na Igreja e na sociedade. É chamada a anunciar e denunciar tanto a imprescindibilidade quanto a fragilidade das autoridades. Elas são necessárias, mas limitadas e sujeitas a erro. Carregam dentro de si o perene risco de fazer do poder algo a serviço próprio. Nem por isso o poder é estruturalmente demoníaco. Não se cura o autoritarismo com mera supressão de autoridade, mas sim recriando relações novas, com formas partilhadas de poder. O anarquismo conduz, na maioria dos casos, à anomia e insatisfação, campo fértil para eclosão de autoritarismos messiânicos. A VR necessita das "bases" (comunidades, pessoas e grupos), de onde, captando os Sinais dos Tempos, afloram experiências originais. É o exercício do poder "a partir de baixo". Precisa também do estímulo e direção da animação e governo, o exercício do poder "a partir de cima".

Diante do crescimento do autoritarismo, a tarefa da Animação e Governo consiste em avaliar sua forma de atuação e abordagem, escutando e acolhendo o parecer dos seus colaboradores mais próximos (Conselho Geral ou Provincial) e de seus coirmãos/coirmãs. Essa revisão periódica, à luz do projeto de Jesus, o Servo de todos, pode corrigir e inibir a manifestação doentia de poder, que destrói em vez de unir. Caso os religiosos(as) tenham medo de expressar publicamente seu parecer sobre a atuação da "autoridade", criem-se outros mecanismos que possibilitem tal expressão.

3. A transversalidade

Vivemos numa sociedade marcada por imensa diversidade de esquemas mentais, comportamentos e valores, que perpassa grupos até então sólidos ou homogêneos, como muitos Institutos religiosos.

É conhecido de muitos religiosos o esquema de J.B. Libânio sobre os "três momentos" da consciência. O primeiro corresponde ao do objeto, o segundo compreende o do sujeito, e o último, o dialético-estrutural. O próprio Libânio ensaiou ultimamente traços do quarto momento, que corresponderia ao pós-moderno. Ora, nesta forma de apresentar os diferentes esquemas mentais, aceita-se que há, entre eles, certa seqüência temporal e qualitativa. O momento do objeto corresponde, grosso modo, à configuração cultural pré-moderna, tradicional ou não-moderna (na expressão de Marcelo Azevedo). O momento do sujeito traduz as conquistas da modernidade burguesa do Primeiro Mundo, estendidas parcialmente a nós. O terceiro momento corresponde à mentalidade aberta ao social, à transformação das estruturas. Seriam, portanto, estágios da consciência. À medida que se amadurece e cresce, passa-se de um para outro, em ordem ascendente.

Hoje as coisas não se dão dessa forma. Existe contemporaneidade e coexistência entre os esquemas. No interior da mesma pessoa podem se verificar setores identificados com momentos diferentes. Alguém pode apresentar ética sexual rígida, centrada em normas fora do sujeito, coexistindo com visão política crítica e ampla. Numa mesma família ou comunidade religiosa, há pessoas que vivem momentos de evolução da consciência completamente distintos e até em conflito. Por exemplo: podemos encontrar amplo leque de vivência e compreensão da obediência. Desde os que sustentam a obediência cega aos superiores até os que dispensariam, caso fosse possível, qualquer referência a eles. Por detrás de uma mesma palavra, subsistem imagens e experiências diversas. "Oração", para alguns, evoca imediatamente o livro da Liturgia das Horas, que deve ser recitado integralmente conforme as rubricas. Para outros, seria a prece espontânea à luz da

Palavra de Deus, que brota de um dia árduo de compromisso com o povo. Para outros ainda, o louvor rumoroso da Renovação Carismática ou a prece ecológica de louvor, abraçando as árvores.

Quem vem a Belo Horizonte pela primeira vez, tende a se perder no centro da cidade. As ruas horizontais têm nomes de índios (Tupis, Guajaras, Timbiras...), e as verticais, Estados do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo...). Há, no entanto, algumas avenidas transversais que cortam tanto as ruas horizontais quanto as verticais. Esta imagem geográfica nos ajuda a compreender o fenômeno cultural que denominamos "transversalidade".

A "transversalidade" do mundo moderno impõe tarefa exigente à animação e governo da Vida Religiosa: estabelecer pontes de consenso entre pessoas e grupos que vivem em mentalidades muito distantes; fomentar a tolerância e o respeito entre diferentes grupos, oferecer elementos para que as pessoas compreendam a problemática da própria transversalidade e se situem nela. Para que a transversalidade não seja tomada como sinônimo de total relativismo, faz-se necessário um projeto pessoal, comunitário e provincial que traduza as grandes linhas para o exercício da consagração e missão na Província e no Instituto.

4. Crescentes exigências em âmbito pessoal, comunitário e institucional

Parece que, à medida que passam os anos, o exercício da animação e governo se faz mais difícil, porque a situação se torna mais complexa. Vamos apontar algumas manifestações desta crescente multiplicação de elementos.

a. Complexidade das pessoas

Basta penetrar no mundo das pessoas, sejam religiosas ou leigas, para constatar

que certos problemas de caráter psicológico são cada vez mais correntes. Quantas pessoas mal-amadas, "amarradas em si mesmas", de baixa auto-imagem, com bloqueios afetivo-sexuais, apresentando sérias dificuldades de convivência! Se fossem equilibradas e psicologicamente mais saudáveis, se o acesso à sua verdade interior se fizesse com menos mecanismos de defesa, a Vida Comunitária fluiria melhor e seria até mais prazerosa. Parece que boa parte dos religiosos e religiosas tem dificuldade de lidar com os seus sentimentos. O mesmo se dá na relação interpessoal. Em muitos casos, falta até o mínimo de conhecimento das pessoas que fazem parte de uma comunidade: de onde vieram, suas famílias, gostos pessoais, aptidões etc.

A crescente complexidade das pessoas exige, da animação e governo, tempo e espaço para ouvi-las e acolhê-las. Somente esta postura paterno-materna pode ajudar muitos a reencontrar-se consigo mesmos. Naturalmente, pressupõe-se que o animador(a) tenha, ao menos, parte de seus problemas resolvidos. No dizer do Evangelho, "um cego não pode guiar um outro. Neste caso, ambos cairão no abismo". O acompanhamento pessoal exige sensibilidade, técnica e arte. Faz parte da formação dos que exercem o múnus de animação e governo da Vida Religiosa.

No nível provincial ou de Instituto, deve-se favorecer a *formação profissional na área do acompanhamento e crescimento humano*, como orientador educacional, psicólogo e orientador espiritual. O fato de que, no passado, algumas províncias tenham perdido vocações que estudaram psicologia não deve bloquear a sensibilidade das províncias para este ponto imprescindível hoje. O bom senso recomenda escolher pessoas com certa maturidade humana e espiritual, capazes de integrar a experiência do curso universitário, por vezes desestruturante, no seu projeto religioso.

b. Complexidade na Vida Comunitária

A Vida Comunitária, espaço de vivência da fraternidade, é importante meio para a realimentação espiritual do(a) religioso(a). Na comunidade, ele(a) se refaz, nutre a espiritualidade apostólica, reforça sua identidade de consagrado.

No momento, a vida comunitária vai se fazendo cada vez mais complexa. É ali que ressoam, como numa grande caixa acústica, as problemáticas pessoais e institucionais. Com as crescentes exigências da pastoral, o trabalho toma conta de grande parte do dia (e às vezes da noite) do religioso(a) de vida ativa. O cotidiano de cada um obedece a horários diferentes, nem sempre fáceis de conciliar. Reuniões comunitárias rareiam, especialmente nos Institutos masculinos. Tornava-se muito mais simples animar e governar a Vida Religiosa quando as comunidades eram formadas por religiosos(as) com ritmo de vida pré-determinada pelas regras, onde estavam estabelecidos os momentos de oração e convivência comunitária.

Dada a transversalidade que caracteriza muitas comunidades religiosas, apresentando esquemas mentais extremamente diversificados, a Vida Comunitária se torna pesada e até heróica, se as pessoas não conseguem conviver com "o diferente". Enquanto as gerações mais velhas se pautam pela regularidade e pontualidade nos exercícios de piedade e nas refeições, as novas gerações tendem a valorizar mais a informalidade e a flexibilidade. Pedem mais criatividade, embora nem sempre sejam capazes de vivê-la. Neste confronto, existe o risco de sucumbir à solução medíocre da superficialidade, à lei do "eu não incomodo, e você não me perturba".

Soma-se a isso a falta de pessoas para responder ao perfil ideal de animador(a) de comunidade: pai materno ou mãe paternal, responsável por criar clima fraterno,

que envolve a todos no processo de formação e consolidação do grupo. Zela pelo crescimento integral dos consagrados(as), nos seus diversos aspectos: pessoal, religioso, pastoral e profissional.

A animação e governo, diante da complexidade da Vida Comunitária, investe sobremaneira na preparação e formação permanente dos "animadores de comunidades". Ao mesmo tempo, possibilita o estabelecimento de comunidades mais flexíveis, marcadas por convivência e vida fraterna de qualidade. Zelar para que os(as) religiosos(as), especialmente das novas gerações, tenham ambiente comunitário que favoreça a reelaboração e consolidação dos valores consoantes com a VR, em meio a um mundo pluralista.

c. Complexidade na formação inicial

A formação inicial, período que abrange desde o pré-noviciado até os votos perpétuos, é o "calcanhar-de-aquiles" de muitos Institutos. Uma manifestação da complexidade que toca a formação é o distanciamento entre o mundo dos formandos e dos formadores, dificultando a sintonia e compreensão recíprocas. Os jovens entram na vida religiosa com outros valores. Articulam uma linguagem que necessita ser decodificada. Entre os novos valores, destacam-se: propensão à partilha de sentimentos, busca de autenticidade de relacionamento, cuidado com o próprio corpo, sensibilidade ao belo e prazeroso da vida, equilíbrio entre trabalho e descanso, abertura a uma vida comum simples e informal. Se os formadores não entram no mundo dos jovens para interpretar, a partir daí, os seus valores, tendem a considerá-los como defeitos ou contravalores, incompatíveis com a VR.

Nas novas gerações de religiosos(as), aparecem algumas dificuldades. Cresce o número de jovens provenientes de famílias desestruturadas, destruídas ou mal consti-

tuídas. No caso de vocações masculinas, existem casos de rapazes que apresentam fraca ou diluída figura paterna. Alguns, mais especificamente, trazem claras tendências homossexuais, não integradas na sua personalidade. Requer-se um tipo de acompanhamento específico — relação de ajuda ou psicoterapia — que os ajude a curar feridas que podem incomodar por toda a vida. Sem um mínimo de base psíquica não se constrói Vida Religiosa conseqüente. Abarrotar casas de formação com pessoas problemáticas e não lhes oferecer condições para crescer humanamente, é estratégia equivocada. No dizer popular, quem semeia vento colhe tempestade.

Até hoje, grande parte das nossas vocações advém do meio popular. Ao chegar ao Instituto religioso, muitos(as) jovens deparam com a possibilidade real de ascensão social. Em nenhum momento isso está tematizado, pois seria vil e abjeto imaginar que alguém entre na VR para “subir na vida”. Mas, na prática, o jovem proveniente da classe popular observa que a sua possibilidade de consumo se multiplica infinitamente. Tem acesso a bens que não dispunha, tais como: carro, videocassete, quarto individual, livros... Até no consumo individual, é tentado pelo “fascínio do Shopping”: xampu, sabonete, tênis etc. Há risco real de aburguesamento. A culpa não é somente dos jovens. Estruturas ricas e vistosas fascinam, atraem, cegam.

As novas gerações são muito sensíveis ao viver bem e intensamente o dia-a-dia. Mas apresentam dificuldade em fazer opções duradouras. Homens e mulheres que estão bebendo a pós-modernidade aparentam ter muito menos “raízes” do que os do passado. Mostram mais dificuldade de manter, por muito tempo, o mesmo sistema de valores e convicções. São mais vulneráveis ao bombardeio de informações da sociedade. A formação do noviciado é insuficiente para responder a questões que são suscitadas no correr da vida.

O desafio da formação compreende tarefas urgentes para a animação e governo: escolha e formação de formadores que estejam em sintonia com o mundo dos vocacionados, acompanhamento permanente dos jovens religiosos, formação em clima de liberdade-responsabilidade, experiências de formação mais próximas dos pobres.

d. Complexidade institucional

A vida religiosa sustenta “obras”, instituições e organizações que apresentam distintas exigências administrativas, dependendo do seu tamanho, objetivo, público a que se destina, produto final etc. Administrar uma escola de periferia com 200 alunos é para estudantes de primeira fase menos complexo, em princípio, que administrar um Colégio Católico para elites, de 2000 alunos. Mais complexo ainda é sustentar uma Universidade. Os exemplos se poderiam estender ainda a creches, editoras, rádios e hospitais.

A Vida Religiosa Inserida desvenci-
lhou-se do “peso” que comporta a administração de obras. O deslocamento em direção aos pobres exigiu desprendimento real de bens e renúncia a certas instituições, como escola tradicional ou paróquia. Mas o compromisso pela Vida ameaçada, o desejo de criar alternativas de sobrevivência e organização para os setores mais marginalizados da sociedade, desemboca muitas vezes em novas instituições. Pode ser uma creche, o Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, Associação dos Catadores de Papel, cooperativa alternativa de produtores etc. Cada vez está mais claro que a nova sociedade não surgirá mecanicamente, a partir de grande mudança estrutural. Ela necessita ser criada e recriada no cotidiano das pessoas, atingindo o âmbito da produção, do consumo e da educação. Não basta reivindicar, é preciso criar alternativas viáveis que compor-

tam, por sua vez, um mínimo de estruturação e institucionalização.

Malgrado enormes diferenças, tanto as instituições católicas tradicionais como as instituições alternativas apresentam para os religiosos(as) elementos desafiadores comuns. Em primeiro lugar, exigem o domínio numa área que não é meramente "religiosa". Não basta estar imbuído de amor pelo Evangelho e pelo povo. A instituição pede desempenho real, eficácia, o que pressupõe conhecimento teórico e metodologia-organização. Dependendo da situação, é necessário conhecer as leis salariais, o jogo do mercado, as propostas pedagógicas recentes, experiências similares bem-sucedidas etc. Para que a instituição (tradicional ou alternativa) funcione e dê certo, é preciso organização, um jeito de fazer que conduza aos objetivos desejados. Numa palavra: competência técnica, tanto para sobreviver como para ser coerente com seus objetivos.

Já passou o tempo em que se acreditava que a libertação dos pobres pedia menor competência profissional. Em muitos casos ela postula uma competência distinta, mas não menos exigente. Por isso, a animação e governo cuida em oferecer a melhor formação técnica e profissional possível aos religiosos, de acordo com seu carisma e aptidões pessoais. Investir nos estudos não atenta contra a pobreza e a simplicidade, se a finalidade é socializar o conhecimento, num projeto global a serviço do Reino.

Um segundo dado, mais visível nas instituições alternativas e ainda resistente nas tradicionais, é o novo papel do leigo. Religiosos(as) acostumados a ser "donos do terreno", a ter domínio total da situação são obrigados a viver com leigos que detêm informações decisivas, ou até são mais competentes em alguns setores. Essa situação exige da Vida Religiosa nova postura, nova mentalidade: os "colabora-

dores leigos" se transformam em "parceiros".

As instituições de religiosos(as), repletas de leigos, inclusive em postos diretivos, não podem ser regidas pelo mesmo sistema de poder e linguagem da Vida Religiosa: superior de comunidade, conselho provincial etc. Caso a província seja a mantenedora, detém a responsabilidade última, que não pode delegar a ninguém. Necessita, no entanto, criar mecanismos intermediários de decisão que tenham autonomia relativa, respeitando o princípio de subsidiaridade. Quando os religiosos(as) trabalham em instituições que não pertencem à Província, maior ainda é a necessidade de separar governo provincial e gestão institucional.

A crescente complexidade institucional postula, da parte da animação e governo, ousado investimento na formação profissional dos religiosos(as); nova consideração sobre o papel dos leigos nas instituições católicas, avançando do nível de "colaboradores" para o de "parceiros", e criação de instrumentos jurídicos e procedimentos administrativos que levem à diferenciação entre o governo da Vida Religiosa e das ditas instituições.

III. TENSÕES PRODUTIVAS

Dado o atual contexto, é impossível escapar de "tensões" que marcam o exercício da animação e governo. Não falaremos aqui de tensões entre as pessoas, de cunho relacional. Antes, trataremos das grandes tensões que "estão no ar". O "superior(a) maior" sente a pressão delas, mas não as identifica com facilidade. Talvez seja este o fator que torna a sua missão hoje tão exigente e desgastante. Com a palavra "tensão" queremos indicar tendências e forças que, no mesmo âmbito, puxam em direções contrárias ou diferentes. Seleccionamos tensões produtivas que,

se bem trabalhadas, trazem resultado positivo para a caminhada da Vida Religiosa. Seguramente, não existe uma medida única para vivê-las. Importa manter um equilíbrio, entre os muitos possíveis. Dependendo da situação do Instituto, em determinados momentos será necessário insistir num lado. Noutro contexto, será melhor relembrar o lado oposto. Deve-se evitar sempre a unidimensionalidade, que considera somente um pólo da tensão, anulando outro.

1. Tensão entre intuição fundacional, manutenção de obras e apelos emergentes

As pessoas que são responsáveis pela animação e governo têm a missão específica de manter desperta na memória coletiva do Instituto as intuições do fundador, os elementos típicos de sua espiritualidade, a contribuição de seu carisma. Tudo isso, em vista da garantia da identidade da família religiosa. Sabe-se que, com o tempo, o carisma se institucionalizou preferencialmente em certos tipos padronizados de obras e formas de presença. Tornou-se difícil, para muitos institutos, distinguir entre a intuição fundacional do carisma e sua forma concreta de encarnação no correr dos tempos. O caso mais palpável é dos Institutos que nasceram para a educação de crianças e jovens pobres do campo, e hoje sustentam enormes colégios para elites, nas capitais. Outras vezes, o carisma institucional originário era extremamente aberto a diversas formas de realização. Afunilou-se, no entanto, em determinadas opções.

O mundo de hoje apresenta novas necessidades humanas e pastorais que desafiam a Vida Religiosa. No horizonte popular, a lista é imensa. Basta lembrar os bandos imensos de crianças carentes e abandonadas, a população de rua e os desposuídos sem terra e sem casa; no horizonte

dos setores médios e ricos, os meios de comunicação de massa, a juventude sem rumo, a crise imensa de valores, o crescente número de tóxico-dependentes etc. Os religiosos(as) responderam a alguns desafios, com formas de presença e atuação, especialmente nos setores populares. Recordemos, entre outros, a inserção na moradia, a contribuição nas pastorais da mulher marginalizada, do menor e do "povo de rua", e recentemente a busca de inserção no mundo do trabalho. Nos setores médios da sociedade, as iniciativas foram mais tímidas, já se fazendo sentir sua ausência.

Na aventura de assumir novas formas de missão, corre-se o risco de perder o pé da intuição fundacional. Em alguns casos, a inserção e outras formas de presença junto aos empobrecidos levou a tal desenraizamento e distanciamento da família religiosa, que culminou em crise de identidade e saída do Instituto. O lado oposto da moeda foi mais freqüente: refugiou-se na segurança do já conhecido e conquistado. Neste caso, o carisma também vai morrendo, asfixiado lentamente pelo tradicionalismo.

Não raro eclode o drama, extremamente doloroso, de conservar um patrimônio ou desprender-se dele, por fidelidade à missão. Referimo-nos aqui ao patrimônio material: prédios, casas e outros bens. Se é verdade que a prudência do Espírito é a audácia (no dizer do Ir. Charles Howard), esta não se apóia no vazio. O patrimônio construído com o sangue e suor de tantos religiosos(as), acumulado lentamente e com grande esforço, não pode ser dissipado e aniquilado repentinamente pelas novas gerações, em nome dos Sinais dos Tempos, liberdade evangélica ou amor à pobreza. Eles têm, além disso, um valor afetivo, ligado à vida das pessoas que ali investiram anos de suas vidas, a serviço da causa de Jesus. Certamente, foram media-

ção eficaz da missão. É seguro que já perderam totalmente sua finalidade?

Igualmente verdadeiro é o outro lado da tensão: somos povo de Deus a caminho. Não poucas vezes o patrimônio físico nos impede de ir ao deserto em busca da terra prometida. O evangelho postula atitude de renúncia, para que o seguimento se faça radicalmente. Os bens, os prédios, as instituições, podem amarrar de tal forma a Vida Religiosa, que ela perde a leveza necessária para seguir a Jesus e acompanhar o trem da história, ajudando-o a dar-lhe boa direção.

Essa tensão já deu dor de cabeça a muita gente. Exige-se grande discernimento e "indiferença inaciana". E, naturalmente, bom senso, para não perder mais do que é necessário para ser fiel à missão. Só o futuro mostrará se certas opções, de manter o patrimônio ou desfazer-se dele, foram e são as mais corretas.

A tensão produtiva poderia ser resumida na tríade "identidade-tradição-encarnação". A animação e governo simultaneamente estimula a volta às origens e implementa novas formas de concretização do carisma. Faz-se uma verdadeira "refundação" do Instituto; tarefa dolorosa, que suscita resistência nos que se ancoram nas glórias do passado. Somente novas formas de presença podem dar a luz suficiente para ler, com olhos limpos, as intuições dos fundadores(as). E, ao mesmo tempo, o amor ao Instituto e suas características configuram identidade própria às novas formas de presença dos religiosos(as).

2. Tensão entre respeito à pessoa e exigências institucionais da missão

A animação e governo considera o valor de cada religioso(a), em sua originalidade, com suas qualidades e limites. Quando

alguém é recebido numa família religiosa, é também acolhido em sua totalidade, com riquezas e carências. Conhecendo a história pessoal de cada um, seu itinerário afetivo, profissional, pastoral e religioso, pode assim valorizar suas aptidões, ajudá-lo(a) a superar limitações e desenvolver potencialidades. Quando se trata do(a) jovem religioso(a), é necessário esforço para compreender qual a novidade que ele(a) está trazendo para a Vida Religiosa, mesmo que às vezes seja desconcertante.

Outra função da animação e governo é dinamizar obras e projetos apostólicos. Tal tarefa inclui a avaliação periódica da missão dos religiosos(as) nas diversas comunidades da província. Conseqüentemente, algumas mudanças se fazem necessárias, até mesmo para suprir a carência de quadros considerados indispensáveis ou muito importantes: provincialato, formação, pastoral vocacional, direção de obras, presença nas fronteiras da sociedade etc. Em alguns casos, deve-se realizar a tarefa ingrata de remover pessoas inadequadas ao lugar e à função que ocupam. Em outros, convidar coirmãs(ãos) para responder a uma necessidade premente da província numa obra ou missão. Ou ainda, abrir novas frentes pastorais. Todas essas (e outras) situações comportam deslocamento de pessoas. Quantas vezes o religioso(a) já fez o "seu ninho" no lugar onde trabalha, está mesmo contente e servindo ao povo de Deus, e tem de mudar! Mais difícil se faz o deslocamento, quando o novo campo de missão parece enfadonho ou desmotivante, como o economato ou a direção de uma obra em que não se acredita.

Muitas vezes um conselho provincial passa horas refletindo em vão sobre a constituição das comunidades. É literalmente um "quebra-cabeça". Há sempre pessoas faltando e outras sobrando. As necessidades pastorais são imensas e os quadros, restritos. Por outro lado, existem os religiosos(as) difíceis e problemáticos, que não

se sabe onde colocá-los. Os "resmungões" não perdem ocasião de queixar-se que estão na comunidade errada, por vontade e culpa do(a) provincial...

Alguns fatores de ordem pessoal e institucional impedem a tensão produtiva entre respeito às pessoas e exigências da missão, transformando-a, ao contrário, numa caixa de explosivos. Do ponto de vista dos indivíduos, a falta de transparência no relacionamento dificulta o discernimento maduro em vista das exigências da missão. A incomunicação pode vir dos dois lados. De um, o religioso(a), diante do provincial, não diz realmente o que pensa e sente, por temor, falta de confiança ou outro motivo. Mascara ou enconde suas preferências, motivações e opções, até com a justificativa de que é "obediente". No entanto, na primeira ocasião, conta aos outros o que queria dizer, mas não teve coragem. De outro lado, quando falta sinceridade, abertura ou habilidade de trato no provincial, as pessoas se armam com mecanismos de defesa que impossibilitam diálogo verdadeiro e profícuo.

Do ponto de vista institucional, há uma enorme gama de fatores. Citaremos aqui somente um: quando o governo teima em manter igual número de obras e formas de presenças pastorais enquanto a província sofre de envelhecimento e visível redução numérica. Canalizam-se as melhores forças vivas para manter as obras, muitas vezes à custa das pessoas. Algumas obras se tornam o ídolo Molok, que devora seus adoradores. A tensão só se resolve a partir de um processo de discernimento provincial que contemple o redimensionamento das obras.

Evitar ou mascarar a tensão apenas adia o detonar do pavio. De um extremo, pode conduzir ao individualismo, à perda da disponibilidade para a missão. Teoricamente, cada um fica onde se sente bem. Na prática, a lei serve preferentemente aos

mais fortes, que conquistaram cargos importantes e se agarraram a eles: direção de uma escola, coordenação de uma paróquia, chefia de finanças etc. São os(as) intocáveis. O outro extremo é mexer com as pessoas como se manipulam peças de um tabuleiro de xadrez. O resultado não é menos nefasto: despersonalização, diminuição de estímulo e paixão pela missão, indivíduos machucados e infelizes.

A tensão pode ser assim resumida: respeitar a pessoa, sendo coerente com os projetos pastorais comunitários e institucionais. Grande parte do bom espírito de uma província está condicionada pela boa resolução dessa equação. O resultado seria: as pessoas certas nos lugares convenientes. Embora dificilmente se resolva de forma totalmente satisfatória, buscase o melhor possível.

3. Tensão entre profetismo da pobreza e eficácia da ação

A aproximação da situação real e efetiva dos pobres, através da inserção e outras formas de presença-missão, revalorizou enormemente a pobreza religiosa no nosso continente. Ela extrapolou o nível meramente individual da simplicidade de vida, e se tornou gesto profético contra esta sociedade que mantém e produz empobrecimento crescente. Percebeu-se que a pobreza pessoal não poderia limitar-se ao baixo nível de consumo, vivido em comunidades cheias de segurança. Conhecer os pobres, estar perto deles, ouvir seus apelos, deixar-se converter e sensibilizar-se pela solidariedade! Quantos religiosos estão realizando esta "virada" em suas vidas, e que frutos espirituais está trazendo! A pobreza religiosa, entendida sob a ótica da luta pela justiça, é um valor que deve ser estimulado sempre mais na Vida Religiosa, para todas as idades e gerações.

A pobreza religiosa, assim compreendida, comporta em muitos casos a renúncia consciente de certos bens de consumo (telefone, carro, fax, computador), como maneira profética e gratuita de aproximar-se dos “preferidos de Deus”. Mas, no interior mesmo da opção pelos pobres, dá-se uma tensão, que poderia ser assim resumida: gratuidade versus eficácia. A presença e testemunho de santidade junto dos pobres tende à simplificação e frugalidade, em todos os níveis: pessoal, comunitário e institucional. Quando se entra na luta para ajudar a organizar e conscientizar os pobres, descobre-se que certos meios são importantes, e às vezes imprescindíveis, para se alcançar bons resultados. As classes dominantes possuem enorme máquina ideológica a seu serviço, com estratégias elaboradas, instrumentos requintados e pessoas preparadas para atingir as massas. A gente conhece apenas a ponta do iceberg: agências de propaganda, especialistas em marketing, redes de TV, gráficas etc.

O empenho na educação, conscientização e organização dos setores populares implicados na luta pela justiça requer, para a sua eficácia, estratégias planejadas, instrumentos apropriados e pessoas qualificadas. E aí o drama: este videocassete, aquele telefone, o Fusca etc., como seriam úteis para que o trabalho rendesse mais. Por outro lado, e o testemunho de pobreza, de despojamento e simplicidade? Não há como resolver esta tensão com um passe de mágica. Somente a clareza de objetivos da comunidade religiosa pode fazê-la sair do impasse. Em algumas situações, prevalecerá o critério da gratuidade e do testemunho. Em outras, a necessidade de eficácia. Importa querer manter-se fiel ao projeto de Jesus, sendo solidário com os pobres e com a causa de superação da pobreza.

A tensão entre pobreza e eficiência se complica ainda mais no caso das instituições complexas, ubicadas na selvagem competitividade do mercado: universida-

des, escolas particulares, hospitais, rádios, editoras. Deve-se buscar o máximo de eficiência, para que a instituição sobreviva e possa responder aos seus objetivos. Isso implica, na maioria dos casos, redução de mão-de-obra, melhor critério de seleção e controle de pessoal e substituição por funcionários mais capazes. Em resumo: adotar procedimentos empresariais regidos pelo critério da produtividade, marcados por certa impersonalidade. Realiza-se transformação radical em instituições que sobreviviam até então de forma “familiar”, onde predominavam relações de amizade e através do “jeitinho” se tentava contornar os furos. Neste momento, aflora delicada questão: Não estaremos fazendo injustiça com os “pobres funcionários” demitidos?

O conflito aumenta, quando a comunidade religiosa ou alguns de seus membros necessitam se munir de instrumentos da modernidade, como computadores, telefone celular, fax, utilizam meios de transporte rápidos, como o avião. É necessário realizar hábeis jogadas econômicas e financeiras. E o religioso(a), executivo de uma grande instituição católica, vai se embrenhando de tal forma no mundo da produção de bens simbólicos ou de serviços, bebendo os seus princípios, submetendo-se ao seu jogo, que se pergunta aonde foi parar seu voto de pobreza. Não se pode evitar esta tensão. Precisamos de pessoas que compreendam as leis de mercado e se pautem pela eficiência econômica, pré-requisito para a sobrevivência das instituições. É fundamental, no entanto, manter a ótica da opção pelos pobres e pela justiça, com realismo. Navega-se num mar de contradições, no meio de uma correnteza muito forte, que nos pode levar ao naufrágio ou desviar-nos da rota sonhada. Mas, no dizer de Caetano Veloso: “Navegar é preciso...”. Se uma instituição católica não for capaz, apesar das suas contradições inerentes, de conciliar eficiência e justiça, competência profissional e relações humanas construti-

vas, mais difícil se fará para a Igreja exigir o mesmo dos outros.

Não se resolve facilmente a tensão entre profetismo da pobreza e eficácia da ação. Ela permanecerá como uma chaga aberta durante muito tempo. Importa fazê-la produtiva, capaz de mover a Vida Religiosa, em contínuo processo de conversão, na dialética entre eficácia e gratuidade, ser e dever ser.

Fechando a conversa

Um dos traços mais belos da VR é seu caráter peregrinante. Ela recria a caminhada do Povo de Deus no deserto rumo à terra prometida. É necessário, nesta longa

lida, a presença de Moisés, dos anciãos, das profetisas. Compreende-se o exercício da animação e governo no âmbito da trilha a percorrer, dos caminhos a abrir. O deserto é lugar de tentação e encontro com Deus, ocasião de construir a identidade da nação e colocá-la em crise. Nós não escapamos desta realidade, que se nos apresenta com desafios inéditos.

Que Deus suscite cada vez mais homens e mulheres dispostos e engajados na missão de serem pais, mães e irmãos(ãos) na Vida Religiosa! Que ele suscite também comunidades participantes, que assumam a responsabilidade pelo seu presente e futuro! Assim, a VR desempenhará, com coerência, a missão que o Senhor lhe confiou.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. O autor afirma que "o voto de obediência não deveria gerar relações do tipo superior-súdito, de forma a criar níveis rígidos de poder. Superior, de fato, só existe um: Deus. Os assim chamados "superiores maiores" na VR são mediações históricas da obediência a Deus. Todo o seu "poder e autoridade tem como escopo ajudar os religiosos/as a adequar sua vida-missão ao projeto de Deus. Trata-se, em última análise, de uma função de discernimento". Que semelhanças e diferenças você encontra entre esta idéia de obediência e a prática de sua congregação e comunidade concreta?

2. O mundo da modernidade é marcado pela "transversalidade", isto é, a presença na mesma pessoa ou comunidade de diferentes esquemas de compreensão da realidade e de sua interpretação. Daí que

faça parte da missão do superior estabelecer pontes de consenso entre as pessoas e grupos, fomentar a tolerância e o respeito, compreensão do próprio fenômeno da transversalidade. Em quais destes pontos o/a superior/a de seu grupo poderia ajudar você e sua comunidade? Como isto poderia ser feito?

3. Neste artigo são apontadas algumas "tensões" próprias do exercício da animação e governo: as que surgem entre a intuição fundacional, manutenção de obras e apelos emergentes; as que resultam das exigências institucionais da missão e do respeito às pessoas; e as que decorrem da tensão entre a eficácia da ação e o profetismo da pobreza. Verifique pessoalmente ou com sua comunidade qual destas "tensões" é mais perceptível em sua realidade? Que fazer para encaminhá-la?

A CONTINUIDADE DA MISSÃO PELO ESPÍRITO DE JESUS NO LIVRO DOS ATOS

Lina Boff, smr
Rio de Janeiro, RJ

A função de quem instrui é abrir a mente e iluminar os fatos históricos com a fé. A função de quem profetiza é deixar que o Espírito fale pela boca do profeta e da profetisa.

Com a ressurreição o mandato missionário é renovado (Lc 24,46-48) e os discípulos e as discípulas vão crescendo em número¹. A pregação desse mandato é compreendida pela fé no Senhor Ressuscitado que constitui a plenitude do *querigma* da comunidade primitiva².

O esquema que domina o pensamento teológico de Lucas ao conceber a missão como anúncio do Ressuscitado é o da **continuidade da história da salvação**.

Significa dizer que Jesus é a glória de Israel (Lc 2,32) e a realização das promessas feitas aos patriarcas (Lc 13,32-33). Mas foi ele mesmo quem quis se fazer conhecer aos pagãos; escolheu os que ele quis como instrumentos de eleição.

Jesus é o ápice da história de Israel, e os que ele chamou e elegeu são a ligação

entre o Jesus terrestre e o Senhor Jesus professado pela fé da comunidade primitiva³.

Neste parágrafo veremos o protagonismo que o autor de Atos atribui ao Espírito Santo seja na missão apostólica de anunciar o mistério da páscoa que culmina com a ressurreição do Cristo e Senhor, seja na atuação missionária de todos os encarregados de pregar a Boa Nova no meio de outros povos, como na participação e no testemunho das Mulheres chamadas por Jesus e impulsionadas pelo seu Espírito.

1. O ESPÍRITO SANTO, PROTAGONISTA DA MISSÃO APOSTÓLICA

O evento do Espírito no dia de Pentecostes domina toda a narrativa do Livro dos Atos a qual destaca a universalidade da missão⁴.

Segundo Lucas o primeiro discurso missionário de Pedro constitui a introdução teológica a todo o Livro⁵. Nesse discurso Pedro considera três pontos diretamente referidos ao Espírito Santo como protagonista da missão e como garante do testemunho dos apóstolos que pregam o Cristo Ressuscitado a todos os povos. Estes pontos são:

A) O lugar do Espírito no primeiro discurso missionário de Pedro

No *primeiro ponto* do discurso Pedro toma a citação de Joel 3,1-5 para falar da efusão do Espírito como sinal dos tempos messiânicos. Assim diz o texto: “Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que *derramarei o meu espírito sobre toda carne*. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito./.../. E então, todo o que invocar o nome do Senhor será salvo” (At 2,17-18.21; Jl 3, 1-2.5).

A Pedro interessa o fato da efusão do Espírito que se estende a todos os membros do povo de Deus sem discriminações (cf. At 2,17b; 18a). A capacidade profética de entender a Escritura (cf. Nm 11,29; 12,6) e de comunicar a palavra de Deus são dadas a todos:

“E todos ficaram *repletos do Espírito Santo* e começaram a falar em outras línguas, conforme o *Espírito lhes concebia se exprimissem*” (At 2,4).

Com a sabedoria que vem do dom do Espírito, Pedro prega à multidão tomando da Escritura aqueles textos (Jl 3,1-5; Sl 16,8-11; 11,1; 110,1) que lhe permitem dar um sentido às coisas que todos estavam vivendo no momento⁶.

Pedro argumenta que a ressurreição de Jesus entra no projeto histórico do Pai, projeto que, segundo a Escritura, anuncia a ressurreição do Messias. Ora, uma promessa da Escritura deve tornar-se realidade histórica. Portanto, a ressurreição de Jesus tornada realidade corresponde à promessa profética de Deus (cf. At 2,22-23)⁷.

Nessa primeira pregação de Pedro, Lucas ultrapassa os símbolos clássicos das teofanias⁸ ao descrever a experiência do Espírito, e coloca o acento na reação das testemunhas de todas as nações (At 2,4-8).

A universalidade na qual se insere o testemunho do Cristo Ressuscitado tem sua fonte de origem no Espírito que cria a nova humanidade⁹.

A concepção teológica lucana sobre a força unificante do Espírito que mobiliza os diferentes povos elencados no discurso de Pedro (At 2,9s.) é feita a partir do horizonte universal destes. Lucas faz uma referência à humanidade dispersa e dividida levando em conta a situação histórica passada destes povos que haviam tentado construir um imperialismo religioso-político sem resultados (cf. Gn 11,1-9)¹⁰.

Dentre os elementos que caracterizam a unificação dos diferentes grupos humanos, o autor dos Atos destaca a *língua*, expressão da identidade cultural típica de um povo¹¹. A citação que segue o atesta:

“/.../ nós os ouvimos apregoar em *nosssa própria língua* as maravilhas de Deus” (At 2,11b).

A ação transformadora do Espírito torna-se externamente nova capacidade de comunicação e uma experiência profética¹² que se identifica com o anúncio inspirado e autorizado não só de Pedro, mas de todos os missionários que vêm depois dele (cf. At 19,6; 21,9)¹³.

No *segundo ponto* Pedro oferece a síntese mais rica da interpretação cristã primitiva da ressurreição como exaltação e glorificação de Jesus constituído Senhor (kyrios)¹⁴. Em uma relação única com Deus, o Jesus Glorioso pode comunicar aos que crêem, homens e mulheres, o Espírito que agora possui em plenitude (cf. Rm 1,2-4; Ef 4,7-12)¹⁵. Nesse sentido a citação extraída do discurso de Pedro é clara:

“/.../ exaltado pela direita de Deus, *ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou*, e é isto o que vedes e ouvis” (At 2,33).

Essa afirmação significa: a profissão pública de fé na glorificação de Jesus que

recebeu do Pai o Espírito Santo prometido¹⁶; e o anúncio de que Jesus derramou seu Espírito sobre todos, homens e mulheres, sem exclusão¹⁷.

O Espírito e a palavra autorizada dos apóstolos dão início à nova comunidade cristã, aberta às dimensões da humanidade sem distinção de sexo, raça e cultura¹⁸.

Dentro da concepção de comunidade aberta ao Espírito e ao mundo, a melhor garantia da universalidade da missão é a iniciativa gratuita e livre do Espírito em favor de todos os povos¹⁹. Só o Espírito promove, na liberdade, novas relações e cria novos espaços alternativos de comunicação²⁰.

Pode-se ainda sublinhar a dimensão universal análoga a Atos 2,17, subentendida no discurso de Pedro no Pórtico de Salomão em que lembra aos jerosolimitanos o seguinte:

“Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com os nossos pais, quando disse a Abraão: *‘Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra’*” (At 3,25).

No *terceiro ponto* dessa pregação, Lucas considera como resumo do grande discurso programático de Pedro três elementos necessários para a efusão do Espírito: o arrependimento (metanóia), o batismo e o perdão dos pecados. Aqui também o texto bíblico aponta o caminho que prepara a vinda do Espírito Santo sobre toda carne e as exigências que faz a cada pessoa:

“Arrependei-vos e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2,38).

O poder dos apóstolos é um poder de fé que pode ser resumido no seguinte: capacidade de dobrar os ânimos, de mudar as consciências, de renovar as mentes, de dar à história um novo curso, de continuar

— **Barnabé e Paulo**, eleitos para a pregação entre os gentios. A atuação missionária dos dois é obra direta do Espírito (At 13,2-4) que leva a comunidade a uma mudança importante: aceitar a nova missão. O espaço e o lugar da revelação do Espírito é a comunidade reunida em oração e unida ao Senhor²⁴, como diz a citação bíblica: "Celebrando eles a liturgia em honra do Senhor e jejuando, disse-lhes o *Espírito Santo*: 'Separai-me para mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei'²⁵ (At 13,2). *Enviados, pois, pelo Espírito Santo*, eles desceram até Selêucia de onde navegaram para Chipre" (At 13,4).

— **Os apóstolos**, por ocasião do primeiro Concílio realizado em Jerusalém, sentem-se unidos com o Espírito Santo e se pronunciam formando como que uma só pessoa com ele²⁶.

A parte descritiva da carta desse primeiro Concílio é introduzida por uma fórmula solene: "De fato, **pareceu bem ao Espírito Santo e a nós** não vos impor nenhum outro peso além destas coisas necessárias" (At 15,28).

O reconhecimento do papel decisivo do Espírito Santo na comunidade primitiva corresponde à concepção lucana, na qual ele não separa o testemunho do Espírito do testemunho dos apóstolos, mas o primeiro sustenta e ilumina o segundo (cf. At 5,32).

Nesse contexto revela-se a ação do Espírito que guia o novo povo de Deus e fundamenta a sua identidade²⁷.

— **Os presbíteros**, colocados pelo Espírito Santo como guardiões da comunidade cristã de Éfeso para apascentar o rebanho: "Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho: *nele o Espírito Santo vos constitui guardiões*, para apascentardes a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si, pelo sangue de seu próprio Filho" (At 20,28).

Nessa concepção teológica lucana, a dimensão comunitária da missão santifica-

dora do Espírito se faz presente e atuante na comunidade de fé. Aqui os presbíteros têm a responsabilidade humana de zelar para que o Espírito irrompa em todo o Corpo místico e em cada um de seus membros.

O encargo dos presbíteros deriva do Espírito Santo que por meio de mediações humanas os coloca como guardiões²⁸ do rebanho. Lucas aproxima com imagens bíblicas, como a do "rebanho", do "pastor", os termos e as expressões de que faz uso para elaborar sua mensagem. Tais imagens fundam suas raízes na tradição bíblica (Sl 23,1-4; Ez 34,11-12). E desse modo define aquilo que ele quer comunicar²⁹.

Ao concluir este parágrafo deve-se reconhecer e afirmar que, segundo a teologia de Lucas, o verdadeiro protagonista da pregação apostólica é o Espírito Santo. O testemunho de fé professado por todos os que acreditaram no evento da paixão-morte-ressurreição do Senhor Jesus funda suas raízes no Espírito que foi doado por Jesus, morto e glorificado.

Esses fatos não podem ser explicados segundo critérios humanos os quais lêem e interpretam a história como um processo, que também o é, mas não basta, pois tais fatos constituem o evento salvífico no sentido integral da palavra, evento rememorado na palavra que Jesus pronunciou sobre o cumprimento da Escritura a seu respeito (Lc 24,46-47).

Em tal contexto compreende-se o objetivo que o autor do Livro dos Atos tinha em vista: deixar de lado o relato da paixão e insistir no testemunho da ressurreição de Jesus que recebe do Pai a plenitude do Espírito Santo e o derrama sobre toda carne (At 2,33). Este é o evento decisivo da obra salvífica de Deus (At 2,32; Lc 24,48).

O Espírito funda a Missão, prolonga a ação de Jesus na história e estende a salva-

ção até os confins da terra (At 1,8). A obra do Espírito na história é progressiva e as pessoas que a levam a bom termo são homens e mulheres chamados e enviados por ele.

O Espírito não está ligado a lugares ou a pessoas, mas não as transtorna nem as ignora na sua responsabilidade humana de anunciar o evento do Cristo Ressuscitado, independentemente de raça, cor, sexo. É o que se verá no próximo segmento.

2. MISSIONÁRIAS DO TEMPO DO ESPÍRITO

O Livro dos Atos abre com um Prólogo no qual Lucas lembra as atividades que ele escreveu de Jesus desde o início de sua vida. Nessas atividades o evangelista evidencia as instruções dadas aos apóstolos, a ordem de não se afastar de Jerusalém e a recomendação de que aguardem o cumprimento da promessa do Pai: serem batizados com o Espírito Santo¹.

Em seguida Lucas se refere aos componentes desse núcleo originário: os apóstolos, as mulheres, Maria a mãe de Jesus², e os "irmãos" de Jesus (At 1,14). A fé no Senhor Ressuscitado e a adesão ao seu projeto de vida é o princípio que cria esta comunidade de fé³.

A comunhão que une os membros não é simplesmente uma realidade querida por eles, mas é, antes de tudo, obra do Espírito atuante em cada membro que, ao comunicar o evento da ressurreição, determina o perfil da pessoa que anuncia e daquela que escuta e acolhe o anúncio.

A **participação** no trabalho fundador das primeiras comunidades cristãs e o **testemunho** de fé no Senhor Ressuscitado, portanto, perfilam o trabalho missionário das Mulheres nos Atos de Lucas.

3. A PARTICIPAÇÃO E O TESTEMUNHO DA MULHER NA COMUNIDADE PRIMITIVA

A participação das Mulheres nas atividades que dizem respeito à obra do Senhor se dá não só através da comunidade de Jerusalém⁴, mas de todas as que se formam a partir do anúncio feito por aquela⁵.

Em muitas comunidades descritas por Lucas no Livro dos Atos, ele fala da participação das Mulheres no trabalho missionário e nomeia muitas delas, que se destacam pelo testemunho de fé e pela incansável dedicação aos trabalhos das comunidades cristãs.

A participação e o testemunho dessas Mulheres fundam suas raízes na experiência de fé que elas fizeram ao encontrar-se com o Jesus da ressurreição na manhã da páscoa⁶, como tivemos ocasião de falar quando tratamos da missão referida às Mulheres em nosso artigo anterior.

As Mulheres participam *realizando* a prática da Palavra que ouvem na liberdade; *rompendo* com a velha prática da submissão e da desigualdade; e se *antecipando* ao movimento do Reino de Deus inaugurado por Jesus durante sua vida terrena com seu anúncio da manhã da páscoa.

Essa participação das Mulheres da comunidade primitiva se dá de três modos. *Primeiro*, através da **escuta** (áxoúo) e do **acolhimento** (úpodoxé) da mensagem da palavra da Vida (do Jesus "vivente")⁸. *Segundo*, através do **ensinamento** (didaskaloi) daquilo que dizem as Escrituras a respeito de Jesus e sua obra. *Terceiro*, através da função do dom da **profecia** (profetia) entendida como serviço (douleia) à comunidade de fé. Veremos em particular cada um.

A) As Mulheres escutam e acolhem a Palavra que é anunciada

As Mulheres referidas pelo autor do Livro dos Atos mostram profunda capacidade de escuta atenta da mensagem que é proclamada e demonstram grande abertura em acolher a Boa Nova do Jesus "viventem", como quem acolhe em sua casa um hóspede muito esperado e muito querido.

Ao considerar a participação das Mulheres através da escuta e da sua acolhida à mensagem que as leva a tomar uma decisão, o autor do Livro dos Atos destaca algumas delas.

Dentro desse quadro pode-se falar das *Mulheres da Samaria*, que junto com os homens pedem o batismo após terem ouvido a pregação de Filipe nesta tumultuada missão (At 8, 4ss.12)¹⁰.

Em um ambiente dominado pela prática da magia deve-se considerar, por um lado, a capacidade dessas Mulheres de discernirem sobre os fatos daquele contexto e dar o devido destaque à opção delas pelo anúncio da Boa Nova feita por Filipe.

Por outro lado, deve-se levar em conta também que as Mulheres contribuíram para o sucesso desta missão a qual mostra a expansão da comunidade de fé segundo o projeto inicial de Jesus, projeto que inclui homens e mulheres: "/.../ sereis minhas testemunhas até os confins da terra" (At 1,8).

Nesse contexto de expansão missionária da comunidade de fé destaca-se ainda, no mundo greco-macedônio, a conversão de Lídia¹¹. Ela se converte quando Paulo e seu grupo de colaboradores visitam as comunidades cristãs de fundação recente na Ásia Menor (At 16,4-5). O grupo missionário de Paulo esperava encontrar os homens a quem anunciar sua mensagem, mas encontrou um grupo de Mulheres.

Lucas destaca que esse grupo era da colônia romana de Filipos (At 16,11-15), à qual Lídia fazia parte. Interressa-lhe pôr em primeiro plano a escuta aberta e gene-

rosa de Lídia e a acolhida sem restrições da iniciativa divina na vida desta mulher. Veja-se o texto:

"Uma delas, chamada Lídia /.../, adoradora de Deus, *escutava-nos*. O Senhor abra o coração para que ela atendessem ao que Paulo dizia" (At 16,14).

Cabe ressaltar também a conversa informal de Paulo e seus companheiros de missão com esse grupo de Mulheres, conversa que se conclui com a conversão de Lídia. Esse fato dá uma nova característica ao modo de evangelizar, rompendo com o clássico discurso missionário e a solene pregação dirigida a grandes assembleias ou a multidões de pessoas.

Não menos enfatizada por Lucas é a adesão à fé das *Mulheres de condição* que figuram entre as conversões havidas em Tessalônica (At 17,4) e as de Beréia (At 17,12), cuja participação destas mulheres na comunidade de fé exaspera os judeus. Elas representam a garantia de proteção junto às autoridades. Sem o apoio dessas mulheres os judeus sineditas corriam o risco de perder força e autoridade junto à sinagoga¹².

Em Atenas, Paulo se dirige à "intelligentsia" da cidade com o clássico discurso de anúncio que Lucas lhe atribui. Em um ambiente hostil criado pela alta intelectualidade pagã, polarizada pelo grupo dos epicureus e dos estóicos (At 17,18), o autor dos Atos cita o nome da mulher *Dâmaris* (At 17,34), um dos membros do ínfimo grupo que adere à proposta de salvação anunciada por Paulo¹³.

Dâmaris deixa de lado a sabedoria pagã da auto-suficiência para escutar a pregação de Paulo e acolher a proposta do plano salvífico de Deus que a ilumina para uma opção de fé consciente. Não se intimida diante das ideologias da cultura grega, ideologias que se abalam com o anúncio da ressurreição. Essa mulher acolhe o novo e o diferente com coragem e liberdade de consciência.

B) A participação da mulher pela transmissão do conhecimento profético da Palavra¹⁴

A participação da mulher no ministério da *didaskalos* é referida explicitamente nos Atos de Lucas uma vez. É o caso de *Priscila* na comunidade cristã em Éfeso (At 18,26).

A iniciativa de *Priscila* no trabalho missionário dessa comunidade (At 18,24-28) é bem evidenciada pelo estilo redacional usado por Lucas ao escrever este episódio.

Junto com seu marido, *Áquila*, *Priscila* exerce uma função importante reservada às pessoas que ensinam, que instruem. Ela possui formação teológica que a torna capaz de integrar à tradição cristã e ao ensinamento as pessoas que precisavam conhecer a mensagem através da ciência sagrada, aprofundando a fé na comunidade e a própria missão no mundo.

O casal *Priscila e Áquila* assume esse serviço e toma sob sua responsabilidade a formação de *Apolo*, que precisa de um conhecimento maior da fé cristã. Só assim este poderá ter condições de pregar com exatidão o que diz respeito à vida, à obra e ao mistério de Jesus (At 18,25).

Ao considerar o ministério da *didaskalos*, Lucas estabelece uma relação deste serviço com o exercício do dom da *profetia* atribuído às Mulheres. Neste caso o termo "profetisa" designa uma função ligada ao anúncio e à catequese, atividades que entram a fazer parte da missão profética exercida pelas Mulheres.

A função de ensinar vai se delineando também através das várias vozes proféticas que se fazem ouvir nas comunidades visitadas e encontradas por Paulo (At 20,9,23).

Um caso típico é a narrativa da viagem de volta para Jerusalém que Paulo realiza passando por Cesaréia. Hóspede da casa de Filipe — o missionário da Samaria — e encontrando-se num ambiente caracteri-

zado por um clima carismático, Lucas dá esta notícia: Filipe tinha quatro filhas virgens que profetizavam (cf. At 21,9), sem nada mais dizer a respeito¹⁵.

A função de profetizar exercida por Mulheres era um ministério importante na comunidade primitiva¹⁶, o qual guarda íntima relação com o ministério da *didaskalos*.

Considerados esses fatos, pode-se dizer que desde os primeiros momentos em que o anúncio do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo se expande além das fronteiras de Jerusalém, as Mulheres marcam presença ativa e participação consciente no processo da universalidade da missão.

A função de quem instrui na ciência sagrada é abrir a mente da mulher e do homem e iluminar os fatos concretos da história com a fé. A função de quem profetiza é deixar que o Espírito de Deus fale, pela boca da profetisa ou do profeta, das coisas antigas que Deus quer lembrar à comunidade no que diz respeito ao seu plano de amor salvífico.

C) A participação da mulher pelo testemunho de fé¹⁷

As primeiras testemunhas de Jesus na manhã da páscoa são as Mulheres que acreditaram no Senhor Ressuscitado como o "vivente" de Deus. Pela sua fé são acreditadas por muitos e pela sua participação na vida e no mistério pascal de Jesus são colocadas na medida das "grandes obras de Deus", das quais elas mesmas se tornam testemunhas insubstituíveis¹⁸.

A função das Mulheres que testemunham a ressurreição do Senhor é colocada em evidência no Livro dos Atos quando estas enfrentam perseguição e cativeiro junto com os homens por aderirem à pregação do mistério de Jesus, enquanto Cristo morto e glorificado (cf. At 8,3).

O testemunho de fé dessas Mulheres assume um aspecto ainda mais evidente

quando, junto com os homens, enfrentam o risco de perder a própria liberdade por se mostrarem fiéis ao Caminho do Senhor (At 9,1-2), fato lembrado por Paulo em seu discurso de defesa pessoal diante dos judeus de Jerusalém (At 22,4). E não só, mas por ensinarem às pessoas a seguirem este Caminho de acordo com o chamado e o envio do Espírito do Senhor.

O testemunho do Senhor Ressuscitado dado pelas Mulheres nasce da sua atitude de acolhimento e destas ações praticadas por elas mesmas:

— da **escuta** atenta da Palavra na história, do acolhimento generoso do Espírito que pronuncia esta Palavra através de mediações humanas;

— da **transmissão** do conhecimento e do exercício do dom da profecia como serviço;

— da **penetração** no mistério de Jesus morto e Ressuscitado e da prática missionária como confissão de fé.

Ao concluir este segmento queremos fazer três afirmações que fecham a atua-

ção das missionárias do Tempo do Espírito junto à comunidade que se encontra em expansão pelo mundo todo.

1ª) A pequena comunidade que aguarda na concórdia e em oração o Espírito Santo representa o novo povo de Deus, sem discriminações e privilégios. Mulheres e homens participam deste povo, seja na oração, seja na pregação.

2ª) A participação das Mulheres no anúncio da ressurreição significa que elas estão associadas ao projeto do Reino de Deus inaugurado por Jesus durante sua vida terrena; levado a termo na sua morte-ressurreição; e continuado pelo seu Espírito que se derrama sobre cada membro da comunidade originária sem nenhuma exclusão.

3ª) A **ekklêsia** é o evento que une mulheres e homens em torno do anúncio do Senhor vivo o qual realiza a comunhão humana e divina na fé, e envia em missão cada membro da comunidade cristã fundada no Espírito que impulsiona mulheres e homens.

NOTAS:

1. FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*. Ed. Loyola, S. Paulo 1991, 59s; DUPONT, J. *Teologia della chiesa negli atti degli Apostoli*. Ediz. Dehoniane, Bologna 1984, 89s; CONGAR, Y. *Credo nello Spirito Santo* 1. Ediz. Queriniana, Brescia 1984, 58-63; PERKINS, Ph. "O caráter missionário da Igreja no Novo Testamento", in *Concilium* 134, 3,13; Wauter, B. "O universalismo no Novo Testamento", in *Concilium* 121, 85-88.
2. A concepção de *querigma* é bastante aproximada entre os diferentes autores: O Reino de Deus proclamado pelo apóstolo não é história que se confunde com outros fatos, mas é história salvífica que deve ser anunciada. A pregação desta história salvífica é que se torna evento de salvação. Não é o conteúdo daquilo que está sendo anunciado que opera a salvação, mas Deus que age por meio desta palavra (anúncio, pregação).
3. Cf. KASPER, W. e SAUTER, G. *La Chiesa luogo dello Spirito*. Linee di ecclesiologia pneumatologica. Queriniana, Brescia 1980, 69ss. COMBLIN, J. *A Igreja e sua Missão no Mundo*. Tomo III. Ed. Vozes, Petrópolis, 1990.

4. Cf. DONALD SENIOR e STUHLMUELLER, C. *Os fundamentos bíblicos da missão*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1987, 369s. O a. DONALD SENIOR que escreveu a II Parte desta obra diz que o alcance, a estrutura e o conteúdo de Atos são dominados pelo problema da missão universal. Nós preferimos, de acordo com outros aa., tratar da missão dirigida aos outros povos como uma missão que apresenta a *nota* específica da universalidade como força do próprio dinamismo que a missão herdou do judaísmo e não tratá-la como um "problema".
5. Cf. FABRIS, R. *Os Atos dos Apóstolos*, 66-67.
6. Cf. *Ibid.*, 69; COMBLIN, J., *Atos dos Apóstolos* 1, Ed. Vozes, Petrópolis 1988, 73.75.146.
7. Cf. *Ibid.*, 70; DUPONT, *Teologia della chiesa negli...*, 61-68.
8. Cf. *Os Atos dos Apóstolos*, 60-61. O vento e o fogo (At 2,2-3) são sinais simbólicos de sua presença, bem como a pomba em forma corporal que desceu sobre Jesus no seu batismo. A cena de Pentecostes tem significado programático como a do batismo de Jesus (Lc 3,21-22). O *pneuma* do Cristo é enviado de forma tão real e concreta como o Filho mesmo.

11. *Os Atos dos Apóstolos*, 63. Esta é uma das interpretações que Lucas dá à experiência do Espírito. É sugerida pela antiga tradição judaica a respeito do dom da lei no Sinai. É institucionalizada por Lucas porque lhe permite ressaltar a dimensão universal da ação do Espírito. Mas "falar em línguas", seja como for interpretado, será um sinal que, como todos os sinais religiosos, apela para a tomada de posição do homem: acolhida ou recusa.
12. Cf. José COMBLIN. *Atos dos Apóstolos*, vol.I:1-11. Comentário Bíblico NT. Imprensa Metodista, Editora Sinodal, Vozes, Petrópolis 1989, 175.202; vol.II 22.24.62. Pertence ao estilo próprio de Lucas mostrar a intervenção direta do espírito que enuncia claramente a sua vontade. Os relatos lucanos, porém, nada dizem dos processos históricos que propiciam a intervenção do espírito.
13. Cf. *Os Atos dos Apóstolos*, 62,68.
14. Cf. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*/I, 101-102; Teologia da Missão. Ed. Vozes, Petrópolis 1983, 36.71.
15. Cf. *Os Atos dos Apóstolos*, 71.
18. Cf. SAMAIN, E. "A Igreja uma Comunidade Libertadora e Criadora? Uma exegese de Atos 2,1-13", in *REB*/35, junho de 1975, 326-3262; MENOUD, P.H. *La vita della Chiesa primitiva*. La perseveranza nel fatto cristiano partendo da Atti 2,42. Milano 1971; VERGES, S. "Espírito y comunidad", in *Imagen del Espíritu de Jesús*. Secretariado Trinitário, Salamanca, 1977, 26-31; 74-78; *Os Atos dos Apóstolos*, 174.
19. Cf. *Os fundamentos bíblicos...*, especificamente, "Atos dos Apóstolos: a missão universal da comunidade", 369s.
20. Cf. *Os Atos dos Apóstolos*, 64.
22. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*/I, 175.
23. *Os Atos dos Apóstolos*, 164. Deste comentário exegético citamos ainda o estudo de Atos, c. 10, que trata do episódio de Cornélio como primeiro convertido pagão, quando Filipe já havia batizado o eunuco etíope, 207ss. Largo comentário teológico é feito por ANTON, A. em *La Iglesia de Cristo* da BAC, 443s.
24. Cf. *Os Atos dos Apóstolos*, 250.
25. Cf. *Ibid.*, 250, n.4: Lucas aqui nomeia profetas e doutores. Paulo nas suas cartas associa profetas e mestres (1Cor 12,28; Rm 12,6-7; Ef 2,20; 4,11). Para a tarefa e a qualificação dos mestres, cf. Hb 5,12; Tiago 3,1. Para a tarefa dos profetas, cf. 1Cor 14,3.
26. COMBLIN/II, 56: A menção ao Espírito Santo não significa que esteja ligado de tal modo aos apóstolos e aos presbíteros a ponto de ter de aprovar e confirmar tudo o que eles decidem, nem que eles sempre serão a expressão fiel do Espírito Santo. Simplesmente a carta diz que os apóstolos e os presbíteros chegaram à conclusão de que o Espírito Santo não queria pôr nenhuma restrição à entrada dos pagãos na comunidade de salvação.

O Espírito Santo assim decidiu e eles tinham de obedecer e abrir as portas às nações sem pôr obstáculos.

27. *Os Atos dos Apóstolos*, 63.

28. *Ibid*, 369: O nome "Guardiães" traduz o termo grego *episkopoi*, bispos, que nos textos profanos e na versão bíblica dos setenta designa os funcionários com uma função precisa de vigilância. Enquanto o vocábulo *presbyteros* indica a dignidade ou o papel genérico de um encarregado ou responsável, o de *episkopos*, referido à mesma pessoa, designa a sua função. Esta é logo precisada: apascentar o rebanho que é a Igreja de Deus.

29. *Ibid*. VERGES, 355. A imagem do "rebanho" vem junto com o título de "pastor". Jesus como Messias, representante de Deus é o único e verdadeiro pastor (cf. Jo 10,11.14). Por isso o título de "pastor", geralmente, é reservado a Jesus (cf. 1Pd 2,25; 5,4). Os presbíteros têm a função de prolongar e continuar a função do único pastor supremo, que é o Cristo e Senhor de toda a grei de Deus.

* * *

1. Cf. COMBLIN, *Atos dos apóstolos*/I, o.c., 83: A oração à espera do Espírito é tema de Lc tanto no Evangelho como nos Atos. Rico comentário a este v. é feito por STAHLIN, cuja obra citamos. A oração comunitária cria unanimidade, perseverança e unidade dos membros da comunidade de Jerusalém que atende Deus e seu Espírito.
2. Somente nesta passagem da história da Igreja nascente Maria é mencionada. Ver COMBLIN, *Atos dos...*/I, o.c., 83-84, onde o a. destaca a correspondência de Lc 1-2 e At 1-5.
3. DUPONT, J. *Teologia negli Atti degli Apostoli*. Coll. "Studi biblici" 10. Ediz. Dehoniane, Bologna 1984, 68-69; 106-107. Ainda: *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. Col. Bíblica 17. Ed. Paulinas, S. Paulo 1974. Especificamente: "O estado das questões" que se referem aos cc.: 16 (pp. 96-98), 18 (pp.98-99), 21 (pp. 99-101) e os comentários das pp. 230; 448,470; 521. Servimo-nos ainda dos *Gli Atti degli Apostoli*, Vol. 5, comentado por STAHLIN, G. Paideia Editrice, Brescia 1973. Utilizamos o comentário referente às pp. 383.442,482ss. O comentário mais recente a que tivemos acesso é o de SADOT, Y. *Atos dos Apóstolos*. Ação libertadora. Nova Coleção Bíblica. Ed. Paulinas, S. Paulo 1991, 321-322 e respectivas notas de referência. Foram úteis também os comentários que já foram citados, como os de KURZINGER, STÖGER, B.A.C. Cabe lembrar também COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*/I e /2; ANTON, A. "Imagem lucana de la 'Ekklesia'", cap. VII, in *La Iglesia Ce Cristo*. BAC, Madrid 1977, 421-476. Foi-nos de grande utilidade os estudos das teólogas TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1990, 125s.; QUERÉ, F. *Le donne nel Vangelo*. Rusconi Libri, Milano 1983. Pouco se fala da atuação da

mulher nos Atos no verbete de autoria GALOT, J., "Donna nella Chiesa", in *Nuovo Dizionario di Teologia* (NDT). Ed. Paoline, Roma 1985, 336-348; SANTISO, M. T. porcile, "Il Nuovo Ardore: Un Dono e una FORZA dello Spirito", in *Sessão SG-UISG* (Unione Internazionale Superiore Generali), 1993, 1-12 (apost. xerocada).

4. Cf. D'ÁRC. J. e SÉGUINEAU, R. e outros. *Le concordanze del Nuovo Testamento*. Marietti, Torino 1978. Tomamos as palavras: participação-comunhão em dois sentidos: 1º) colocar em comum, participar: *Koinoneo*; 2º) participar — ter parte a: *met-echo*. Para o primeiro sentido as Concordâncias tomam como ponto de partida os três "sumários" de Atos em que se descreve em traços análogos a vida da comunidade cristã (At 2,42-45; 4,32-35; e 5,12-16). Para o segundo sentido que completa o primeiro, partimos de fatos narrados nos cc. 16.11s. (que fala de Lídia) e 18,18s.24ss (que fala de Priscila) e não nas citações das concordâncias, pois estas não oferecem indicações para o nosso objetivo. VERGES, S. *Imagen del Espíritu de Jesús*. Persona y comunidad de amor. Secretariado Trinitario, Salamanca 1977; 62.134.179.258. O a. fala que o Espírito Santo, ao comunicar-se com a pessoa e a comunidade na história, entra de alguma maneira em contato com a condição humana contingente. O Espírito Santo realiza e introduz a Cristo na história e na humanidade. Fundamenta citando BOULGAKOV, F.S. *Paraclet*, Paris 1946. Para Verges o Espírito de Cristo é o que realiza dentro de nós a acolhida da amizade divina no seu envio para o mundo. A transcendência de Deus não pode ser efetiva na pessoa humana se não está nela o poder do Espírito Santo. Por isso a obra do Espírito de Deus na pessoa é totalmente distinta das nossas. Nós não podemos senão impulsionar desde fora ou no máximo motivar as pessoas para um ideal proposto. Ao passo que o Espírito Santo opera dentro do ser humano ao estar mais presente nele que o próprio íntimo do homem (Santo Agostinho, *Confissões* III 6,11).
5. Cf. MILITELLO, C. "Dirlo al femminile", in *Rocca*, agosto/1-settembre 1990, 50-53, bem como AMALADOS, M. "Convivialità delle differenze", 53-56.
6. QUÉRÉ, F. o.c., 55. A a. completa dizendo que com esta experiência de fé a mulher conquistou nova estatura: da condição de serva passa àquela de mensageira.
7. Cf. QUÉRÉ, F. "La resurrezione secondo i primi tre Vangeli", in *Le donne nel Vangelo*, 51-66; FIORENZA, E.S. *In memoria di lei*. Una ricostruzione femminista delle origini cristiane. Claudiana, Torino 1990, 456s.
8. O título Senhor (Kyrios) é rico em significado e exprime muito bem o objeto da fé: Jesus Ressuscitado vive, é glorioso, na condição de Senhor; é presente e ativo na comunidade à qual proporciona os bens messiânicos (alegria, paz, Espírito

Santo). Cf. LATOURELLE, R. 'La comunità primitiva: prepasquale e postpasquale', in *Dizionario di Teologia Fondamentale: "Vangelo Sotoricità"*, 1411-1415.

9. QUÉRÉ, F. *Le donne nel Vangelo*, o.c., 45-55; 61ss. TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*, o.c., 93-101. SCHMID, J. *El Evangelio Según San Lucas*, o.c., 508-510. FEUILLET, A. "La dignité et le rôle de la femme", in *New Testament Studies* 21, 1975, 157-191, art. citado por FIORENZA, E. em "O papel da mulher no movimento cristão primitivo", publicado na revista *Concilium* 111, 1976, 6-17. Levamos em conta também os comentários e a teologia feitos a partir desta perícopa de aa. citados em nn. anteriores e que serão referidos oportunamente. Apraz-nos citar João Paulo II. *Mulieris Dignitatem*, 1988 AAS 80, 1988, de modo especial o parágrafo 16. Um grupo de teólogas católicas brasileiras fez uma interpretação desta Carta Apostólica e publicou um fascículo intitulado *O lugar da mulher*. Ed Loyola, S. Paulo 1990, fascículo org. por Maria Clara Bingemer, do qual citamos especificamente, 25-30; 39-44.
10. *Os Atos dos Apóstolos*, 159: Filipe é um dos sete, conhecido como "evangelista" (At 21,8). Anuncia o Evangelho pela primeira vez na Samaria.
11. Fazer um cf. STÄHLIN, G. *Gli atti degli Apostoli*. Paideia Editr., Brescia 1973, 38-42; 38-42; 384s. O cristianismo que deve ser pregado a todas as nações tem início com uma mulher em território ocupado pelos romanos. DUPONT, em sua obra *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*, já citada, 397-398, fala da importância teológica de Jerusalém dada por Lc, como lugar onde as profecias deviam se realizar: Lc 2,38; 9,31; 13,33; 18,31; 19,11. De modo similar nos Atos a progressiva expansão do cristianismo, de Jerusalém até Roma, não é só geográfica, mas é passagem simultânea do mundo judeu ao dos gentios. O Livro dos Atos narra esta história que responde ao programa traçado para Cristo e que consta das Escrituras. Neste sentido a história narrada pelo Livro dos Atos revela-se inteiramente imbuída de teologia. Lc não era apenas cronista, tem instinto de historiador e apresenta os fatos conforme a continuidade do tema que o interessa e este era a propagação da fé no Senhor ressuscitado, particularmente a transição do judaísmo ao étnico-cristianismo.
12. COMBLIN, J. *Atos dos Apóstolos*/II,70: A primeira parte desta grande missão mostra o êxito da pregação em Tessalônica, segunda Igreja em terra grega. Como de costume, Lucas menciona que primeiro a pregação se dirige aos judeus, destes convertem-se, mas poucos. Ao invés um grande número de prosélitos adere à mensagem. Entre eles há pessoas da alta sociedade, particularmente mulheres, composição que fornece uma boa amostra das comunidades lucanas: judeus, prosélitos e significativa presença de mulheres, sobretudo da alta sociedade.

13. Cf. COMBLIN/II, 85; A pregação não foi totalmente ineficaz. Houve algumas conversões. Lucas cita o nome de Dâmaris, uma senhora que frequentava o círculo dos intelectuais da cultura grega. *Os Atos dos Apóstolos*, 329s e nn. de referências correspondentes.
14. FIORENZA, E. "O papel da mulher no movimento cristão primitivo", in *Concilium* 111, 1976/1, 6-17; RUETHER, R. "Mulher e ministério na perspectiva histórica e social", in *Ibid*, 30-38; BONORA, A. "La donna nel Nuovo Testamento", In *Rocca*, giugno 1992, 56-57; CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB), "As mulheres na Igreja Primitiva", in *Mulher e Homem: Imagem de Deus*. Texto-Base da Campanha da Fraternidade 1990. Ed. Salesianas D. Bosco, S. Paulo 1990, 92-95; SADOT, Y. "O lugar das mulheres nos Atos", in *Atos dos Apóstolos*, 321-322; CONGAR, Y. e RAHNER, K. *La Pentecoste*. Queriniana, Brescia 1989; TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*, 125s.
15. Cf. DE CANDIDO, L. "Vita consacrata", in *Nuovo Dizionario di Spiritualità*. Ed. Paoline, Roma 1982, 1585. Ao apresentar as diferentes tipologias de vida consagrada no cristianismo, o a. esquematiza tipos que correspondem a determinados períodos históricos. Um destes é o "Ascetismo doméstico", que segundo o a. foi a primeira realização histórica de vida religiosa no cristianismo, tipo encontrado no breve aceno de Atos, 21, 8-9, em torno ao ano 58 em Cesaréia.
16. Cf. SADOT, Y. *Atos dos Apóstolos*, o.c., 150-151. A linha de interpretação desta passagem se aproxima nos comentários dos diferentes aa. dos quais só citamos este. Segundo este a. o Livro dos Atos parece abrir maior espaço para a atividade missionária das mulheres no contexto de atuação dos Sete, e não da missão dos presbíteros, STÄHLIN, o.c., 482-483, mostra as raízes veterotestamentárias da profecia que se realiza pelas mulheres. Segundo ele, as profetisas do cristianismo primitivo, em que se realiza a promessa de At 2,17 (Jl 3,1), continuam a série das profetisas da antiga aliança (Miriam, Débora, Hulda); pode-se deduzir que para Lc virgindade e profecia autêntica estão em íntima conexão.
17. Cf. LATOURELLE, R. "Testimonianza comunitaria", in *Dizionario di Teologia Fondamentale*, o.c., 1325-1326: este tipo de testemunho (t), o da comunidade de fé, enfatiza a força que este tem na atividade missionária. Segundo o a. o t. comunitário é uma resultante e não uma simples adição ou justaposição de testemunhos individuais. Constitui uma realidade nova e original. O Livro dos Atos abre com este t. Preferimos esta relação simbólica da igreja e da mulher — nova e original no sentido de que, com a vinda de Cristo e seu Espírito, foi inaugurada e legitimada uma relação igualitária inclusiva, em que homem e mulher têm acesso a todos os bens deixados à comunidade de fé constituída por Jesus durante sua vida terrena e confirmada na ressurreição e antes de sua ascensão —, àquela de Paulo (Ef 5,24-25), na qual enfatiza a sujeição. A mulher é tão presença quanto o homem na comunidade de fé. Veja-se TEPEDINO, A. M., o.c., 125s.
18. JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*. Carta Apostólica sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por ocasião do ano Mariano. Ed. Loyola, S. Paulo 1988, 61, parágrafo 16. *Ibidem*, 61.62.64.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Se o Espírito está na origem das nossas ações, ele entra também na história para transformá-la. Que função desempenha o Espírito na história dos nossos povos de hoje?
2. A comunidade primitiva atuava com o Espírito Santo como que fazendo uma só pessoa com Ele. Qual o lugar que nós damos ao Espírito Santo na nossa vida individual, nas reuniões e encontros de comunidade, nos capítulos da Congregação/Ordem e nas Assembléias realizadas nas comunidades populares, na paróquia, diocese etc.?
3. A continuidade da missão de Jesus Cristo continua tendo como estrutura básica o chamado e o envio dos apóstolos e de outros missionários como vimos não só no primeiro segmento deste artigo, mas também no artigo da última Convergência. Como você e sua comunidade vêem a participação e o testemunho das Mulheres nas nossas comunidades eclesiais, as quais tentam criar uma estrutura mais inclusiva e menos discriminatória no processo de evangelização do povo? Quais seriam as características de uma comunidade cristã em que mulheres e homens teriam os mesmos direitos de participação em todos os ministérios da Igreja do Senhor Ressuscitado?

ACOMPANHAMENTO DE CASOS CONFLITIVOS DA VIDA RELIGIOSA

Pe. Victoriano Baquero, sj
Rio de Janeiro/RJ

Mudar as lentes de contato para outro tipo de lentes claras e otimistas. Ver a realidade como ela é. A realidade, por si, é terapêutica. Agir a partir dos conflitos. Descobrir no negativo o que há de positivo. Reciclar o lixo do passado para convertê-lo em luxo. Descobrir a mão de Deus que é pai.

1. INTRODUÇÃO

O método da casuística é altamente invocado no estudo da moral e da psicologia clínica. Dele nasceu a teoria e a prática medicinal. Por que não aplicar esse mesmo recurso no acompanhamento das pessoas religiosas com ou sem conflitos pessoais? Este trabalho pretende apresentar um caso real típico de conflitividade religiosa. Do estudo, pretendemos oferecer pistas para dar saída eficaz a tais situações conflitivas. Do estudo dos casos, poderá nascer nova teoria e prática sobre modos eficazes de dar respostas (solucionar) a tantas pessoas consagradas que vivem às voltas com problemas afetivos que entrevam e entram o processo evolutivo da maturidade espiritual. Rulla, com grande cora-

gem e perspicácia, iniciou um trabalho atrevido ao enfrentar a problemática da crise vocacional presente tanto entre religiosos como sacerdotes.

A pessoa em estudo deu-me licença para publicar seu depoimento, confiante de que sua transparência ajudará as pessoas que, como ela, passam por crises afetivas persistentes. Certos dados pessoais serão omitidos para evitar identificações possíveis. Apresentaremos o essencial do caso, pois seria o acidental que poderia identificar as pessoas em foco. Acredito ser este um caminho altamente proveitoso para a futura formação dos candidatos à Vida Religiosa e Sacerdotal. Esta é a intenção do presente trabalho.

2. APRESENTAÇÃO DO CASO

Relato o caso tal e como me foi referido: "Tudo o que eu escrever neste caderno será com toda a sinceridade de que sou capaz; faço isto com medo das consequências, é que, às vezes, me parece como se fosse uma condenação à morte: Você errou, está tudo errado, volta para trás, embora esteja no fim do caminho.

Estou quase às vésperas de completar 60 anos. Pelos 12 anos, senti, pela primeira vez, o desejo de ser Religiosa, e até os 18 anos este desejo esteve misturado e se alternava com o de me casar um dia.

Quando estava com 15 anos, certas Irmãs abriram um colégio na minha cidade e sempre que as via passando, ou na Igre-

ja, pensava: Como deve ser bom viver inteiramente para Deus como elas, cuidando de ensinar o povo (catequese de crianças-jovens), escola no interior etc. Elas têm uma vida casta, inteiramente doadas, pobres e obedientes... Sentia esta atração, ao mesmo tempo que achava ser este o meio de oferecer a Deus uma reparação pelos erros que, desde criança, cometera contra a castidade; coisas que me fizeram sofrer muito durante muitos anos. Ao mesmo tempo, também me lembrava, com grande saudade, de um rapaz que eu conheci aos 14 anos e foi para mim o primeiro amor de minha vida.

Aos 17 anos, depois de falar com uma das religiosas e com o vigário, falei também com minha mãe, pedindo permissão para entrar para a Congregação. No mês de setembro deixei minha família, com grande dor, porque sabia que não poderia mais voltar para visitar minha mãe e irmão. A licença só foi concedida a partir de 1965 e, além disso, eu vinha para a grande cidade e eles ficavam no interior. Senti um pouco da separação da morte neste dia.

Não foi facilmente que me adaptei. Na época, a formação era muito severa e não havia praticamente nenhuma orientação. Era preciso ser obediente, trabalhadora, não se queixar de nada e a ninguém, rezar bastante etc.

Em 1949, pela primeira vez, comecei a ter desejo de voltar para casa, porque minha irmã havia se casado, meu irmão caçula fora para o exército e minha mãe, doente, foi morar com um dos filhos casados, mas começou a sofrer desprezo da nora. Tive muita vontade de dizer a minha mãe que ia voltar para ficar com ela, fazendo-lhe companhia (quando ela veio me visitar), mas não tive coragem porque ficaria muito triste se eu voltasse por causa dela; e também porque eu tinha ouvido muitas vezes que se entrava na Congregação era porque Deus tinha chamado e vol-

tar atrás era condenar-se na certa... e eu não queria condenar-me.

Nessa época, recomecei a sentir saudades do rapaz de quem já falei e que nem sabia se ainda existia etc. No noviciado, não escondi nada à mestra, nem quanto ao motivo que me levava a entrar, nem quanto ao passado, nem também quanto às saudades e todo tipo de tentações. Em 58 fiz a primeira profissão. Nesse dia, que foi também o último em que vi minha mãe (faleceu pouco depois), não experimentei a alegria que via nas outras... No fundo havia em mim uma espécie de vazio. Essa situação (tentação, tristeza, vazio) foi continuando, e eu sempre ouvindo do confessor e da superiora, quando ocasionalmente expunha isto, que era uma tentação, e que eu tinha vocação. Assim, sempre fui rezando muito, me mortificando bastante e oferecendo isto como reparação pelos meus próprios pecados etc.

Em 1963 fiz os Votos Perpétuos, com muito medo de não perseverar. A partir de então (estava com 34 anos) parece que tudo ficou mais difícil: o ritmo de vida no colégio foi se acelerando; começaram muitas inovações, muitas Irmãs foram deixando a Congregação; passei também a ser mais tentada contra a castidade. Com a orientação de um sacerdote e com grande medo de voltar atrás (perdição eterna, decepção dos familiares), fui atravessando os anos. Em 85 fiz Bodas de Prata. Minha situação interior era a mesma: vazio, falta de alegria profunda, medo de me condenar se saísse, pois trairia a vocação...

Em 1986 fui, por pedido meu, trabalhar numa pastoral de inserção. Em parte, me senti melhor no contato com o povo nas comunidades, mas não conseguia acompanhar o ritmo intenso do trabalho da Pastoral nem a linha adotada na diocese, porque eu não conhecia a Teologia da Libertação e não fui capaz de assumi-la naquela época. Com isso me senti muito

frustrada e me coloquei à disposição para outro trabalho. Assim voltei para a cidade grande. Em 1985, o que sentia antes foi aumentando, e em 90 já não conseguia me conter mais. Sentia, apesar de muito trabalho, muito vazio, tristeza e mesmo vontade de morrer. Falei com a Provincial, pois já me sentia como que arrebatada por dentro. Falei também com a Superiora Geral. Foi-me proposto um acompanhamento psicológico, mas não aceitei por preconceito que tinha sobre isto. Uma outra vez, a superiora me ofereceu a orientação de um psicólogo, porém não aceitei pelo mesmo motivo: preconceito e medo do que ele iria me dizer. Nessa época parece que só havia leigos como psicólogos.

A partir de 87 comecei a ter problemas de saúde: pressão alta, colesterol subindo rapidamente, insônia, ansiedade. Nessa época já estava consciente de minha divisão interna, e às vezes pensava que já estava começando a ficar louca. Só neste ano, 92, é que aceitei e pedi para receber um acompanhamento psicológico que está difícil, pois há muita gente na frente (Abordagem direta do inconsciente). Dispus-me a aceitar esse tratamento, primeiro porque quero saber no fundo de mim mesma qual a verdade que existe. Segundo, porque tenho medo de ficar louca, se continuar assim. Semanalmente, um, dois ou três dias, fico toda envolvida com esse problema, só me livro dele se estiver muito ocupada e com muita atividade. Trabalho parado não resolve. Também porque, nessa situação, não sou capaz de raciocinar, fico muito confusa, angustiada, sem saber o que fazer, tento manter a aparência (teatro). Penso que, se eu pedir uma excomunhão, não vai resolver nada, porque eu não sei o que Deus quis ou quer de mim. Vou continuar angustiada, vazia. Às vezes me parece que o vazio que me enche é maior do que eu mesma. Estou sem rumo, sem coragem, às vezes meio apavorada. Muitas vezes quis pedir orientação para algum sacerdote que

pudesse entender minha situação, mas não sabia a quem recorrer. Os que têm conhecimento de psicologia só atendem nas clínicas, e eu queria orientação psicológica e espiritual, sem tanta técnica e exigências.

Aguardo o chamado da psicóloga, uma religiosa que usa o método da Abordagem direta do Inconsciente. aguardo com medo do que será de mim...!

É mais ou menos assim que me sinto. Devo ter omitido muita coisa, que só falando é que irei lembrando. Vim para este retiro com a esperança de encontrar alguma ajuda, pois venho pedindo muito isto ao Senhor. Que Ele venha em meu socorro. Nunca estou inteiramente naquilo que faço. Tenho a impressão de estar representando papéis, como num palco. Sinto-me repartida, dividida ao meio, da cabeça aos pés, só presa ainda nos calcanhares (deseño). Durante muito tempo sonhava com uma criança aflita e chorando em várias situações e eu tentava inutilmente socorrer. Em outras, sonhava que tinham me mandado embora da Congregação e acordava sempre a chorar. Outros sonhos, quase sempre semelhantes: vejo-me andando pela cidade tentando ver, de longe, ou localizar aquele que foi o meu primeiro amor... Em 88 em certa manhã, ao acordar a primeira sensação que tive foi a de ser eu como um prédio em implosão; mas, em vez do prédio, eu mesma caindo, desmontando-me sobre mim mesma.

Vivendo nessa situação sempre me senti uma pessoa inútil, por mais que tenha me esforçado, em cada época, costumes e circunstâncias, para fazer da melhor maneira o que me era incumbido. Muitas vezes digo a mim mesma: "Você é prejudicial e inútil porque, além de tudo, por não expressar alegria e realização, causa, como religiosa, má impressão para todas; é um contrastemunho, pois quem é consagrada ao Senhor tem necessariamente de estar expressando a paz, a alegria e o equilíbrio

que deve ter no íntimo. Já pensei muitas vezes, nestes últimos meses: se até o final deste ano não aparecer nenhuma luz nem esperança no meu caminho, se o Senhor não me enviar socorro urgente, não agüento mais! Penso em pedir uma excomunhão, mas sei que vou continuar na mesma e provavelmente pior... Não sei o que fazer!

Até 1982, mais ou menos, eu achava que tudo o que eu experimentava (vazio, tristeza, espécie de ausência total de Deus em mim etc.) fosse apenas consequência ou pena dos meus pecados. Aos poucos, talvez a partir dessa época, é que comecei a pensar que se tratasse de erro na escolha do estado de vida, falta de vocação. Isso foi criando em mim nova amargura e maior desorientação, pois não sei se conseguiria recomeçar outro caminho; e a vida para mim parece estar ou ser sem meta, sem alegria, sem nenhuma perspectiva. Iria viver em companhia de minha irmã viúva, ajudá-la em tudo que pudesse, ser-lhe companhia e, se ainda for possível, tentar trabalhar fora (secretária de escola ou paróquia) e também assumir algum trabalho pastoral... mas sinto que não seria feliz.

Preocupo-me, também, com a reação de minha irmã, atualmente a mais velha dos irmãos (está com 80 anos) e não tem condição de aceitar isso.

Sentia essa tristeza e insegurança ao fazer a primeira Profissão, talvez pelo fato de lembrar-me involuntariamente e com frequência daquele que foi o meu primeiro amor de adolescente. Além disso porque pouco tempo antes da Profissão, vários meses antes, por um motivo do qual nem me lembro mais, a Mestra me disse: Vossa Caridade vai fazer os Votos, mas daqui a um ano ou dois vai deixar a Vida Religiosa. Não entro em pormenores porque me confessei de tudo que houve a respeito na minha infância e como continuei a carregar as consequências desse mau hábito, mas o Senhor me concedeu grande graça, e para

Sua glória posso dizer: "Ele me libertou, me lavou e me deu como que um novo coração e um novo modo de sentir, que, no meu modo de entender, chamo de dom da castidade". Fez para mim, penso, como fez com Madalena; recriou-me neste ponto. Até então, eu me sentia como uma adúltera com relação ao Senhor.

Se um dos motivos conscientes que me levaram a entrar para a Congregação foi o grande sentimento de culpa, pelos erros cometidos com relação ao sexo, este sentimento, em vez de diminuir, aumentou a partir do ano (?), pouco depois da 1ª Profissão. Isso porque, a partir desse ano, até 80, os problemas que eu trazia sem solução, da infância, voltaram com toda a força, à medida que os anos iam passando mais complicavam. No ano(?) entrei na pior fase, que por pouco não estourou, ou melhor, estourou de maneira inesperada, porque eles se somaram a problemas de outra pessoa, que, desejando me ajudar, por um triz não caímos ambas no mesmo buraco. A ansiedade que esse fato gerou em mim é difícil demais para explicar. Forçou-me a romper uma amizade e confiança de anos, amizade, aliás, que já estava, da minha parte, ultrapassando os limites, pois esta pessoa que a princípio era para mim um amigo, conselheiro e diretor, tinha, aos poucos, se tornado um querido amigo, alguém em quem eu já não estava mais vendo o sacerdote, mas o homem. Sinto muita vergonha e humilhação em narrar isso, mas foi a realidade... (?) a (?) vivi num verdadeiro caos, sem saber como sair dele. Só saí, ou melhor, fui tirada, pela misericórdia de Deus, depois de uma confissão e longa conversa com um sacerdote, num retiro espiritual. Este me disse: "Você já foi perdoada há muito tempo de tudo isso. O que lhe falta é ser curada. Vamos rezar, pedindo a Jesus que realize esta cura com você". Pediu que eu fosse rezando em silêncio enquanto também ele fazia o mesmo. Rezou por longo tempo. Quando

terminou eu sentia grande paz; a partir daí passei dois ou três meses me sentindo leve como uma criancinha. Com o tempo passou esta impressão, mas mudou totalmente em mim o que eu sentia neste ponto, e a tranquilidade com que passei a enfrentar as dificuldades que surgiram posteriormente, quanto aos problemas de sexo. Foi isto que eu quis afirmar com sinceridade e convicção: "O Senhor me recriou neste ponto naquele dia".

Mas de tudo que falei desde o começo, restam o vazio, a tristeza, a sensação de inutilidade de minha vida, de uma vida perdida, mal empregada. Com as orientações que estou recebendo na hora das Instruções, sei que, colocando em prática, tudo (tomando o remédio conforme a receita) também vai mudar. Sei que preciso de ajuda e espero que não me venha a faltar. O Senhor que me trouxe até aqui, até hoje, não irá me abandonar. Reconheço que trago todas as características da pessoa que caminhou "apesar das dificuldades", mas com a graça de Deus, quero continuar em busca do caminho de volta a ser "imagem e semelhança da Trindade" a partir de todas estas dificuldades e outras que não achei necessário falar.

No 3º dia do retiro, expondo este caso, fui orientada e tranquilizada. Indo para a capela para a meditação, enquanto me "via diante do júri celeste", de repente, do fundo de mim mesma, com muita força e clareza brotou dentro de mim: "Ninguém te condenou? Eu, também, não te condeno!" Senti enorme alegria e muita paz, e pude, porque estava sozinha na capela, "gritar de alegria" — que bom Senhor! Muito obrigada — que bom Senhor! Muito obrigada, obrigada, obrigadas sem fim! Ontem, também vivi um momento de intensa alegria meditando: "O que o Espírito Santo diz de mim". Servindo-me do trecho Ef 4,30-32, de repente, parece que não li com os olhos, mas o coração que leu e captou: "Fostes

marcada com o selo pelo Espírito Santo, para o dia da redenção". Isso me exaltou de um modo nunca sentido por mim!

Hoje, depois de falar novamente com o orientador, tomando cada um dos pontos que aqui escrevi e que sintetizam o que eu estava vivendo e sentindo, foi-me esclarecido cada um deles. Até agora essa situação me sufocava e parecia querer me esmagar e arrebentar (ridículo para quem me ouvisse contar, mas real para mim), era como se fosse um enorme tronco que eu carregava atravessado sobre os ombros. Pois bem, hoje, pela bondade de Deus, a cada esclarecimento do Padre, além do que ele vem explicando nas Instruções coletivas, esse tronco foi como que caindo, pedaço por pedaço, e agora não sinto mais seu peso porque não existe mais, tudo que estava me sufocando e arrebentando por dentro está como se diluindo... Minha oração no resto do dia foi só de gratidão e não podia ser outra. Quanto és bom Senhor! Quanto és bom Senhor! Quanto... Obrigada, padre, o senhor foi instrumento da misericórdia divina para mim.

"Onde está o teu coração?" Esta pergunta ou afirmação evangélica sempre me encabulou, sobretudo nestes últimos anos. Meu tesouro estava sem dúvida onde andava meu coração desnorteado. Quantas vezes eu o trazia de volta para o Senhor, outras tantas ele ia sorrateiramente voltando à pessoa de quem nem sabe mais se existo e que no entanto me atraía através dos anos, da distância e de uma persistente e ridícula ilusão e saudade — a pessoa de quem fiz referência anteriormente. Hoje, neste retiro, diante novamente da pergunta: "Onde está o teu coração?" eu me perturbei, fiquei confusa. Parece incrível mas, desde o dia 6, depois da orientação parece que, por si mesmo, meu coração está despertando de onde ou de quem andou doentamente preso. Pedi muito ao Senhor que me ajude a colocá-lo no lugar certo — no

meu ser, lá onde sou imagem e semelhança da Trindade, também no ser de cada pessoa, seja quem for, porque como eu foi criada à imagem e semelhança de Deus Uno e Trino, este é e deve ser o tesouro onde devo colocar meu coração. Tão fácil de dizer, mas meu coração sem constância é capaz de me levar logo para onde esteve sempre fixado. Que o Senhor tenha compaixão de minha fraqueza e cabeça dura, e me ajude com sua força, sabedoria e constância.

Pe. Baquero, agradeço-lhe todos os esclarecimentos que recebi do senhor nas Instruções dos Exercícios e nos atendimentos pessoais. Se tiver alguma utilidade o que escrevi, dou-lhe toda a minha aprovação para que possa usar da exposição, como e quando quiser. Que Deus lhe pague todo o bem que me fez”.

3. DESMONTANDO O CONSTRUTO DA NARRAÇÃO

Todo histórico é um construto muito amplo. Seguirei, didaticamente, o método associacionista (empirista, behaviorista) de dividir, desmontar, os construtos maiores (universais) em construtos menores até chegar às unidades (tijolos) da construção. Isso facilitará soluções parciais que, de novo associadas, ofereçam a solução global. O recurso utilizado é muito invocado pela psicologia científica: isolar as Variáveis do caso. Entendo por VI (Variável Independente) tudo quanto entra no organismo e provoca reações. O que entra é denominado de Variável Independente e o que sai, a resposta, é denominado de VD (Variável Dependente). Expressões equivalentes são: antecedentes e conseqüentes, estímulo e resposta. Quais são as Variáveis Independentes, causa originária da conduta desta pessoa?

3.1. ATIVIDADES SEXUAIS INFANTIS

Conforme a narração clara do caso, “às brincadeiras sexuais infantis” configuram o pecado original que produziu todo o drama interno afetivo-moral-religioso. Esse pecado original produziu a expulsão do paraíso terrenal da felicidade edênica. A expulsão do jardim foi o resultado, a Variável Dependente, com toda sua seqüela de experiências afetivas negativas que la-dearam sua vida até o presente. Qual o processo terapêutico a seguir-se no caso? Reduzir ao seu valor objetivo as atividades sexuais infantis. A operação consiste em desmitificar e reduzir o poder obsessivo das “brincadeiras sexuais infantis”. Uma vez que destruamos ou diminuamos o poder de barganha da falsa visão das “brincadeiras sexuais infantis”, imediatamente, teremos modificado as Variáveis Dependentes dos sentimentos negativos. Tendo presente que foram “brincadeiras”, já temos um poder de barganha contra a ênfase em “sexuais”. Essas foram avolumadas exageradamente e os sentimentos, também, são exagerados. Essas experiências sexuais infantis, certamente, nem foram falta moral grave por falta de conhecimento e liberdade. Elas começaram a ter valor moral (de pecado, coisa feia) muito tempo depois de terem sido experimentadas. Há um exagero puritanista da moralidade do tempo. Por outra parte, é uma experiência e por ser experiência é uma riqueza que precisa ser explorada e valorizada. Isso significa que a pessoa é normal nas reações sexuais. Foi uma forma de conhecer o poder e prazer das atividades sexuais. Isso é um grande valor, precisamente, porque não houve falha moral. É algo que aconteceu! Como se lhe tivesse tocado uma loteria por encontrar um bilhete perdido. Aconteceu, aconteceu e nada se pode fazer para mudar esses fatos. O que posso e devo fazer é integrar todas essas atividades a minha vida presente, como um tesouro. Toda experiência é um tesouro que posso

e devo aproveitar. Pedras preciosas que devo lapidar para formar jóias de grande valor. Este trabalho de valorizar o passado, mesmo o considerado ruim moralmente, é um modo eficiente de superar os tais “traumas do passado”. Nada de traumas e de tragédias; apenas experiências, e as experiências são mãe de ciência. Experiências são histórias e a história é a mestra de vida. Se esta pessoa tivesse tido orientação, desde o noviciado e postulante, em que a tivessem feito descobrir o tesouro valioso que possuía nessas “brincadeiras sexuais infantis”, sem dúvida, teria se libertado de tanto sentimento amargo como bebeu. É isso mesmo que descobriu nos Exercícios Espirituais que fez e nos quais se lhe davam Instruções neste sentido. Tornar-se otimista a partir do seu pessimismo. Aprendeu a “mudar slides”, a mudar de “lentes de contato”. Estas expressões são figuras literárias para dizer que “mudando as Variáveis Independentes se mudam, repentinamente, as Variáveis Dependentes”. O milagre que pedia a Deus não era possível, pois, sustentando imagens negativas de si, era impossível psicologicamente obter sentimentos positivos. Nisso, até manifestava tratar-se de uma pessoa normal. O anormal seria experimentar sentimentos agradáveis da visão pessimista que alimentava dia e noite.

3.2. “TEMOR DA CONDENAÇÃO ETERNA”

Esta VI é, ao mesmo tempo, antecedente e conseqüente. Antecedente, pois determina muitas das atitudes posteriores da narradora. Conseqüente, porque é fruto (VD) de uma educação passada fundamentada no temor. Este antecedente, também, deve ser tratado de modo semelhante ao anterior. Mudar as lentes de contato da narradora, pois está vendo um Deus juiz mais do que um Deus Pai. Um Deus carasco, mais do que um Deus de misericórdia. O problema está mais na pedagogia

catequética do que nos conteúdos. Pelas experiências dos últimos Exercícios feitos, observa-se que modificou seu visual com relação a Cristo, a Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e dela. A expressão dela: “Ouvi que Cristo me dizia: ninguém te condenou, pois Eu também não te condeno”, foi suficiente para trazer-lhe a paz que tanto buscava por modos ineficientes. Era só mudar o visual de Deus e, necessariamente, haveriam de mudar os sentimentos negativos. O processo psicológico que gera sentimentos negativos é o mesmo que gera sentimentos positivos. É só mudar o slide ou o canal de TV está noticiando imagens dos sofrimentos das crianças somalis e, logo, ficamos tristes. O controle remoto da TV muda de canal e aparecem os Trapalhões e, em coisa de meio minuto, estamos dando gargalhadas. Que aconteceu? Milagre? Não! Mudança de canal. Pois o mesmo acontece com a produção de nossos sentimentos. Depende do canal de TV que alimentemos. Programas tristes? Teremos sentimentos tristes. Programas humorísticos? Pois teremos sentimentos hilariantes. A narradora do fato se perpetuava em manter um canal negativo 24 horas por dia. O normal era que se sentisse como nos descreveu tão ricamente! O anormal teria sido o contrário: ter sentimentos agradáveis nascidos de imagens pessimistas. Isso seria o cúmulo da anormalidade psíquica. Uma pessoa que ri tendo na mente lembranças tristes é uma pessoa anormal e maluca. Todos os sentimentos acusados pela paciente estavam dando gritos de sua normalidade psíquica. Isso é um grande valor a ser considerado e agradecido a Deus. A sua resistência, anos a fio, revela um psiquismo muito forte, o que é um motivo de alegria. Uma outra pessoa mais fraca teria sucumbido à loucura.

3.3. O TEMOR DAS PESSOAS

Este antecedente pode ser um desdobramento do temor exagerado de Deus. O

temor das e às pessoas, também, é um valor. O mal está no excesso, ou na falta. A virtude fica no meio. Quando uma tendência humana se coloca nos extremos, surge mal-estar interno manifestado por sentimentos desagradáveis. Quando são corrigidos os extremos, logo o psiquismo entra no reino da paz. Porque há ajustamento, e o ajustamento produz bem-estar, tranqüilidade. Esta pessoa precisava ter sido orientada no sentido de diminuir, não eliminar, o temor aos parentes. O temor, em si, é bom. O mal está nos extremos, porque então não há virtude e sim vício ou defeito. O que nos inquieta é o extremo ou desajustamento psíquico produzido pelos excessos. Comer não é defeito, mas um valor. Comer demais, o mesmo corpo o acusa sob formas de vômitos ou de saturação. O mesmo acontece com o psiquismo. Quando há excesso de temor, respeito, pelas pessoas, surge um desequilíbrio interno que machuca, porque impede o caminhar reto das pessoas. Esta pessoa possuía um grande valor nesta sensibilidade aos parentes; a falha estava no excesso. Não precisava matar esses sentimentos, mas diminuí-los. Por outro lado, era bastante transparente com suas orientadoras, mas estas, sem culpa delas, não sabiam como orientá-la. “É tentação. Você tem vocação”. Essa resposta, de séculos, foi a fonte de grandes sofrimentos internos, como vemos no caso estudado. Que significava ser “tentação?” Era colocar nova Variável Independente fora da pessoa, o demônio, que em vez de diminuir o problema o agravava. Se a pessoa fosse orientada a descobrir, nela mesma, as origens de seus sentimentos, teria solucionado o problema desde os primeiros dias de seu noviciado. Volto a dizer: esta pessoa tinha e tem um psiquismo retíssimo e forte, pois de outro modo já teria enlouquecido. Essa tomada de consciência já teria sido um modo de sentir-se reforçada em sua luta. Tudo a levava a ver-se como uma condenada ou malvada.

3.4. O TEMOR DO INFERNO

Em certo modo, é um desdobramento do temor básico a Deus e receio da família. A crença passada de que “religioso (a) abandonava a VR era um candidato “à condenação eterna” se constituía numa VI muito violenta. E violência gera violência, como estamos vendo. A expressão sincera de que “eu não queria condenar-me”, novamente, revela a grandeza desta alma que, apenas, precisava uma simples orientação para ver-se pelo lado positivo e não pelo negativo. O grito de “não quero me condenar” manifesta um temor de Deus que é mais amor do que o temor servil. Em certo modo, esse temor presente desde a infância vem a ser um excelente dom, que eu chamaria de místico. É um dom porque está presente desde os primórdios da vida e, certamente, não foi adquirido por méritos pessoais. É algo inato. E o que é inato é dom. Como estamos vendo, todo o processo de cura desta pessoa consistia em “mudar slides”: da visão pessimista passar para a otimista ou divina. Deus é o primeiro otimista, e nós, suas imagens, devemos ser os segundos em otimismo. “Tudo era bom”.

4. AS VARIÁVEIS DEPENDENTES

Estas, como dissemos, são os produtos das VI. Elas provocam reações, comportamentos. Quais?

4.1. ENTRAR NA VIDA RELIGIOSA PARA REPARAR OS PECADOS

A entrada na VR foi provocada pela necessidade de reparar os pecados sexuais infantis. Como, agora, desmontar esta variável dependente ou conseqüente? O princípio latente, em todo este trabalho de desmontar variáveis, sejam independentes ou dependentes, é o seguinte: “Descobrir o

lado positivo (valores) de tudo o que fizemos na vida". Sempre há mais valores do que defeitos, inclusive, nas nossas ações chamadas pecaminosas. É um exercício de relativização saudável. Entrar na VR é uma boa ação. É uma ocasião de aprender muita coisa boa que leva para a salvação. Isso era o pretendido pela narrante. A pessoa teria de fazer um levantamento das coisas boas e dos valores que tem a vida religiosa. Em segundo lugar, também, reparar os pecados é uma coisa excelente. O teor do cristianismo sempre foi voltar para Deus. É algo bíblico. É um voltar à aliança, como no AT. No NT esta aliança é com Cristo. O exagero de tal reparação é que precisa ser corrigido. Deus é um Pai fiel. Ele guarda suas promessas e as cumpre quando o homem se volta para Ele. Precisaria meditar e acreditar (fazendo atos permanentes de fé e de esperança na misericórdia de Deus que está mais prestes a perdoar do que nós a pedir perdão. A parábola do filho pródigo deve ser uma fonte perene de meditação e contemplação até fixar o hábito da confiança no Deus fiel e bondoso). Tomar consciência de que essa atitude de reparação é altamente boa, bíblica e cristã. Isso lhe dará alegria e paz interior, pois fazer o bem é fonte de paz e de realização.

A consciência viva dos atos sexuais infantis revela uma alma sensível à presença de Deus. E isso é um dom, talvez místico. Dom, porque não houve tempo para ser formado pela pessoa. É algo que está dentro dela. Quem disse que tudo isso era ruim? Era o mesmo Deus quem a guiava por meio desses sentimentos negativos para desviá-la, como aconteceu, de continuar fazendo o mesmo. Um outro dado importante é que desses acontecimentos ela descobriu, desde criança, o que seja sexualidade, o prazer sexual que pode ser o ponto de partida para chegar a descobrir e sentir o que seja a união com Deus. De aí para cima. Este prazer já é o prazer do céu, da união com Deus. A diferença será

de grau e não de qualidade. Tanto no céu como na terra, a nossa capacidade de sentir prazer será a mesma. Muda a intensidade do prazer. Na união com Deus se dará o máximo de prazer. O êxtase! Mas partindo das experiências sexuais, poderemos pular para a experiência da união com Deus. Isso é Deus em participação.

Foi ainda o ponto de partida para discernir o bem do mal. A presença de Deus vivo indicando o bom e o caminho ruim. Tudo isso descobre, uma vez mais, uma alma profundamente delicada que, desde criancinha, experimentava remorsos do que fazia. Isso significava consciência viva, delicada e fina.

Esses fatos foram decisivos e providenciais para descobrir Deus desde a terna infância. "A mão de Deus estava sobre ela", como sobre João Batista. O temor da condenação é o início da sabedoria. Por essas faltas Deus escoou-se no interior de sua consciência. A descoberta de Deus pela experiência do não-Deus. Consciência dos opostos. Do mal caminhar para o bem.

4.2. TEMOR DA CONDENAÇÃO SE ABANDONAR A VIDA RELIGIOSA

Temos de descobrir o que há de bom e ruim neste adágio do passado. Em primeiro lugar, a pessoa tem de saber que essa expressão não é certa nem de fé revelada. Se salva quem vive bem e se condena quem vive mal. *Qualis vita, finis ita*. O fim é semelhante ao modo de vida. Quem vive bem se salva, e quem vive mal se condena, a não ser que a bondade de Deus intervenha. Se na VR vivo mal, não escaparei ao juízo divino. A verdade de fé é que Deus quer que todos se salvem. Nesta vontade divina universal está implícita a vontade divina de que sejamos santos. Só quem vive a vontade de Deus é santo e se salva. A VR é um modo de viver o chamado universal à santidade. Não é de fé que

quem morre religioso se salva. Salva-se caso viva como bom religioso. Um religioso também pode se condenar. Até um apóstolo morreu mal! O que se pode ver, nesta opção pela vida religiosa, é que não houve uma decisão claramente livre. Muitos fatores interferiram para que a decisão fosse obscurecida por fatores intervenientes e interferentes que, de fato, fizeram com que a opção original não fosse claramente livre. E aqui temos uma das fontes mais profundas de toda a decisão desta pessoa. Até isso declara ser uma pessoa de um psiquismo bem forte, pois o lógico seria ter deixado a VR ou ter endoidado. Isso é um motivo de alegria, saber-se normal. Esta pessoa experimentaria essas mesmas reações na vida leiga, de cristã.

4.3. TEMOR DAS REAÇÕES DA FAMÍLIA

Este temor é válido, como início de vida, mas não é suficiente para manter a VR. É ponto de partida e não ponto final. Novamente aparece a motivação do temor por sobre o amor. Mas no fundo é o amor o que viceja por debaixo. Não querer magoar os parentes tem mais amor do que temor. O medo de ferir as pessoas amadas é amor. Quem teme ao próximo que vê, teme a Deus que não vê. Quem ama aos parentes que vê, ama ao Deus que não vê. Tudo isto é valor. E se ela tivesse visto isso assim desde o começo da VR. Teria sido uma outra pessoa. O exagero no temor é que se torna defeito. O temor, em si, é um valor. O excesso é que o transforma em defeito. Diminuir o temor e não acabar com ele é o remédio.

4.4. A SAUDADE DO JOVEM

É, na realidade, uma VI e VD. Ao sentir-se afastada de Deus, a pessoa regride ao passado para ancorar-se nas pessoas que amou. As saudades matam! Estas fazem sonhar com o paraíso perdido quando o

paraíso do céu se oculta. Não podemos viver sem paraíso. Se perdemos o celestial, buscaremos o terrenal. E o terrenal ficará povoado pelas figuras do passado que nos fizeram felizes. Mesmo que essas pessoas nem liguem mais para nós! Os restos do Adão que levamos dentro de nós, filhos do homem, agem para voltarmos ao Édem de onde fomos enxotados. Isso é também um valor, pois nos coloca frente a frente da necessidade humana de sermos felizes. E suspirar pela felicidade perdida é o mesmo que suspirar por Deus, fonte de tal felicidade.

Ainda existe um grande valor feminino em todo o relacionado com o sonho do primeiro amor perdido. Mesmo aos 65 anos, é um fato muito revelador do valor feminino da mulher. Sentimentos desse tipo revelam que a mulher será mulher até o fim de sua vida. Não por ser religiosa vão sumir tais aspirações e desejos. O dia em que uma religiosa não tenha mais apelos do masculino (macho) terá deixado de ser fêmea, mulher. E isso não entra nos planos de Deus. Oferecemos algo que custa e não algo que deixa de continuar puxando de nós. Seremos homens e mulheres até o fim da vida e na eternidade. Sentir essas atrações é normal e sinal de continuarmos sendo normais. Isso é motivo de satisfação. O sentir não tem lei. O consentir é que está proibido. Novamente se pode ver que esta pessoa fez uma opção pela VR de modo romântico e com pouca liberdade moral e psicológica. Não tomou consciência das conseqüências psicológicas das partes renunciadas. Estas continuam presentes no psiquismo e precisam ser aceitas e orientadas para que não sejam motivo de sofrimento. Se as renúncias tivessem o poder, por si, de eliminar as dificuldades, então, a VR seria uma maravilha. E vemos que não é assim. As renúncias continuam vivas e têm de ser bem manejadas para que não nos levem ao fracasso. Aprender

a viver segundo aquele mágico e básico princípio psicológico: "Viver não o apesar, mas a partir das dificuldades". De fato, foi este princípio que recolocou esta pessoa no caminho de saída do buraco em que se encontrava.

5. AS CONSEQÜÊNCIAS NA PESSOA

As reações pessoais de tipo negativo foram as conseqüências das variáveis independentes de teor pessimista. Na vida afetiva apareceram tristeza, vazio, divisão interior, desejos de voltar para casa, desejos de encontrar-se com o primeiro namorado. Na vida mental apareceu confusão, falta de sentido na vida, sensação de estar representando papéis (teatro), experiência de duplicidade, de ser causa de mau exemplo. E na área corporal, a somatização com a tensão e sensação de loucura. Todos estes efeitos eram normais, pois correspondiam à presença de variáveis que, necessariamente, deviam desencadear tais respostas. Isso mostrava ser uma pessoa com uma grande dose de normalidade. Uma outra teria enlouquecido.

6. SENTIMENTOS MODIFICADORES DESTES SENTIMENTOS

Mudar as lentes de contato para outro tipo de lentes claras e otimistas. Ver a realidade como ela é. A realidade, por si, é terapêutica. Aprender a arte de agir "a partir dos conflitos" e não viver "apesar dos conflitos". Aprender a arte de descobrir "no negativo o que há de positivo". Estágio de reciclagem do lixo do passado para convertê-lo em lucro e luxo. Mudar a visão jurdicista de Deus, dos acontecimentos infantis para descobrir a mão de um Deus Pai.

7. MUDANÇAS CONCRETAS DOS "SLIDES"

Como aconteceu na confissão de cura. Esta mudou os sentimentos. No retiro mudou o slide de um Deus severo para um Deus Bom. "Eu não te condeno". O "leinho que levava nas costas desapareceu". A alegria apareceu porque os pensamentos otimistas bancaram os pessimistas. Só isso mudou os sentimentos, pois se violentava em querer obter, na oração, frutos doces da árvore amarga do pessimismo. Isso é impossível e pedir a Deus o milagre de converter em doce o amargo do pessimismo é o mesmo que infringir o "não tentarás ao Senhor teu Deus".

8. LUTA ENTRE CONSISTÊNCIAS DO PASSADO E INCONSISTÊNCIAS DO PRESENTE

As vivências do passado tinham mais força do que as vivências do presente. Não sabia integrar os valores do passado e ficava ciscando no lixo dele. O passado pessimista vive da ausência de valores. O passado assimilado não perturba. O que nos perturba é o passado indigerido. Ciscava no lixo e o lixo lhe devolvia o que podia lhe dar: mau cheiro e sujeira. Quem mexe no lixo se empesta. E mexer nele é para reciclá-lo e obter dele lucro e luxo. Só reciclado é que pode ser aproveitado para nosso bem. O passado nos destrói quando o convertemos num sepulcro fedorento. Podemos nos redimir quando saímos dele, como Cristo, ressuscitados, reciclados. Gendlin etiquetaria a esta pessoa como aquela que vive "de estruturas congeladas". Um passado ameaçador, fixo, negativo, repetitivo é psicotizante, neurotizante, alienante. Não existem entidades neuróticas e psicóticas, mas sim "processos vitais parados, congelados, entupidos" É só abrir os

bueiros dos esgotos cariocas que as enxurradas e lixo das favelas logo desaparecem. Esta pessoa só precisava ser ensinada a desentupir a pia do seu organismo psíquico para que sumisse a enxurrada de sofrimentos afetivos pelo ralo da integração do passado.

9. FINALIZANDO

Acredito ser este caso bastante frequente no mundo da Vida Religiosa. Gendlin se queixa dos psicoterapeutas, porque não ensinam os clientes a se curar. Pois, por analogia, temos de advertir aos educadores e formadores da Vida Religiosa que não estão dando recursos aptos aos seus formandos para que eles resolvam os problemas pessoais, tanto do passado como do presente. O estudo continuado de casos atuais com soluções concretas é que dará aos formadores vindouros melhor capacitação e segurança na formação do futuro consagrado à Vida Religiosa.

O estudo do caso presente nos oferece já certos dados importantes do processo afetivo. Primeiro a necessidade de exercitar candidatos à VR no método de separar o ser e o agir pessoais; o ser é o dom de Deus e nele não há mal nenhum, pois de Deus não pode sair nada ruim; o agir sai de nós e nele pode haver maldade, sendo esta a que temos de corrigir e não o ser que saiu de Deus. O mal psicológico nesta identificação entre ser e agir consiste em que ao rejeitarmos o nosso agir estamos rejeitando o nosso ser. Isso gera, fatalmente, frustração permanente. Porque ao rejei-

tar o que eu fiz, estou rejeitando o que Deus fez: eu mesmo! Um segundo dado consiste em que a vida afetiva, como no caso, tem um poder de barganha violento com relação ao agir humano. O sentir é o grande motor do comportamento religioso. Inácio de Loyola insiste muito, nos seus Exercícios, que peçamos o "sentir interno", pois sabe que não "o muito saber, mas o sentir (saborear) internamente as coisas é que nos leva a um agir firme". Doutores em Teologia, sabemos, podem ser fracos na sua vida pessoal, e almas simples são heroínas porque sentiram profundamente Deus nas suas vidas. Como dado final, o caso nos revela a necessidade que temos na VR de experiências afetivas profundas como pontos de referência para os momentos difíceis da vida. Esta pessoa conseguiu sair do fosso em que estava porque, nos Exercícios, teve várias experiências fortes que deverão ser, durante sua vida, os pontos de referência quando as lembranças passadas tentarem invadir, de novo, o seu interior libertado.

BIBLIOGRAFIA

1. Baquero, sj. Victoriano, "Afetividade Integrada Libertadora" Loyola SP, 1992.
2. Baquero, sj. Victoriano, "Autobiografia: Processo de Integração", Loyola, CRB, SP, 1992.
3. Friderichs, sj. Edivino A., "Cura do Psiquismo", Loyola, SP, 1975.
4. Gonzales Filho, José, "Educação Sexual para Jovens", Loyola, 5a. ed. SP, 1989.
5. Londoño, sj. Alejandro, "Acompanhamento Vocacional", Loyola, Cadernos Vocacionais, SP, 1992.
6. Rulla, L.M., sj, "Psicologia do Profundo e Vocação", EP, SP, 1981.
7. Zanini, Ovídio, "Como viver a Sexualidade", Loyola, 3a. ed. SP, 1991.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Qualquer um de nós já passou por crises, maiores ou menores, no transcorrer do tempo que viveu na vida religiosa. Relendo a história relatada no início deste texto, que semelhanças e diferenças você encontra? Que dificuldades foram superadas e quais aquelas que ainda perduram na passagem dos anos? Aconteceram repercussões físicas ou de saúde por causa dessas dificuldades não resolvidas?
2. O autor afirma que é preciso integrar todas as atividades da vida presente, inclusive as negativas, como um tesouro. São pedras preciosas que devo lapidar para formar jóias de grande valor. Este trabalho de valorizar o passado, mesmo o considerado ruim moralmente, é um modo eficiente de superar os tais "traumas do passado". Que você e seu grupo pensam desta afirmativa? Como tem sido experimentada na sua prática e, inclusive, na sua experiência pastoral junto a outras pessoas?
3. Em termos de formação, o caso estudado neste artigo faz aparecer a necessidade de exercitar candidatos/as à VR no método de separar o ser e o agir pessoais. O ser é o dom de Deus e nele não há mal nenhum; é no agir que se pode colocar nossa capacidade de corrigir e retificar comportamentos. Como você percebe esse trabalho sendo feito em sua congregação?

SUJEITOS E VALORES EMERGENTES

P. Luiz Bassegio, cs
CNBB/Brasília-DF

Sujeito emergente é a massa que, mediante as associações, se transforma num povo que começa a recuperar a sua memória histórica perdida, elabora uma consciência da situação de marginalização, constrói um projeto de seu futuro e inaugura práticas para mudar a realidade circundante.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuraremos identificar quem e quais são os novos sujeitos e valores emergentes que estão aparecendo nos últimos anos no cenário nacional. Veremos brevemente como surgiram e foram se sucedendo historicamente.

Além de procurar estabelecer algumas características comuns desses novos sujeitos, procuraremos, sobretudo, ver o que de novo eles apontam e verificar de que valores tradicionais se distanciam, os valores éticos que apontam e a linguagem nova que estão criando.

Neste artigo será importante destacar o enfoque ético que eles apontam, a luta pela conquista da cidadania, justiça social e solidariedade. Sobre tudo será fundamental

descrever e visualizar o projeto estratégico e alternativo que buscam construir, tendo em vista a superação da exclusão.

Interessa aqui também identificar os avanços no processo de democratização da sociedade e a contribuição destes sujeitos no mesmo, os limites e as dificuldades, bem como os desafios que a realidade da exclusão social apresenta.

Há outros importantes aspectos que os novos sujeitos têm focado, como o feminismo, negritude, ecologia, subjetividade, espiritualidade e mística. Entretanto, não vou aprofundar estas questões neste artigo devido ao problema do espaço.

1. QUEM SÃO OS SUJEITOS E VALORES EMERGENTES?

Ao falarmos de sujeitos e valores emergentes, entendemos uma gama ampla e variada de movimentos, entidades, organizações e pessoas que irrompem de maneira nova no cenário brasileiro. Basicamente são os que não se conformam em continuar submersos e buscam construir uma nova história discordante daquela ditada pelo status quo. São os que lutam para mudar esta situação, procurando formas de emergir.

Existem várias maneiras de entender estes sujeitos. Eles não podem ser concebidos distanciados da ética e da elaboração de novos valores. Estes basicamente relacionam-se com a defesa da vida e a

conquista da cidadania e das melhores condições de vida para a grande maioria da população.

São novas formas de organização da sociedade e novas dinâmicas de participação na vida política do país, formas associativas, reivindicativas, sindicais e populares. É o jeito de a população se organizar, de se relacionar com a sociedade envolvente, suscitando alternativas de subsistência, de organização na agricultura, na saúde, na educação, na alimentação e na valorização do trabalho.

Tais sujeitos podem ser os movimentos populares, as associações, os sindicatos, os grupos de moradores, as donas de casa, mutirões, conselhos, entidades e organizações não-governamentais.

No dizer de José Geraldo de Souza Júnior "são os movimentos populares em cujo interior indivíduos, até então dispersos e privatizados, passam a definir-se, a reconhecer-se mutuamente, a decidir e agir em conjunto e a definir-se a cada efeito resultante das decisões e atividades realizadas"(1).

Ainda segundo o mesmo autor, tais sujeitos, após séculos de experiência e de exigências de direitos sociais, econômicos e políticos, constituem um novo sujeito histórico popular, capaz de gestar um projeto de transformação da natureza de poder e da construção de uma sociedade alternativa justa, solidária e igualitária.

Sujeito emergente é "a massa que mediante as associações se transforma num povo que começa a recuperar a sua memória histórica perdida, elabora uma consciência da situação de marginalização, constrói um projeto de seu futuro e inaugura práticas de mobilização para mudar a realidade circundante"(2).

Enfim, um sujeito é emergente quando tem consciência de sua presença, identidade e proposta de mudança de sociedade negando o status quo.

2. QUANDO E COMO SURGIRAM?

Os novos movimentos sociais ou sujeitos emergentes começaram a surgir na década de setenta. Podem estar ligados às lutas reivindicativas e populares ligadas ao campo, ou por melhores condições de vida na cidade como transporte, moradia, saúde e educação; podem ter-se originado de lutas sindicais; das igrejas progressistas; de lutas étnicas ou de gênero; geracionais ou ecológicas, lutas pela terra, pela garantia dos direitos trabalhistas, dos assalariados bóias-frias e diaristas do campo.

Segundo José Geraldo (op. cit.), os primeiros escritos relativos ao tema dos movimentos sociais datam de 1977 e 1978, justamente num período em que tais movimentos e práticas eram inéditos dada a conjuntura de despolitização repressiva da sociedade brasileira.

Diria que tais movimentos começaram a criar corpo nos últimos anos da ditadura militar. Diria que ela criou as condições para que eles surgissem, justamente para fazer frente ao quadro de exclusão social que o golpe militar ajudou a implantar. Na origem de tais movimentos está uma atitude de inconformismo com a exclusão e busca de novas maneiras de produzir a vida. Podemos dizer que ela contribuiu no sentido de ter provocado o surgimento de novos sujeitos e valores emergentes, embora eles sejam a sua negação.

2.1. No campo

Alguns dos principais sujeitos emergentes que surgiram no campo estão ligados aos movimentos contra a construção de barragens, ocupações de terra como os sem-terra, mulheres trabalhadoras rurais, bóias-frias e migrantes e seringueiros, entre outros. Portam-se em geral pela luta a fim de permanecerem na terra, pela terra, por mais apoio e por melhores condições de vida no

campo. Um importante movimento está ligado à preservação do meio ambiente, é o caso dos seringueiros.

Boa parte desses movimentos é fruto do processo de resistência ocorrido diante do avanço do latifúndio e da crescente concentração fundiária. Enfim, do avanço das relações capitalistas de produção no campo, via modernização da agricultura com a conseqüente expulsão da mão-de-obra. Muitos migrantes, embora tenham perdido a batalha no campo, foram obrigados a sair, criaram e ocuparam um novo espaço, via movimentos populares nas cidades.

2.1.1. Movimento de barragens

“A partir de 1976, com Sobradinho e Itaparica no Nordeste; 1978, com Itaipu Binacional; na década de 80, na Bacia do Uruguai; Tucuruí, no norte”(3). Além dessas, merecem ser lembradas: a CABA — Comissão dos Atingidos por Barragens da Amazônia e o MABRO — Movimento dos Atingidos por Barragens de Rondônia.

2.1.2. Movimento sem-terra

Firmou-se no final da década de 70. Iniciou com o movimento da Fazenda Natalino em Ronda Alta, RS, e depois se espalhou pelo sul do país, sudeste e mais tarde no norte. Atualmente atua também junto aos brasiguaios que retornam do Paraguai para o Brasil. Consegue articular em todo o país jornadas de luta que se caracterizam por ocupações simultâneas em quase todos os Estados. Geralmente consegue angariar apoio em muitos setores da sociedade.

2.1.3. Movimento das Mulheres Agricultoras

“A partir de 1981, as quais além de suas lutas específicas têm também lutado

pela questão da terra, vindo a fortalecer os movimentos de Barragens e dos Sem-Terra”(4).

Importante foi a sua contribuição na conquista da aposentadoria da mulher trabalhadora rural, sobretudo por meio de DNTR — Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais ligado à CUT. Sua participação se dá também nos sindicatos e na política partidária, para citar apenas alguns dos campos onde elas têm-se destacado, entre tantos outros.

2.1.4. Movimento dos bóias-frias e migrantes

É um movimento que busca melhores condições de vida e salariais. Merece ser lembrado o movimento de Guariba, na região canavieira no interior do Estado de São Paulo. Nesta região, além dos bóias-frias locais, somam-se a eles algumas dezenas de milhares de migrantes sazonais vindos de Minas Gerais, da Bahia e do Paraná para a colheita da cana e da laranja. Uma luta importante dos migrantes sazonais ou temporários é para conseguir melhores condições de vida nos alojamentos e também assistência jurídica diante dos abusos das usinas no que se refere aos preços descontados para os alimentos e ao isolamento ao qual são submetidos. Importante tem sido a luta contra o “trabalho escravo” em que os trabalhadores são submetidos a diversas formas de violência física e moral.

A Pastoral dos Migrantes, por meio do Serviço Pastoral dos Migrantes, tem dado importante contribuição neste sentido.

Tanto no trabalho junto aos migrantes, como no movimento das mulheres, dos sem-terra e das barragens, muito tem contribuído o trabalho das Comunidades Eclesiais de Base da igreja católica e o trabalho da igreja luterana. Muito difícil não haver, no início destes movimentos, uma participação significativa das igrejas.

2.2. Na cidade

Os movimentos nas cidades geralmente estão ligados à produção e às condições de sobrevivência. Nos movimentos ligados à produção estão os sindicatos com suas lutas por melhores salários, condições de trabalho, assistência previdenciária e contra o desemprego. Já os ligados às condições de vida e à sobrevivência disseminam-se nos bairros, destacando-se os que lutam por creches e escola, saúde, transporte, segurança, saneamento básico e moradia. Organizam-se por meio das associações de moradores, clubes de mães, comunidades eclesiais de base e na luta pela moradia.

Estes também encontram grande suporte e apoio na igreja católica, sobretudo quando se porta pela inspiração da Teologia da Libertação. O mesmo não ocorre com as demais igrejas que, em geral, não se preocupam com as questões "temporais".

2.2.1. Movimento pela moradia

O movimento surgiu na década de 80, por meio das lutas de regularização dos loteamentos clandestinos. Os moradores destes loteamentos, depois de pagar o terreno, descobriram que não tinham condições de, sozinhos, conseguir a documentação, por se tratar de loteamentos clandestinos. Daí a necessidade de buscar a solução em conjunto.

Depois desta primeira fase o movimento cresceu e partiu para um processo de construção de moradia em mutirão.

"Alguns foram desalojados, outros remanejados, mas alguns conseguiram áreas através do processo de negociação com o Estado. Uma nova etapa da luta popular é a construção dos mutirões comunitários. Esta questão é muito interessante, particularmente nas áreas de arquitetura, porque tem a ver com os projetos que foram formulados e delineados nestes movimentos"(5).

O movimento pela moradia e ou habitação avançou muito e já dá passos qualitativos bastante importantes. Aconteceu em Brasília, no mês de maio de 94, a I Conferência Nacional do Movimento de Moradia, organizada pela CONAM: Confederação Nacional das Associações de Moradores. Sua atuação extrapola a mera reivindicação e penetra no campo político no sentido proposicional. Propõe a criação de um Fundo Nacional de Moradia Popular. Este seria gerido por um conselho paritário, formado por trabalhadores e empresários e outras entidades da sociedade civil. Exige a criação do Conselho Nacional de Habitação Popular, que cuidaria do Fundo Nacional para a construção de casas para a população de baixa renda, isto é, com menos de 06 salários mínimos mensais(6).

2.2.2. O movimento das favelas

O número de favelas começou a crescer sobretudo nos anos 70. Em São Paulo, por exemplo, o número aumentou muito quando se esgotou a possibilidade de novos loteamentos. As favelas mudam o caráter de sua organização graças à prática, principalmente da Igreja Católica em sua pastoral da periferia. Passam não só a reivindicar a sua permanência no lugar, mas equipamentos urbanos com água e luz e a reurbanização do local.

"O movimento unificado das favelas tem uma intensa articulação com as pastorais. O movimento de defesa do favelado é o mais antigo. Foi criado em 1974, a partir da política das pastorais, e realizou vários congressos nacionais. Passa a ter o apoio da pastoral do trabalho e de várias entidades, como a comissão de direitos humanos"(7).

Existem ainda inúmeros outros movimentos que despontam como novos sujeitos emergentes. Não cabe analisar todos aqui. Entretanto, merecem ser lembrados o movimento pela saúde popular, dos desempregados, dos negros e a ação da cidade-

nia contra a fome e a miséria e pela ética na política.

“A riqueza destes novos atores sociais é a sua atuação como protagonistas de uma nova ordem pela vida e experiência de uma prática plural e solidária sinalizando, com intuições importantes, para a construção de um novo modelo de sociedade”(8).

2.2.3. Central dos Movimentos Populares

Com o passar dos anos, os movimentos populares foram se organizando e se articulando cada vez mais. Inicialmente surgiu a ANAMPOS: Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais. Em meados de 1993, foi fundada em Belo Horizonte a Central dos Movimentos Populares. Pretende articular, reforçar e potencializar as lutas específicas de cada movimento, fazer com que os mesmos tenham voz e representatividade no processo de transformação e construção da nova sociedade. Pretende contribuir na construção do projeto estratégico alternativo que as forças populares buscam ir construindo.

É um dos fatos mais significativos ocorridos nos últimos anos na esfera dos movimentos populares.

3. O QUE TRAZEM DE NOVO

Os sujeitos e valores emergentes trazem algo de novo ao cenário nacional. Fogem de certa racionalidade econômica e instrumental e apontam para uma nova racionalidade. Afastam-se de alguns vícios tradicionais ou de velhos valores e criam novos. Produzem uma nova linguagem e, superando a visão dicotômica da sociedade, apontam para a necessidade da negociação e da parceria.

3.1. Novos valores

Os sujeitos emergentes apontam para novos valores com relação à economia, à

política, à cultura à ética e à religião: “Sua contribuição vem carregada de valor político (o peso dos excluídos, suas formas de luta e organização, o pluralismo), de valor econômico (as melhorias concretas, os modelos alternativos), de valor pedagógico (com a participação, com as diferenças, com muita gente), de valor cultural (incorporação do saber popular, do simbólico, do não-racional) e de valor ético-religioso (a transparência, a igualdade, a justiça, o transcendental). Tais valores sugerem um projeto mais global que seja economicamente justo, politicamente democrático, socialmente eqüitativo e culturalmente plural”(9).

3.2. Aproximação e distanciamento

Os sujeitos emergentes criam novas relações no cotidiano da vida familiar, social e política, à medida que, negando velhos e viciados valores, aproximam-se dos novos. Isso porque os valores tradicionais já esgotaram a sua potencialidade e já não respondem aos anseios da população em nossos dias.

“Definem-se os sujeitos emergentes por seu compromisso com o coletivo; por se organizarem em torno de valores emergentes (valorização da vida, da cidadania, da solidariedade, da afetividade, da democracia etc, abertura ao pluralismo, à diversidade, ao ecumenismo etc.); por se distanciarem dos valores tradicionais (clientelismo, corporativismo, sectarismo, autoritarismo etc.) e por participarem em múltiplas formas organizacionais (organizações populares, entidades, grupos formais e informais, grupos de mútua ajuda, articulações, campanhas, fóruns, redes etc.) (10).

3.3. Nova linguagem

No bojo dos novos movimentos sociais, vai-se delineando uma nova linguagem carregada de simbolismo e de significado. Não se fala mais eu, e sim “nós”. Este termo pode significar tanto o grupo local

ligado a uma simples reivindicação como o grupo mais amplo ao qual está articulado. O movimento passa a dar o verdadeiro sentido às palavras, como, por exemplo, ao termo ocupação: "O próprio movimento popular rejeita o termo invasor e dá preferência ao termo ocupação. Isto aconteceu na ala do movimento popular que tem uma participação ativa da igreja católica. É importante entender isto. Não se trata de uma questão apenas de nomenclatura, mas de um fundamento interno muito importante, porque quando você fala da ocupação remete imediatamente a uma categoria que está sendo o móvel básico para se entender a ação deste movimento — a questão de direitos"(11).

O próprio termo política é assumido pelos movimentos com o seu verdadeiro sentido. Por política entende-se todas as ações do cidadão e não mais apenas as ações de cunho partidário.

3.4. Negociação e parceria

Numa realidade tão complexa e diversificada, os movimentos deram-se conta de que ações isoladas, fruto de uma visão dicotomizada e classista da sociedade, dificilmente poderiam levar a algum lugar". Inaugurou-se, neste sentido, algo de inédito e até então desconhecido para legitimar novos valores: o caminho da negociação"(12).

Mais do que ver o estado, o poder público local ou regional apenas como um inimigo, passou-se a vê-lo como um possível aliado para a execução de projetos pontuais ou de programas: "Estes sujeitos vêm estimulando cada vez mais a troca de experiências, a mútua ajuda, a articulação entre atores, entidades e iniciativas... Significa ir além de uma visão de dicotomização do social, em que este é dividido em dois nítidos campos opostos e contraditórios entre si. Implica admitir a complexidade do social, composto de setores e

agrupamentos sociais heterogêneos, campos de múltiplas contradições, nos quais opera não apenas a lógica do conflito, mas também da cooperação, da solidariedade"(13).

Muitos movimentos e/ou pessoas participam em conselhos de saúde, de educação, de moradia e até na discussão e aplicação dos orçamentos municipais.

3.5. Nova Racionalidade

Talvez um dos elementos mais significativos que os sujeitos emergentes estão criando é o que podemos chamar de racionalidade ética. Esta significa uma série de valores, tais como a solidariedade e a justiça social. Neste sentido, a pessoa humana não é vista apenas como um consumidor, como mais um elemento provocador de demandas como quer a lógica do mercado. A pessoa é vista como um ser humano carente, que tem necessidades e estas não podem ser atendidas pelas simples regras de mercado.

Nesta direção, a racionalidade ética contrapõe-se à racionalidade instrumental ou à lógica do mercado para a qual as pessoas são apenas consumidores que provocam demandas incutidas pelo próprio mercado. Segundo a racionalidade instrumental do mercado, bastam ser observados os princípios da propriedade, liberdade e respeito aos contratos que automaticamente acabaremos com a exclusão social. Os sujeitos emergentes questionam e negam esta racionalidade e podem criar outra. No dizer de Ilse Scherer-Warren: "Todavia, tanto o mercado como o Estado, governados pela lógica do valor econômico e do poder político, orientam-se por uma racionalidade instrumental, que segmenta a sociedade em grupos de interesses corporativistas. É no seio da Sociedade Civil, através de movimentos autônomos, não determinados por sua racionalidade instrumental de disputa pelo lucro econômico e

pelo poder estatal, que pode se desenvolver uma racionalidade ética, de valorização da justiça social, de respeito ao meio ambiente etc. Se esta ética for desenvolvida no sentido da superação dos sectarismos, das discriminações e das dominações de toda a espécie, ela poderá atuar como uma força de regulamentação dos outros dois setores (do Mercado e do Estado), isto é, como um movimento para uma ética na economia e na política”(14).

4. ONDE PRETENDEM CHEGAR?

Os objetivos que se propõem atingir os sujeitos emergentes não apontam apenas para a resolução de problemas imediatos, mas a longo prazo indicam uma transformação global da sociedade. Exigem a superação do atual quadro de apartação social no qual, enquanto um pequeno grupo vive em “ilhas de prosperidade”, milhões de trabalhadores vivem na indigência ou na pobreza absoluta. Muitos destes sequer são cidadãos e nem se sentem membros da nação, porque não lhes é permitido nenhum tipo de participação no nível político, econômico, social e cultural.

Pretendem chegar a uma sociedade sem “concentração política” em que seja consolidado e ampliado o exercício da cidadania. Exigem a participação política a fim de contribuir na gestão da coisa pública.

4.1. Projeto estratégico alternativo

A longo prazo, os novos sujeitos e valores emergentes, com sua prática e valores, indubitavelmente apontam para um projeto alternativo de sociedade. Uma sociedade solidária, prudente, consciente, plural, ecológica e moderna. Enfim, apontam para a necessidade de construir um projeto estratégico alternativo que possibilite um Brasil economicamente justo, poli-

ticamente democrático, socialmente equitativo e culturalmente plural, segundo apontou a Segunda Semana Social Brasileira.

Esse projeto não deverá ser diferente e inovador apenas nos aspectos econômico, político e social, mas deverá, isto sim, criar novas relações no cotidiano. Neste sentido aponta para a necessidade da democracia no interior dos próprios movimentos, nas relações familiares e de vizinhança; deverá ser superado todo o machismo e todas as formas de discriminação, sejam elas raciais ou étnicas.

4.2. Modernidade e Desenvolvimento

Os sujeitos emergentes indicam a necessidade de definir o que se entende por desenvolvimento ou modernidade.

Desenvolvimento não é apenas crescimento econômico ou avanço tecnológico, mas deve ser também integral e sustentável. Não se pode entender modernidade apenas como a produção de automóveis ultramodernos ou de computadores de 5ª geração. Modernidade e desenvolvimento não podem andar separados do desenvolvimento social e da superação do atual quadro de exclusão social.

Entendem os sujeitos emergentes que o resultado positivo dos avanços tecnológicos não pode beneficiar apenas um grupo econômico, mas sim a coletividade. Tecnologia não pode ser inerente à fome; não pode ser inerente ao fim do emprego. Tem de ser inerente à melhoria da qualidade de vida, de condições de trabalho. Neste sentido, qualidade do produto tem de ser qualidade de vida e produtividade tem de significar acesso ao mínimo necessário para uma vida digna para todos os trabalhadores.

Isso, porém, exige uma passagem que vá da simples modernidade técnica para a modernidade ética: “A modernidade ética

é fruto de uma subversão nos propósitos e nas prioridades, passa, portanto, por uma revolução na maneira de imaginar e desejar o futuro. Aos economistas restará o fundamental trabalho técnico de maximizar o uso dos recursos, jamais de definir o objetivo desta maximização e nem mesmo o valor dos recursos. Eles não serão, portanto, atores do processo, mas tão-somente auxiliares. A modernidade-ética tem como um dos seus objetivos a eliminação da apartação social. Os principais beneficiados serão as massas excluídas”(15).

4.3. Construção da cidadania

Os novos sujeitos emergentes apontam como um valor fundamental a ser conquistado a verdadeira e efetiva cidadania. Esta deverá fazer todos sentirem-se de fato cidadãos e participantes da nação, usufruindo inclusive os bens que devem ser para todos. Conquistar a cidadania significa ninguém viver na apartação social e todos terem acesso ao mínimo necessário para viver dignamente.

No dizer de Ilse S. Warren isto é assim entendido: “Quanto ao projeto, o que há de novo nos Movimentos Sociais é a centralidade da luta pela cidadania integral. Isso se expressa através da utopia de construção de uma nova sociedade: mais justa do ponto de vista social (cidadania social); mais participativa e democrática, na qual os trabalhadores tenham suas organizações e forma de representação reconhecidas e consideradas (cidadania política); e na qual haja respeito à diversidade cultural ou de gênero”(16).

4.4. Revisão nas Prioridades

Finalmente, um aspecto importante é a necessidade de se realizar uma Revolução nas Prioridades. Além de continuar produzindo produtos altamente sofisticados, trata-se de investir nas prioridades sociais, tais como: educação, saúde, habitação, sanea-

mento básico, transporte e emprego. Os novos Movimentos Sociais sabem que isso exige vontade política. Para que essa revolução possa acontecer, eles devem participar do processo político a fim de implementar tal mudança.

“A revolução nas prioridades vai exigir uma reforma nesta concepção. A modernidade-ética, trabalhando com objetivos reais e ajustados à realidade nacional vai exigir uma nova teoria das classes e dos interesses em jogo. A formulação de novos objetivos, subordinados a valores éticos, exige a identificação das classes pela sintonia ou não com estes objetivos, e não simplesmente com a propriedade dos meios de sua realização. O cenário da disputa de interesses deixa de ser basicamente a produção e passa a ser o consumo. O que está em jogo hoje é menos quem é o proprietário dos meios de produção do que quem é o usuário do que é produzido”(17).

A revisão nas prioridades terá de levar em consideração dois aspectos fundamentais: o que produzir e para quem produzir.

5. CONCLUSÃO

Os sujeitos e valores emergentes nos permitem apontar para algumas conclusões ou considerações que nos parecem importantes.

Tanto para a Igreja como para o Setor Pastoral Social da CNBB e para as diversas entidades e movimentos populares, ficou evidente que todo o trabalho, para que tenha algum tipo de incidência, deve ser cada vez mais de forma articulada. O trabalho isolado das pastorais, das dioceses e igrejas particulares, das entidades e dos movimentos organizados não leva a lugar nenhum.

Fica evidente também a necessidade do respeito à pluralidade e à diversidade. Não importa a crença ou o credo político. O importante é, a partir das características de

cada grupo, somar forças em torno de um projeto comum. Para isto é necessário saber trabalhar em parceria, tendo sempre como objetivo principal a defesa e promoção da vida.

Mais do que nunca é necessário ter uma postura propositiva. Isto não quer dizer que se deva abandonar a denúncia. Ela deve continuar a ser feita. Não deve, porém, estar sozinha. Deve vir acompanhada de propos-

tas em vista da construção de um novo projeto de sociedade que supere o atual quadro de exclusão e de apartação social.

Finalmente, fica claro que o Brasil que queremos, economicamente justo, politicamente democrático, socialmente equitativo e solidário e culturalmente plural, será um novo projeto, fruto de uma construção coletiva e solidária. Todos os segmentos da sociedade devem contribuir para este objetivo.

BIBLIOGRAFIA

- (1) José Geraldo Souza Júnior, *Emergência de Novos Sujeitos: O Sujeito Coletivo de Direito*, mimeo, 1994, p.06.
- (2) Leonardo Boff, *Igreja se Fez Povo*, Editora Vozes, Petrópolis, 1986, citado por José Geraldo de Souza Júnior, op. cit. p. 04.
- (3) Ilse Scherer-Warren, *Redes de Movimentos Sociais*, Edições Loyola, São Paulo. p.66.
- (4) Idem, p.66.
- (5) Maria da Glória Gohn, *O Papel dos movimentos sociais para o avanço teórico da questão urbana e regional*, mimeo, 1993, p.50.
- (6) *Jornal de Debates da 1ª Conferência Nacional da Habitação*, maio de 1994, Brasília, DF, p.06.
- (7) Maria da Glória Gohn, Op Cit. p.46.
- (8) *Brasil: Alternativas e Protagonistas*, 2ª Semana Social Brasileira, CNBB, 1994, p.85.
- (9) Idem, p.86.
- (10) Ilse Scherer-Warren, *Sujeitos Emergentes: Práticas e Valores*, 2ª Semana Social Brasileira, CNBB, mimeo, 1994, p.14.
- (11) Maria da Glória Gohn, Op Cit. p.50.
- (12) Hugo Hassman, *Desafios da Modernidade, Ética e Modernidade* in: ANPB, ano III, Boletim Informativo nº 4, 1994, p.40.
- (13) Ilse Scherer-Warren, idem, pp. 16/18.
- (14) Ilse Scherer-Warren, Op Cit. p.06.
- (15) Cristovão Buarque, *A Revolução nas Prioridades*, 2ª edição revista e ampliada, INED et alii, Brasília 1993, p.112.
- (16) Ilse Scherer-Warren, *Redes de Movimentos Sociais*, Edições Loyola, 1993, São Paulo, SP, p.72.
- (17) Cristovão Buarque, Op.Cit. p.105.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE:

1. Você conhece outros sujeitos emergentes? Quais são e o que trazem de novo?
2. Os novos sujeitos podem de fato contribuir para a construção da democracia e da cidadania? Como?
3. Os valores que estes sujeitos apontam exigem mudanças também no cotidiano das pessoas. Que mais devemos mudar nas nossas relações do dia-a-dia?

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR CONVERGÊNCIA, ANO DE 1994

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1994.

O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo, indica a página.

ALMEIDA, Pe. Dalton Barros de, CSSR
– “Aspectos Psicológicos do Discernimento Vocacional”277/527

BAQUERO, Pe. Victoriano, SJ
– Acompanhamento de casos conflituos na Vida Religiosa278/618

BARCHIFONTAINE, Pe. Christian de Paul de
– Santo Domingo e Vida Religiosa na Saúde273/266

BASSEGIO, Pe. Luiz, CS
– Sujeitos e valores emergentes278/631

BOEING, Pe. Antonio, SDV
– O Sonho da “Terra Santa” Sobrevive272/224

BOFF, Ir. Lina, SMR
– A continuidade da missão pelo espírito de Jesus no Livro dos Atos278/607
– A Missão no Evangelho de Lucas275/422
– A Misericórdia Divina em Maria de Nazaré276/502

BOMBONATTO, Ir. Vera Ivanise, FSP
– Seguimento de Jesus: Fé e Compromisso271/151

BRIAND, Ir. Cláudio e Irmãs inseridas no mundo do trabalho.

– Religiosos e Religiosas Inseridos no Mundo do Trabalho272/236

CABRA, Pe. Pier Giordano
– A Vida Fraterna em Comunidade ..272/200

CALIMAN, P. Cleto
– Identidade da Vida Religiosa Hoje276/491

CANSI, Frei Bernardo, OFM Cap.
– Os Pobres, o Melhor Critério Catequético273/307

CAZA LORRAINE
– Missão de Evangelização como Mistério de Visitação271/170

CHALOUB, Ir. Suraya Benjamin, FMA
– A Dimensão Missionária do Projeto Educativo da Escola Católica273/274

CHEUICHE, D. Antônio do Carmo, OCD
– Da Evangelização da cultura à inculturação do Evangelho269/9

CIARDI, Pe. Fabio, OMI
– A Vocação do Irmão a partir de uma Teologia da Vida Religiosa271/135

COMBLIN, Pe. José
– Alguns Desafios da Cidade aos Religiosos275/414

CONGRESSO INTERNACIONAL DA USG
– Vida Consagrada – Convicções e Propostas274/349

CUSTÓDIO FILHO, Pe. Spencer, SJ
– Desafios da Modernidade para a formação na Vida Religiosa274/340
– Vida Religiosa Inserida no Mundo do Trabalho: Uma contribuição ao Debate272/242
– “Sendo de condição divina, renunciou a si mesmo” (Editorial)278/579

- Sobre Jovens e Moços: A Pastoral Vocacional (Editorial)271/129
- "E a família como vai?" (Editorial)270/65
- "Com o Suor do Teu Rosto" (Editorial)272/193
- "Um Ano Missionário" (Editorial)273/257
- "No Limiar de Um Milênio" (Editorial)274/321
- "Uma Questão de Modelos" (Editorial)275/387
- "Evangelizar para além de nossas Fronteiras" (Editorial)276/455
- "Participar para Mudar" (Editorial)277/515

CRB

- Concurso "Teologia Jovem" (Informe CRB)278/583
- CRB faz 40 anos (1954-1994)
- Diretoria Nacional CRB270/67
- Encontro dos Presidentes das comissões Episcopais da A.L. para a Família (Informe CRB)270/68
- VI Interamericana de Religiosos (Informe CRB)272/195
- Indígenas de Chiapas - Depoimento de um Religioso mexicano que trabalha no Brasil (Informe CRB)273/259
- Lançamento e repercussões do Livro "Brasil: Alternativas e protagonistas. Por uma sociedade democrática" (Informe CRB)278/584
- Pastoral Vocacional na ótica da cultura negra (Informe CRB)278/581
- Procuram-se: três professores para Moçambique277/521
- Segunda Semana Social Brasileira277/518
- Seminário do GRIMPO (Recife)277/521
- Seminário CLAR/CRB sobre inculturação da Vida Religiosa (Informe)269/3

FALQUETTO, Ir. Claudino, FMS

- A CRB na década de 80276/507

FRITZEN, Ivoni L.

- A experiência religiosa feminina, no mistério de Deus277/543

GIALDI, Frei Silvestre, OFM

- Modernidade e Dignidade Humana270/124

GONZÁLEZ, Ir. Inés Laso, FI

- Um olhar ao Congresso da USG na perspectiva da Vida Religiosa Apostólica Feminina274/371

GRUPO DE REFLEXÃO TEOLÓGICA DA UISG

- Nossa Experiência de Vida Religiosa Feminina Apostólica Pós-Concílio ..273/301

GUIMARÃES, Frei Almir Ribeiro, OFM,

- Que Família para nossos Tempos?270/103

JOÃO PAULO II

- Carta às Famílias I273/262
- Carta às Famílias II274/323
- Carta às Famílias III275/389
- Carta às Famílias IV276/457
- Carta às Famílias V277/523
- Carta às Famílias VI278/586
- Mensagem Pontifícia para a celebração da 31ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações no dia 24/04/94271/131
- A Participação dos Leigos na Vida da Igreja272/197
- Vigília de Oração em Denver (EUA) Agosto de 1993269/7

LAPENTA, Pe. Victor Hugo S.

- CSSR - Ao encontro da Terceira Idade275/435

LIBÂNIO, Pe. J. B. SJ

- A Vida Religiosa e a Sociedade Moderna Urbana270/86

LOSADA, Pe. Manoel, OM

- A Segunda Idade: Mudança e Desafio273/280

LUMEMBU, Pe. Leonard Kasanda, cism

- A inculturação da Vida Religiosa na África Negra269/47

MEDEIROS, Frei Tito Figueirôa de, O. Carm.

- Inculturação e Culturas274/333
- Formação para a Inculturação na Vida Religiosa: Problemáticas e Desafios271/160

MOSER, Dr. Frei Antônio, OFM

- Vida Religiosa e Pastoral Familiar ..270/79

MURAD, Ir. Afonso, FMS

- Tensões positivas na Animação e Governo da Vida Religiosa278/590

NERY, Ir. Israel, FSC, e VALLE, Edênio, SVD

- A Vida Consagrada diante dos desafios da Missão276/460

OLIVEIRA, Pe. José Lisboa Moreira de, SVD

- Evangelizar o Político: Uma Missão da Vida Religiosa271/180

PALEARI, Pe. Giorgio, PIME

- Símbolos e Libertação - Elementos para a prática Missionária276/467

PAREDES, José Cristo Rey Garcia, CMF

- Carismas na Igreja para o mundo - Síntese Teológica apresentada à USG274/358

PESSINI, Pe. Leo

- Vida Religiosa e Instituições de Saúde270/96

PINHEIRO, Pe. José Ernane

- Fazemos Nosso o Clamor dos Pobres275/444
- Elementos para refletir a conjuntura nacional277/570

PRADO, Ir. Therezinha A.

- Uma experiência de Inculturação269/56

REIS, Ir. Nilza Junqueira, MR

- Há 40 anos, eu vi nascer a CRB!..273/318

RIBEIRO, Ir. Elza, DPG

- Sínodo da Vida Consagrada
- 1ª Semana.....277/516

ROXO, Mons. Dr. Roberto Mascarenhas

- Igreja e Inculturação269/60

ROY, Ir. Ana

- Carisma e Profecia274/327

SANTISO, Maria Teresa Porcile

- Mulheres Testemunhas do Evangelho
- Sempre Novo e Doador de Vida ...272/204

SCUDELLER, Pe. Luís Gonzaga, CSSR

- Aborto: Um Desafio ao Compromisso com a Vida272/250

SILVA, Pe. Antônio Aparecido da, fdp

- Inculturação, Negritude e Teologia ..269/35

SILVA, Frei José Alamiro A., OFM

- Ecologia e Vida Religiosa273/293

SOUSA, Luiz Alberto Gómez de

- Leigo ou Simplesmente Cristão?272/214

SUESS, Pe. Paulo,

- Vida Religiosa inserida nas Culturas da América (1)269/25

TABORDA, Pe. Francisco, SJ

- Nova Evangelização e Suas implicações para a Vida Religiosa276/474
- Vida Religiosa e Inculturação - Reflexões Teológicas269/15

VALLE, Pe. Edênio, SVD

- Rumo a um novo modelo de vida Consagrada275/393

ZULEHNER, Pe. Paul M.

- Arriscar na Fé por um Mundo Mais Justo e Humano270/112

WILDERINK, d Vital, o carm.

- O ensino religioso no contexto da escola pública277/556



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de dezembro de 1994

A pessoa, mulher e homem, e aquilo que ela faz deixam sentir que nela mora um **MISTÉRIO** que gera a própria misteriosidade de sua vida. Possuída por este Mistério, a pessoa experimenta a **necessidade de ultrapassar o humano e abrir-se à transcendência** como saudade congênita e capacidade insatisfeita de inserção em Deus. Surge incessantemente do mais íntimo de nosso ser o brado de viver mais e de vir a ser mais. Há em nós uma carência fundamental de eternidade, de Amor consumado, do Tudo, do Absoluto que não pode ficar frustrada. A vida exige mais do que dá. Coração inquieto de uma inquietude sem fronteiras, **TUDO** o que a pessoa é e **TUDO** o que ela pode ter parece-lhe insuficiente e limitado. **TUDO** e muito mais ainda é pouco. **Só Deus. Um pouco menos do que Deus é demais.** Há na pessoa, mulher e homem, um vazio do tamanho de Deus à sua espera. No projeto humano de Deus, pressente-se algo mais do que se vive aqui.

É NATAL de Jesus.

Boas Festas

De Esperança, de Amor e Luz.

A noite se faz dia. Cristo é o Sol que irradia.

É ele, no despojamento de seu presépio, quem acorda, no recanto mais recôndito de nosso ser, estas nostalgias inconscientes nas quais ecoa, como ressonância longínqua, a voz de nossas raízes. De Deus viemos. Feitos à sua imagem e transfigurados em Cristo à sua semelhança, dele somos. Nele nos movemos, subsistimos e vivemos. Para ele vamos. **O desejo e a certeza da chegada de JESUS dão à história de cada um direção e firmeza.** Captar toda a força salvadora e toda a grandeza do mistério deste nome que se revela como uma onda de poder salvífico que força inimiga alguma poderá deter. **JESUS**, a última, definitiva e esgotadora Palavra de Deus. Auto-expressão plena do Pai, seu autoconhecimento personificado, a imagem na qual o próprio Deus se conhece a si mesmo perfeitamente.

É NATAL de Jesus.

Boas Festas

De Esperança, de Amor e Luz.

A noite se faz dia. Cristo é o Sol que irradia.

Nunca mais o homem estará só. A partir do **NATAL DE JESUS**, Deus se compromete definitivamente com a história do homem. Deus estará nele. Sempre. Sofrendo sua dor. Vivendo sua alegria. Consagrando sua vida. Redimindo sua morte. Jesus, o mistério de Deus visível. O ser-conosco de Deus em toda a história encontrou em Jesus sua plena realização. Deus nele morou em sua carne humana, quente e mortal. **Ó mistério inefável e inaudito!** Deus e Homem. Pessoa divina e humanidade concreta. Infinitamente mais do que os olhos podem ver. União hipostática. Unidade real. No rosto e na atitude, uma expressão a que não encontro nome certo e claro. **CRER SÓ.** Em Jesus só se pode crer e buscar inspiração e força para **VIVER** a experiência concreta de **SEGUIR**.

É NATAL de Jesus.

Boas Festas

De Esperança, de Amor e Luz.

A noite se faz dia. Cristo é o Sol que irradia.

JESUS é o centro, o cerne, a medula, a referência, a pedra angular, o tronco, o mais forte. É o núcleo de força mais essencial. Não há motivo para temer. Quem ficar do lado dele vai viver. Vai vencer. Vai sobreviver. Vai ter paz. Ele é a nossa paz. Ele é tudo. **Ou ele é Deus ou Deus não existe. Mas ele é o nosso Deus Salvador.** De Joelhos, onde quer que se encontre, adorando, reze comigo, pausadamente, ao ritmo de sua respiração, com sentimento e emoção: Senhor... Jesus... Cristo. Fonte da Luz e da Graça. Bendito sejas. Agora. Hoje. Amanhã. Sempre. Por mim. Por todas as criaturas. Bendito sejas. Amém.

É NATAL de Jesus.

Boas Festas

De Esperança, de Amor e Luz.

A noite se faz dia. Cristo é o Sol que irradia.

JESUS, que veio, sempre vem quando invocado, e virá definitivamente naquele tempo, que se aproxima, conhecido só de seu Pai, seja a nossa **PAZ**, a nossa serenidade, a nossa coragem. Sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Convergência